

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**ALINE DA SILVA SOUSA**

**OS EDUCADORES-PALHAÇOS DO GRUPO FANTASIA: O QUE APRENDEM  
E O QUE NOS ENSINAM SOBRE EDUCAÇÃO MORAL**

FORTALEZA  
2010

ALINE DA SILVA SOUSA

OS EDUCADORES-PALHAÇOS DO GRUPO FANTASIA: O QUE APRENDEM E  
O QUE NOS ENSINAM SOBRE EDUCAÇÃO MORAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como um dos requisitos à obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Movimentos sociais, Educação Popular e Escola.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ercília Maria Braga de Olinda

FORTALEZA

2010

**Ficha Catalográfica**  
Bibliotecária – Vanessa Feitosa  
(CRB 003/2011)

S725e Sousa, Aline da Silva

Os Educadores-palhaços do grupo fantasia: o que aprendem e o que nos ensinam sobre educação moral / Aline da Silva Sousa. 2010.

131 f. ; il. color. enc.

Orientadora: Profa. Dra Ercília Maria Braga de Olinda.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, 2010.

1. Educação moral 2. Espiritismo 3. Educação popular I. Olinda, Ercília Maria Braga de (Orient) II. Universidade Federal do Ceará III. Título

CDD: 370.114

ALINE DA SILVA SOUSA

OS EDUCADORES-PALHAÇOS DO GRUPO FANTASIA: O QUE APRENDEM E  
O QUE NOS ENSINAM SOBRE EDUCAÇÃO MORAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como um dos requisitos à obtenção do título de mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Professora Dra. Ana Maria Iório Dias  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Professora Dra. Dora Alice Colombo  
Universidade Santa Cecília - UNISANTA

*Ao Grupo Fantasia,  
Com gratidão e amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pela missão em conjunto nesta existência e por terem me inserido nesta Doutrina consoladora que é a Doutrina Espírita.

À Alisson Zaldir, pelo amor recíproco, pelo incentivo constante e pela compreensão em todos os momentos.

À Ercília, pela orientação tão paciente e carinhosa, acreditando o tempo inteiro em meu potencial, colaborando com este trabalho desde o projeto inicial até este momento conclusivo.

À professora Ana Iório, por gentilmente aceitar contribuir com este trabalho.

À Dora Incontri que pela sua coragem de desbravar novos caminhos ampliou meus horizontes pedagógicos e minha forma de ver a educação.

Aos amigos do Instituto de Pedagogia Espírita do Ceará, pelos debates e reflexões que me ajudaram nesta caminhada.

À Sociedade Espírita de Maracanaú e todos que a compõem, pelo espaço de estudo e vivência da Doutrina Espírita.

Aos amigos de graduação na FAGED, em especial ao “Povo Fresco”, nas pessoas de Cícera Aline, Cristiane Pascoal, Cristiane Rodrigues, Cristiane Theophilo, Daniele Facundo e Josélia, amigas e grandes incentivadoras.

Ao Programa de Pós-Graduação da FAGED, professores e funcionários, por terem colaborado em minha passagem tranquila e rica por esses dois anos de curso.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil, pelo apoio financeiro na realização deste trabalho.

Ao Grupo Fantasia, educadores-palhaços e, acima de tudo, amigos, os quais sem eles este trabalho não seria possível, nem muitos dos momentos felizes que vivenciei até então.

A Deus, sem o qual não poderia ter vivido experiências tão enriquecedoras que me trouxeram até aqui, e aos amigos Espirituais que constantemente senti ao meu lado, guiando-me em cada passo dado.

A todos os amigos e familiares que compreenderam minha ausência em muitos momentos, sem jamais deixar de me apoiar... este trabalho jamais poderia ser feito sem a alegria de ter todos vocês em minha vida!

## RESUMO

A presente dissertação, intitulada *Os educadores-palhaços do grupo fantasia: o que aprendem e o que nos ensinam sobre educação moral*, teve como objetivo geral compreender a visão dos integrantes do Grupo Fantasia sobre a educação moral desenvolvida nas atividades voluntárias realizadas em um dos abrigos visitados por eles - o Abrigo Casa-Família de Maracanaú. Os sujeitos da pesquisa são denominados de educadores-palhaços pela dimensão educacional e social do trabalho desempenhado e por expressarem-se através da figura singular, divertida e libertadora do palhaço. São jovens pertencentes à Mocidade Espírita Nova Geração da Sociedade Espírita de Maracanaú (SOESMA). Com atividades lúdicas e artísticas, o grupo desenvolve uma proposta de educação moral inspirada na Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, no final do século XIX. Não há intenção de fazer adeptos para esta doutrina, mas colaborar na formação de pessoas de bem, de acordo com a moral do Cristo. As perguntas orientadoras da investigação foram: quem são os jovens pertencentes ao grupo? Como atuam? O que o grupo nos ensina e o que aprendem sobre educação moral nas variadas atividades pedagógicas e sociais desenvolvidas por eles? O referencial teórico acerca do desenvolvimento moral, emergiu das perspectivas de Jean Piaget e Lawrence Kohlberg; bem como dos princípios morais de Rousseau e de Pestalozzi, além da moral espírita com base em Allan Kardec. A compreensão do Grupo Fantasia acerca da educação moral foi investigada combinando duas metodologias qualitativas de pesquisa: a pesquisa-ação proposta por René Barbier e Michel Thiollent e a pesquisa (auto)biográfica desenvolvida a quase três décadas por investigadores que utilizam as histórias de vida em formação. Os procedimentos utilizados foram: o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB); criado em pesquisa anteriormente desenvolvida pela professora Ercília Braga com o Grupo Fantasia; a observação participante acompanhada do diário de intinerância, de registros fotográficos e de filmagens. O trabalho realizado permitiu uma ampla reflexão sobre a prática efetivamente realizada, levando o grupo a reelaborar seu projeto pedagógico. A experiência desenvolvida pelos educadores-palhaços pode contribuir para o campo da educação popular, sobretudo no trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes, mais profundamente no desenvolvimento de valores e atitudes que apontam para uma sociedade mais fraterna e justa.

Palavras-chave: educação moral - espiritismo - educação popular

## ABSTRACT

This dissertation entitled *Educators clown of Grupo Fantasia: what we learn and teach about moral education*, aimed to understand the overall vision of the members of Grupo Fantasia on moral education developed in voluntary activities carried out in one of the shelters visited for them - the Family Shelter House, Marazion. The subjects are called clowns by educators and educational dimension of social work carried out and express themselves through the singular figure of the clown fun and liberating. They are young people belonging to the New Generation Youth Spiritist Society of Spiritist Maracanaú (SOESMA). With recreational and artistic activities, the group develops a proposal for a moral education inspired by the Spiritist Doctrine, codified by Allan Kardec in the late nineteenth century. There is no intention to do adherents to this doctrine, but to collaborate in the formation of good people, according to the morality of Christ. The guiding research questions were: Who are the young people belonging to the group? How do they work? What it teaches us and learning about moral education in various educational and social activities undertaken by them? The theoretical about moral development, emerged from the perspectives of Jean Piaget and Lawrence Kohlberg; and moral principles of Rousseau and Pestalozzi, and morality based on spiritualist Allan Kardec. Understanding Group Fantasy about moral education has been investigated by combining two methods of qualitative research: action research proposed by Rene Barbier and Michel Thiollent and Research (auto) biographical developed almost three decades by researchers who use the stories of life in training . The procedures used were: Biographical Reflective Circle (CRB), established in earlier research developed by Professor Braga Ercilia with Grupo Fantasia; participant observation accompanied by the daily intinerância of filming and photographic records. The work has enabled a broad reflection on the practice carried out effectively, leading the group to redesign their pedagogical project. The experience developed by educators clowns can contribute to the field of popular education, particularly in work with children and adolescents, more deeply in the development of values and attitudes that point to a more fraternal and just society.

Keywords: Moral education - educators clowns - popular education

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trakina Menina Malina em 2009 .....	1
Figura 2 – Grupo Fantasia posando para foto em 2009.....	18
Figura 3 – Palhaça Arco-íris e palhaça Lupita Lulu brincando no dia do lançamento do livro <i>Grupo Fantasia: Esperança, responsabilidade e alegria</i> em abril de 2009.....	42
Figura 4 – Grupo Fantasia no Mac Dia Feliz em 2008 .....	65

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise do valor moral escolhido pelo GF no Dilema de Heinz.....	58
Tabela 2 – Análise das normas ou justificativas dos argumentos usados pelo GF no dilema de Heinz.....	59
Tabela 3 – Orientação sócio-moral/elementos para classificação do nível de desenvolvimento moral a partir das respostas do GF no dilema de Heinz.....	60

## SUMÁRIO

<b>1 – CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 – A construção do objeto de estudo.....	2
1.2 - Metodologia .....	12
<b>2 – CAPÍTULO II - GRUPO FANTASIA: EDUCANDO COM AMOR E ALEGRIA .....</b>	<b>18</b>
2.1 – O surgimento de uma prática de amor.....	19
2.2 - Educadores-palhaços ou palhaços que educam?.....	27
2.3 – E o palhaço, quem é?.....	33
<b>3 – CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO MORAL EM DEBATE .....</b>	<b>42</b>
3.1 – A necessidade de uma educação moral .....	43
3.2 – O desenvolvimento moral – de Piaget a Kohlberg .....	46
3.3 – Os dilemas morais .....	52
3.3.1 – O dilema de Heinz.....	52
3.3.2 – O dilema da visita hospitalar .....	61
3.3.3 – Dilema sobre igualdade e autoridade – segundo Piaget .....	62
3.3.4 – Dilema sobre igualdade e autoridade – segundo o Grupo Fantasia.....	63
<b>4 – CAPÍTULO IV – A MORAL ESPÍRITA: FONTE INSPIRADORA DO GRUPO FANTASIA .....</b>	<b>65</b>
4.1 – Espiritismo: uma Doutrina eminentemente educativa.....	66
4.2 – Pedagogia espírita e o ensino inter-religioso.....	69
4.2.1 – O sentimento moral em Rousseau .....	73
4.2.2 – Pestalozzi: educação como ato de amor .....	74
4.3 – A educação moral no Grupo Fantasia.....	77
<b>5 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>95</b>



Figura 1 - Trakina Menina Malina em 2009

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

“Meninas são bruxas e fadas,  
Palhaço é um homem todo pintado de  
piadas!  
Céu azul é o telhado do mundo inteiro,  
Sonho é uma coisa que fica dentro do  
meu travesseiro!”  
Fernando Anitelli

## **1 – INTRODUÇÃO**

### **1.1 – A construção do objeto de estudo**

Trakina Menina Malina é uma palhaça que revela sua personalidade já em seu nome. Ela é uma das palhaças travessas do Grupo Fantasia (GF). Sua cor preferida é laranja, o que a leva a usar acessórios nesse tom pouco discreto. Gosta de dançar, mesmo que isso traga como consequências alguns tropeços, naturais devido ao seu tamanho vertical avantajado, somada à sua falta de equilíbrio e coordenação motora para esta atividade. Isso já lhe causou alguns problemas, desde tapinhas involuntários nos colegas até derrubada de objetos em seu redor. Na verdade, ela tem fama de garota sapeca, mas só é mesmo uma menina atrapalhada, começando pelo seu jeito enrolado de falar, sendo considerada uma prima distante do personagem Cebolinha, da Turma da Mônica, podendo ser esse um dos fatores que gera empatia entre ela e as crianças.

A descrição acima se refere à personagem interpretada por mim durante as visitas realizadas às crianças pelo grupo. Optei por começar a escrita deste trabalho descrevendo-me, ou melhor, descrevendo a Trakina, por reconhecer que esta personagem, com seu jeito meio “atlapalhado” – como ela mesma diria – colaborou para que eu chegasse ao mestrado e me dedicasse à tarefa gostosa de falar, refletir e colaborar com este grupo tão querido, perseguindo o objetivo de: compreender a visão dos integrantes do Grupo Fantasia sobre a educação moral desenvolvida nas atividades por eles realizadas no Abrigo Casa-Família de Maracanaú. Interessa-me, ainda, levantar as contribuições que este grupo pode oferecer para o campo da educação popular, sobretudo no trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes.

Os personagens em atividade no Grupo Fantasia foram caracterizando-se ao longo dos seus 8 anos de existência, a partir da necessidade de deixar mais evidente uma espécie de personalidade de cada palhaço. Caracterizar a Trakina não foi tão difícil, bastou lembrar-me de minha infância. Esta sempre foi minha inspiração desde o início das atividades do Grupo Fantasia. Neste momento, abro um parêntese para rememorar, trazendo imagens e ideias de diferentes momentos da minha vida.

Minha família é constituída por meus pais, Manoel Castro de Sousa e Vera Lúcia da Silva Sousa, além da minha irmã, Lívia da Silva Sousa, um ano mais velha que eu. Desde pequena moramos na cidade de Maracanaú, região metropolitana de

Fortaleza. Cidade que inicialmente tinha características interioranas, mas que tem se desenvolvido muito ao longo dos seus 26 anos de existência.

Quando criança eu gostava muito de brincar na rua, com uma turma grande de amigos e amigas. Gostava até de jogar bola com os meninos. Fiz isso várias vezes escondida do meu pai, até que um dia ele descobriu, pois machuquei o dedo do pé e meu pai não acreditou quando disse que tinha sido brincando com as meninas. Na verdade, brincávamos de tudo, subíamos em árvores, brincávamos de esconde-esconde, numa época em que não havia perigo em se esconder em ruas diferentes da sua. Tenho ótimas lembranças desse período.

Eu e minha irmã tínhamos sempre o apoio de nossos pais em nossas brincadeiras. Diferente do que acontece muito, nossos pais nos davam brinquedos para brincar e não para ficar guardados com medo de serem quebrados. Se desmontássemos as bonecas, na maior paciência, eles montavam, para que no outro dia desmontássemos novamente. Espalhávamos nossos brinquedos, montávamos casinha e chamávamos os colegas para brincar de escolinha no quintal, com direto a riscar com giz o portão preto de entrada da casa. Claro que existiam regras. Ao final tínhamos que botar tudo em ordem novamente.

Em minha infância, eu gostava muito de brincar de boneca, mas gostava também dessas brincadeiras de traquinagem mesmo: de subir em árvore, correr na rua, jogar “bila”, soltar pião... isso eu tentei quando criança, mas só aprendi há poucos meses, ajudando minha amiga Josélia, que desenvolve uma pesquisa sobre artefatos lúdicos, em especial com pião. Foi delicioso finalmente ver meu pião soltando do cordão e sair rodopiando no meio da areia. Os meninos que me ensinaram vibraram junto comigo.

Quando nós começamos as atividades com o Grupo Fantasia, em 2001, eu naturalmente fui resgatando minha infância e me inspirando nela. Percebi que nós estávamos lidando com crianças cuja infância estava quase perdida, seja nos abrigos ou nos hospitais. Muitas dessas crianças, infelizmente, não tinham e ainda não têm a oportunidade de viver momentos como esses que a maioria de nós viveu em nossa infância. Então, eu fui trazendo algumas das características que eu consegui resgatar da minha, em especial, a vontade natural que toda criança tem de brincar e de se divertir.

A forma de falar é uma característica da Trakina e minha até hoje. Eu não consigo pronunciar bem a letra R em algumas palavras. Até me esforço e consigo falar

melhor, mas quando me distraio ou fico mais à vontade, como nos momentos de atividades com o grupo, deixo sair mesmo a letra L no lugar do R. O mais engraçado é que as crianças percebem e perguntam por que eu falo assim “difelente”, que nem “cliança”.

Outra característica minha que a Trakina leva é a minha falta de habilidade artística, ou seja, não sei desenhar um círculo com molde redondo. Durante as visitas, em especial nos abrigos, em que temos a oportunidade de desenvolver atividades de desenho e pintura, as crianças sempre pedem ajuda ou mesmo pedem para que desenhemos por elas, mas, na maioria das vezes, insistem em não acreditar quando a Trakina diz que também não sabe desenhar. Assim, acabo me tornando igual a elas e no final tentamos fazer juntas. Claro que o resultado não é uma obra de arte, mas o que vale é o incentivo, esforço da tentativa e os momentos de diversão e companheirismo.

A Trakina também é especialista em ideias malucas. Na verdade, ela gosta mesmo é de aprontar com os meninos. É que, revivendo ainda o espírito de nossa infância, o grupo brinca com uma eterna “rivalidade fraternal”, existente entre meninos e meninas. A Trakina sempre lidera as meninas, com ideias divertidas e “mirabolantes” para aprontar com os meninos.

Outra característica da Trakina foi construída intencionalmente, que é a forma de se vestir. Ao longo do tempo, a Trakina foi ganhando muitos presentes da cor laranja e passei a adotar essa cor como predominante. A Lívia, minha irmã, uma vez me deu um par de óculos laranja, o Alan tinha uma caneta gigante laranja e trocou comigo, que era de outra cor. Ele mesmo ofereceu a troca, por saber que laranja é a cor preferida da Trakina. Além disso, o nariz de palhaço que a Trakina usa, na maioria das vezes, também é laranja. Já nas roupas, a Trakina se veste mais despojada, diferente de outras palhacinhas mais patricinhas!

Sobre a atuação da Trakina, tenho muito cuidado para não ser tão metódica e sim mais palhaça, porque o palhaço não pensa como professor que quer ensinar algo e sim como alguém que tem vontade de fazer algo divertido e quer o outro ao seu lado pra divertir-se juntos. No trabalho do grupo, existem algumas regras importantes que nós seguimos, mesmo assim, a Trakina encontra espaço para ajudar a Aline a ser um pouco menos metódica.

É desta forma, através de um sorriso sincero e uma parceria divertida, que a Trakina e os demais palhaços do Grupo Fantasia desempenham um papel educativo.

Meus amigos Dudu e Edcarla, também integrantes do grupo, disseram que: muitas vezes estar apenas ao lado de uma criança, fazendo carinho ou mesmo tendo uma boa conversa, faz uma grande diferença para eles, e isso é verdade!

Uma situação de identidade interessante que me lembro aconteceu no Hospital Infantil Albert Sabin. Uma menina, de aproximadamente 4 anos, estava internada com um câncer no cérebro que afetava seu olho, deixando-o estufado. Nem todos aguentavam olhar a situação daquela criança. Mas os palhaços Trakina, Vivalda e Bitoca entraram em seu leito e não viram o olho estufado daquela menina e sim uma criança ansiosa por brincar, divertir-se, com um sorriso lindo no rosto e que só queria a companhia dos palhaços. Ao final da visita, a mãe dela nos procurou dizendo que ela tinha se identificado com a Trakina. A mãe dizia sempre que ela era uma menina muito levada, e isso lembrava o nome da palhaça. A garotinha achou divertido encontrar alguém com esse nome. O engraçado é que a composição do personagem foi feita pensando nessa criança, que gosta de divertir-se e até de aprontar das suas e acaba levando o nome de criança traquina.

Após tantos anos de experiências como essas e de uma construção cada vez mais sólida entre amigos, estive, em um domingo à tarde, na Sociedade Espírita de Maracanaú (SOESMA), local onde o grupo se reúne para preparar-se para as visitas, assumindo um novo papel. Deixei as traquinagens de lado por um tempo e vesti a fantasia de pesquisadora. Fui observar o trabalho do Grupo Fantasia e, pela primeira vez, dediquei-me realmente a olhar para meus amigos e companheiros de atividades de modo diferenciado. Agora meu olhar foi mais atento, ao mesmo tempo descritivo e analítico. Eu descobri, na prática, o significado da expressão “curiosidade epistemológica”, tão cara ao educador pernambucano, Paulo Freire. Claro que não me proponho a deslocar-me para outra esfera, tornando-me imparcial nesta observação, pois seria humanamente impossível, devido ao vínculo que mantenho com este grupo. O desafio de escrever uma dissertação como pré-requisito final para a obtenção do grau de mestre em Educação levou-me a abrir espaço para “ver com outros olhos” o trabalho dos educadores-palhaços que compõem o Grupo Fantasia. E isso fez vir à tona ótimas recordações da minha trajetória de vida até aqui.

O interessante é que antes desta experiência me levar a pensar sobre a relação da minha história de vida com o que sou hoje, pesquisadora e escritora deste trabalho

final, eu não tinha percebido o quanto alguns fatos, aparentemente simples da minha infância, contribuíram tanto para o que sou.

Minha infância, como já vimos, foi plena de elementos que considero importantes para o universo educativo. Hoje valorizo cada momento da infância que tive, pois vejo ali situações constantes de interação e criatividade. O tempo inteiro fui estimulada e desenvolvi o senso de organização, a curiosidade, o compromisso e a responsabilidade, em especial com os estudos. Eu e minha irmã brincávamos muito, como toda criança adora, mas antes de tudo, as tarefas escolares. Esse era o meu cotidiano infantil.

Meu pai era professor de matemática e física numa escola privada próxima de casa. Algumas vezes ele precisava nos levar para a escola, devido algum compromisso da minha mãe. A escola já era muito presente em minha vida, seja no meu horário letivo, seja nos momentos com meu pai no trabalho, ou nas brincadeiras com os amiguinhos em casa, as quais eu sempre fazia questão de ser a professora. Talvez na intenção de imitar o que eu via no meu cotidiano com meu pai, seja ele em sala de aula, seja em casa preparando ou corrigindo prova dos alunos, sempre com grande compromisso e dedicação, que resultava no carinho que todas as turmas tinham por ele.

Da mesma forma, sempre tive o exemplo da minha mãe. Ela sempre adorou ler e ainda hoje mantém esse hábito. Em nossa casa tínhamos muitos livros, sendo em sua maioria livros espíritas, que é o estudo ao qual todos se dedicam até hoje. Meus pais são espíritas, eu e minha irmã também e convivemos com o estudo desta Doutrina desde a infância. Devido à dedicação da minha mãe à leitura, em especial espírita, eu adquiri esse hábito, não apenas de ler, mas de estudar, pesquisar, ter curiosidades por vários temas e buscar novas leituras. Minha mãe tanto nos estimulava ao estudo e leitura, quanto os amigos a sua volta. Às vezes meu pai chegava a reclamar por precisar comprar o mesmo livro várias vezes, pois ela presenteava os amigos com seus livros. O resultado disso é um histórico escolar tranquilo. Sempre fui uma aluna mediana, ou seja, nem das melhores, nem das piores. Porém, para a decepção do meu pai, nós que tínhamos um pai professor de física e matemática, éramos péssimas nessas matérias!

O Espiritismo também teve grande contribuição no caminho que trilhei até aqui. Acompanhei de perto a fundação do Centro Espírita ao qual frequento até hoje, a SOESMA, fundado por iniciativa da minha mãe. Meu engajamento nesta instituição sempre foi intenso, em especial nas atividades relacionadas à infância.

Na fundação da SOESMA, eu tinha apenas 11 anos de idade e já gostava de auxiliar nas atividades com as crianças menores. Também pude colaborar, junto com outros amigos, na criação da Mocidade Espírita Nova Geração, grupo de jovens, que se reúne semanalmente para estudos sobre a Doutrina Espírita a partir de temas de interesse dos jovens.

A mobilização juvenil na SOESMA também rendeu outro fruto, o alvo deste trabalho, o Grupo Fantasia, que realiza atividades pedagógicas usando a figura do palhaço, em visitas às crianças em abrigos e hospitais de Maracanaú e outras instituições como APAE de Maranguape e Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS), em parceria com a Associação Peter Pan (APP).

Em 2002, ingressei no curso de Pedagogia, na UFC, aos 18 anos de idade. Inicialmente tive dúvidas quanto à escolha do curso para o vestibular, pois sempre atribuí grande valor a esta opção, afinal seria a profissão que eu seguiria em minha vida e não queria me frustrar ou ser daquelas alunas que ficam pulando de curso em curso, tentando encontrar-se. Em conversa com minha mãe, ela me ajudou a perceber o quanto a educação já estava presente em minha vida, em especial a partir da Doutrina Espírita, pois, as atividades que desenvolvemos no Centro Espírita com crianças e jovens são pedagógicas, envolvendo elaboração de objetivos, planejamento, execução, avaliação, etc. E, realmente, a cada dia percebo como foi acertada minha escolha, pois não me vejo em outra área de estudo fora da Educação. Mesmo com as dificuldades enfrentadas na universidade pública, como a falta de professores, greve, dificuldades financeiras, etc., nunca me desestimulei. Vi colegas desistindo do curso, ou concluindo e seguindo outras áreas, fazendo até mesmo novo vestibular, mas eu sempre mantive firme minha escolha, porque me identifiquei com a Pedagogia.

Ao ingressar no curso conhecia apenas um educador: Johann Heinrich Pestalozzi. Esse conhecimento era insipiente, limitando-se às referências adquiridas nos meus estudos sobre Allan Kardec. Minha expectativa era que no curso de Pedagogia pudesse conhecer um pouco mais sobre este que foi mestre do professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita. Mas, isso não aconteceu, conheci muitos outros, também muito interessantes, mas o que procurava mesmo eram experiências diferenciadas, fora da educação tradicional, e algo assim só conheci mesmo em 2004, a partir do Instituto de Pedagogia Espírita do Ceará (IPE-CE), grupo que se propõe a estudar a Pedagogia

Espírita. A partir daí vi outras formas de fazer educação, conheci uma educação mais espiritualizada, com valorização do amor e não apenas da dimensão intelectual do ser, contemplando o ser em outras dimensões como moral, corporal, afetivas e espirituais.

Curiosa como sempre fui, descobri a Pedagogia Espírita fora dos muros da Faculdade, que pareciam impedir o debate sobre questões ligadas à espiritualidade. Ao conhecer a Pedagogia Espírita, vi que ela não tem uma dimensão religiosa proselitista, assim como não a tem a Doutrina Espírita, que dá as bases desta proposta pedagógica. Foi nela que percebi que sentia falta na Universidade, era de um olhar mais integral sobre a educação e sobre o ser humano.

A Universidade limita-se a olhar o indivíduo nos aspectos cognitivos, sociais, políticos e culturais, podendo chegar, no máximo, ao campo afetivo. Mas, o ser humano é repleto de outras tantas dimensões, dentre elas a espiritual, que é silenciada nos ambientes acadêmicos.

É comum ouvirmos falar do materialismo acadêmico, pois a academia é o espaço privilegiado para a produção do saber científico. Contudo, há também a preocupação científica no espiritualismo e mais especificamente no Espiritismo, pois não se tem notícias de comprovações científicas do materialismo, que nega qualquer dimensão além da matéria, diferente do que percebemos do campo da espiritualidade, que possui atualmente a física quântica com avanços precisos na comprovação dessa dimensão. Desta forma, fui encontrando professores na universidade com idéias afins. E assim minha passagem por esta instituição ficou marcada também pelos gostosos diálogos com professores e conversas formadoras nos corredores.

Ainda na graduação, fiz questão de me envolver em grupos de pesquisa, desenvolvendo atividades como bolsista de iniciação científica, no grupo Saber e Prática Social do Educador, coordenado pelo professor Jacques Therrien. E esta experiência foi enriquecedora, pois foi a partir dela que pude melhorar minha escrita e compreender melhor os caminhos da pesquisa acadêmica. Foi essencial para minha formação, pois obtive aprendizados que, se tivesse me limitado em assistir às aulas, jamais teria adquirido. Por outro lado, em determinada altura do curso, saí do grupo de pesquisa para atuar como professora. Sentia vontade de estar no cotidiano escolar e isso contribuiu muito para minha formação. Foi um complemento necessário, não queria esperar chegar ao final do curso para ter a experiência de sala de aula através do estágio,

precisei buscar isso antes, e esta experiência prática é imprescindível na formação do pedagogo.

Foi então que fui convidada para fazer um acompanhamento pedagógico às crianças de um dos abrigos que o Grupo Fantasia visita, a Casa Família. A coordenadora da época era recém ingressa do curso de pedagogia da UFC, me conhecia e fez o convite que foi aceito de imediato. Foi um ano maravilhoso. Além de ir para o abrigo aos domingos como palhaça do Grupo Fantasia, eu ia durante a semana para o acompanhamento pedagógico com as crianças.

O abrigo é coordenado por um grupo católico, as Irmãs Missionárias da Congregação de Nossa Senhora das Dores. A organização geral da casa como a comida, limpeza, administração, burocracia de adoção, tomava muito o tempo delas e o campo da educação das crianças e adolescentes estava ficando de lado. Inicialmente, meu papel era praticamente de uma professora de reforço escolar, mas fiz questão de fazer mais. Além de acompanhar os estudos e tarefas escolares em casa, eu ia à escola, conversava com os professores, assistia apresentações artísticas, trabalhos e gincanas. Estas ações eram importantes tanto para que eu conhecesse melhor o contexto de vida das crianças, para colaborar no desempenho pedagógico delas, quanto para elas sentirem um acompanhamento mais próximo em suas atividades escolares e em suas vidas, proporcionando mais segurança a elas. Às vezes, o problema que aparentemente tinham na escola, não advinha da matéria ou do professor. Era a saudade da família, a preocupação com os irmãos, a vontade de estar em família, de ter um abraço carinhoso, um ombro amigo ou uma conversa descontraída.

Eu me sentia um pouco pestalozziana, cuidando de crianças e adolescentes num abrigo, assim como o educador suíço fez com 80 órfãos de guerra, sozinho no século XIX. A preocupação deste educador não era, inicialmente, o ensino do conteúdo, mas sim formar uma família, manter uma convivência harmônica, educar o coração, para depois educar a cabeça, como ele mesmo dizia. Minha experiência durou um ano, depois concluí a graduação e tentei ingressar no Mestrado, mas não consegui. Então, enquanto preparava-me para seleção do ano seguinte, fui para a sala de aula, como professora de educação infantil de uma escola particular na cidade de Pacatuba – vizinho à Maracanáu. E foi mais uma bela experiência.

Passei um ano trabalhando numa sala com crianças de três anos de idade, num ambiente escolar o qual adorava. Tanto professores, quanto coordenadores e diretores

eram pessoas pelas quais sentia grande afinidade, que se preocupavam com o bem-estar do aluno, a formação de um cidadão consciente de seu papel na sociedade, um ser humano voltado para o bem e não apenas preocupado com suas notas no boletim.

Pacatuba é uma cidade pequena, de clima serrano e familiar e lá me senti muito à vontade, não havia ambiente de cobranças, como existe na maioria das escolas sobre planejamento, conteúdo, resultados, etc. Lá havia clima de confiança e cooperação. Havia abertura para os professores exporem suas idéias, dar sugestões e colaborar para melhorar o trabalho da escola. Em todas as experiências pedagógicas que realizei, encontrei um pouco daquilo que procurava, um trabalho pedagógico afetivo englobando o ser humano de maneira mais integral possível.

Na Universidade, sabia da existência de uma linha de pesquisa na Pós-Graduação em Educação Brasileira que atuava dentro da dimensão pedagógica por mim desejada: a linha de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola, com o eixo temático Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade. Era aqui que eu desejava estar. Minha aproximação com este eixo deu-se através da oportunidade de participar, como membro do Grupo Fantasia, da pesquisa intitulada “Os Significados da Experiência Religiosa para Jovens Espíritas”<sup>1</sup> coordenada por minha futura orientadora, a professora Ercília Braga, que, naquele momento, desenvolvia seu estágio Pós doutoral em Ciência da Religião. Neste momento, eu já manifestava interesse em desenvolver uma pesquisa sobre este grupo, mas, a partir do trabalho biográfico realizado na pesquisa anteriormente referida, novas questões emergiram, levando-me à pesquisa ora concluída.

A partir dessas experiências, os objetivos deste trabalho foram se delineando e algumas questões norteadoras foram se sobressaindo: como surgiu o interesse do Grupo Fantasia pelo desenvolvimento de atividades educativas? Por que a opção pela educação moral e quais as necessidades e interesses por esta proposta? Quais as concepções dos educadores-palhaços sobre educação moral? Como a metodologia de trabalho foi sendo formatada ao longo dos oito anos de existência do grupo? Que contribuições o Grupo

---

<sup>1</sup> Na pesquisa foi criado o Círculo Reflexivo Biográfico (OLINDA, 2010), dispositivo de pesquisa e de formação que facilitou a articulação, por parte dos jovens, dos significados atribuídos à experiência religiosa, mostrando as consequências da participação no Grupo Fantasia na vida de cada um. A investigação resultou na publicação do livro Grupo Fantasia: Esperança, Responsabilidade e Alegria (OLINDA, 2009). Participei dos trabalhos, tanto como membro do Grupo Fantasia, quanto auxiliando a professora no decorrer das atividades.

Fantasia oferece aos educadores populares? Quais as consequências do trabalho realizado para a formação pessoal de cada membro do grupo?

Ao responder tais questões, espero contribuir com o Grupo Fantasia no aprimoramento de suas atividades. Para tanto, foi de fundamental importância a concepção educativa e epistemológica de Paulo de Freire que se baseia na dinâmica ação-reflexão-ação e na dialogicidade, ou seja, numa prática pedagógica reflexiva e coletiva que parte do saber de experiência feito com o objetivo de trazer à tona questões, dúvidas, interesses e necessidades.

Olinda (2009) afirma que durante uma das atividades desenvolvidas com o Grupo Fantasia - a roda de conversa - que objetivava aprofundar o significado do pluralismo religioso para os jovens, percebeu que em muitos momentos faltava estudo para aprofundar as opiniões dentro do debate. Havia falas pautadas na compreensão do direito à diferença dentro de dimensões práticas, mas sem aporte teórico, que poderia embasar mais ainda o debate, gerar mais discussões, maiores reflexões e senso crítico.

Percebi que tal conclusão também era verdadeira para a compreensão sobre o conceito de educação moral. Entendi, assim, que poderia contribuir com a formação continuada do grupo, convidando-os a tornarem-se pesquisadores de sua prática junto comigo. Desse modo, o grupo tornou-se pesquisador e, juntos, realizamos uma investigação formação nos moldes de uma pesquisa-ação (BARBIER, 2007), além de dar atenção à dimensão biográfica, tal como é entendida pela pesquisa (auto)biográfica.

Aprendi que não faz sentido estar na Universidade pesquisando sobre algo alheio às nossas vidas. Os trabalhos pesquisados devem ter relação direta com as nossas experiências de vida. Isso os torna mais prazerosos e instiga a curiosidade epistemológica – referendando Freire – porque aí existe um sentido para nós.

Minha trajetória trouxe-me até aqui. Rememorar estes fatos me fez perceber claramente o caminho que trilhei até chegar a este ponto. As brincadeiras de infância, a convivência escolar mais ampla através do meu pai, o incentivo ao estudo por minha mãe, o envolvimento com as atividades educacionais com crianças a partir do Centro Espírita, ser palhaça no Grupo Fantasia, a escolha do curso de Pedagogia, conhecer a Pedagogia Espírita e estar finalizando o curso de Mestrado hoje, tudo faz parte de um caminho que me levará a algum lugar que ainda descobrirei onde é.

Para detalhar melhor os traçados deste trabalho, apresento a seguir os objetivos específicos da pesquisa:

- destacar a necessidade da educação moral do ser para promover uma educação integral do homem;
- sintetizar o significado da educação moral para a Doutrina Espírita;
- investigar os interesses e princípios do grupo diante da opção pela educação moral;
- compreender e problematizar a concepção de educação moral expressa pelos membros do grupo;
- analisar a prática pedagógica desenvolvida no espaço do abrigo.

## **1.2 – Metodologia**

Para o desenvolvimento desta proposta de pesquisa, tomei o caminho de uma metodologia de investigação em que fosse possível uma participação direta dos membros do Grupo Fantasia no desenrolar do processo, visto que a participação efetiva do grupo é de caráter fundamental para atingir alguns dos objetivos supracitados.

Assim, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, a partir de uma metodologia que permitiu uma ampla e explícita interação entre a pesquisadora e as pessoas envolvidas na situação. Combinei a pesquisa-ação, tal qual é proposta por Barbier (2007) e Thiollent (2007), com a pesquisa (auto)biográfica que toma o sujeito aprendiz e sua trajetória de vida como o centro da investigação que, por sua vez também tem uma dimensão formativa.

Thiollent (2007, p.18 e 19) afirma que “o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada”. E ainda acrescenta que “a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.”

Enveredar por essa metodologia significa também romper com os padrões de pesquisa tradicional na Universidade, pois Barbier (2007) aponta a pesquisa-ação não apenas como uma metodologia de transformação da realidade em colaboração com sujeitos envolvidos nela, mas também como uma nova forma de conceber pesquisa em Ciências Humanas. Na pesquisa-ação,

O pesquisador desempenha, então, seu papel profissional numa dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte. (BARBIER, 2007, p. 18).

Foi exatamente o que pretendi realizar, uma pesquisa na qual pudéssemos colaborar mutuamente, pesquisadora e grupo pesquisado. Também faço parte da práxis do Grupo Fantasia e esta relação com o grupo possibilitou a realização de uma pesquisa a fim de atingir os objetivos deste trabalho.

Denzin (2006, p. 43) destaca que “os sujeitos envolvidos na pesquisa tornam-se co-participantes e colaboradores no processo de investigação. A pesquisa transforma-se em práxis – ação prática, refletiva, pragmática – voltada para a solução de problemas no mundo.”

Desta forma, iniciei as atividades com o Grupo Fantasia através da Observação Participante. Chizzoti (1998, p. 90) explica que “a observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista.”

Dentro da observação participante, o recurso do diário de campo foi fundamental. Bogdan e Bicklen (1994, p.150) afirmam que as notas registradas no diário de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.”

Além do diário de campo, os recursos da fotografia e das filmagens trouxeram grandes contribuições por destacarem a imagem – seja estática ou em movimento – que colabora para, após as observações, destacar novas situações, registro mais detalhado do ambiente, das ações, proporcionando também rever as situações já observadas em tempo real.

Estes recursos serviram também para atingir os objetivos perante a reflexão do grupo acerca de suas práticas, não se prendendo apenas aos registros da memória – que por mais rica que seja, pode não suprir totalmente as necessidades; com filmagens, fotografias e os registros no diário de campo, momentos específicos puderam ser revisitados, colaborando no processo avaliativo do grupo e no desenvolvimento deste trabalho.

Procedendo desta maneira, registrei 8 visitas do grupo em um, dentre os três abrigos visitados. Julguei prudente focar minhas observações na atuação do grupo apenas em um desses espaços e para a escolha adotei como critério um local no qual o grupo já possuísse tempo de atuação considerável, revelando conhecimento do contexto visitado e até mesmo maior proximidade/afinidade com os integrantes da instituição.

Desta forma, o local que atinge esses critérios iniciais é o abrigo Casa Família Maria Mãe da Ternura. Neste espaço, os integrantes possuem grande autonomia na realização de suas atividades, mantém uma relação de amizade, confiança, respeito, carinho com todos que compõe esta Instituição e ainda possuem total apoio das coordenadoras do abrigo para o desempenho das atividades propostas pelo grupo, obtendo uma parceria no desenvolvimento de atividades e metas.

O relacionamento mais amigável e menos burocrático com esta instituição também colaborou para a autorização do abrigo para as fotografias e filmagens realizadas durante as visitas observadas.

Os dados da pesquisa (auto)biográfica realizada com o grupo pela professora Ercília Braga, na qual tive a oportunidade de colaborar, também foram explorados, especialmente no que se refere ao desenvolvimento do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB). Criado por Olinda (2009), foi utilizado como dispositivo de pesquisa e formação, apropriando-se de variadas linguagens, inclusive da arte, para que os integrantes do grupo expressassem sua experiência religiosa, culminando nas suas tessituras biográficas.

O material produzido a partir do CRB contém elementos importantes para compreensão e reflexão da práxis do Grupo Fantasia e por isso foi explorado, pois compreendo que a experiência de vida destacada nos relatos (auto)biográficos dos integrantes do grupo constitui-se como experiências formadoras e, portanto, significativas para esta dissertação, que visa compreender a práxis do Grupo Fantasia.

Após este período, elaborei, com a ajuda constante de minha orientadora, uma proposta de 8 encontros com o Grupo Fantasia. Inspiradas no CRB, vivenciado pelo grupo, desenvolvemos uma sequência de encontros também em formato de Círculos Reflexivos, os quais apresento resumidamente aqui e que terão seus resultados expostos ao longo do trabalho.

Todos os encontros foram realizados na sede da SOESMA. Dentre os 12 membros do grupo, tivemos uma média de presença de 10 em cada encontro, tendo

encontros com presença total dos membros do grupo. Cada encontro foi programado para 4 horas de duração. Por duas vezes, tivemos a oportunidade de passarmos o dia inteiro reunidos, contabilizando o equivalente a dois encontros em cada um desses dias.

Os encontros foram iniciados com momentos inspirados no **Despertar Consciencial** desenvolvido no CRB. São atividades que “envolvem o ser na ação presente, atento ao seu despertar espiritual, cognitivo, corporal e afetivo” (OLINDA, 2009, p. 25). Foram atividades de reflexão, relaxamento, dinâmicas para estreitar mais ainda os laços de confiança e afeto entre os membros do grupo.

No primeiro encontro, realizamos um contrato grupal. Foram feitas a exposição dos objetivos e da proposta de atividade a ser desenvolvida com o grupo. Houve uma aceitação imediata por parte dos integrantes, que manifestaram grande empolgação com as atividades propostas, inclusive dando sugestões para os encontros, dentre elas, sugestões de estudo e uso de textos sobre Educação Moral, demonstrando total interesse de aprendizagem e formação continuada com estes encontros. Assim, foi definida a participação dos mesmos nas atividades planejadas, bem como elaboramos um calendário com datas e horários dos encontros seguintes.

O segundo e terceiro encontros foram feitos ao longo de um dia inteiro de atividades. Trabalhamos inicialmente a identidade do palhaço. Foi um momento que podemos até chamar de **tessitura biográfica do personagem** exercido no Grupo Fantasia. Cada integrante do grupo descreveu seu personagem de palhaço, narrou como o personagem surgiu e foi se construindo, trazendo momentos marcantes vividos nas atividades do Grupo Fantasia e apresentando sua visão deste palhaço enquanto educador. Também foi realizada uma **roda de conversa**, visando extrair dos membros do grupo sua visão sobre mesmo, buscando consenso na definição do Grupo Fantasia, seus objetivos, metodologia, inspirações, etc.

A narrativa do encontro anterior foi gravada e transcrita por cada integrante do grupo e no quarto encontro foi realizado uma **intervenção grupal** desta narrativa. Momento em que os demais colegas do grupo, diferente do primeiro momento, puderam interferir na narrativa ora lida, acrescentando a visão do grupo acerca do personagem ali descrito.

O quinto e sexto encontros também foram realizados ao longo de um dia inteiro de atividades, que se iniciou com mais uma **roda de conversa**, desta vez sobre a visão do Grupo Fantasia sobre o trabalho educativo desenvolvido por eles, em especial,

o que compreendem sobre Educação Moral. No período da tarde foi realizada uma **análise grupal**, com apresentação dos vídeos, fotos e alguns trechos das anotações do diário de campo. Este momento objetivou compreender, na prática, a metodologia de ação do grupo no abrigo Casa-Família e sua relação com os membros desta instituição. Neste encontro também foi realizado uma sequência de 4 testes, envolvendo **Dilemas Morais** inspirados em Kohlberg e Piaget, com o objetivo de conhecer o nível de desenvolvimento moral deste grupo, que visa desenvolver a moralidade de crianças e jovens visitadas.

No sétimo encontro foi realizado um estudo sobre Educação Moral. Foram utilizados leitura de texto e debate, além de apresentações em slides. Ainda neste encontro foi apresentado e discutido o resultado dos testes aplicados no encontro anterior e foi deliberada uma atividade final para os nossos encontros.

O momento da atividade final, desenvolvido no oitavo encontro, foi de grande importância, visto que foi a forma que encontramos de sintetizar e registrar os aprendizados ao longo das atividades da pesquisa. Baseado na necessidade do grupo que há anos deseja reformular seu Projeto Pedagógico, considerado ultrapassado, pois sua redação era ainda da fundação do grupo, tendo sido revista parcialmente quatro anos depois, nos dispomos a trazer à tona os resultados do trabalho desenvolvido. Desta forma, todo o Grupo Fantasia, inicialmente com atividades individuais, em seguida coletivamente, reformulou e atualizou o Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia, registrando neste documento a visão atual do grupo sobre o trabalho criado em 2001, amadurecido, desenvolvido e aperfeiçoado até a presente data.

A seguir, apresento os próximos capítulos que compõem esta dissertação.

No segundo capítulo, apresento o Grupo Fantasia. Que grupo é este? Quem são seus integrantes? Como ele surgiu? Como é constituído? Como e onde ele atua? Quais seus objetivos e a metodologia de suas atividades?

Este capítulo inicial foi constituído a partir de minha vivência no grupo, das observações, da experiência na pesquisa da Professora Ercília Braga, dos registros e atividades do Círculo Reflexivo, bem como a partir da análise e reelaboração do Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia.

No terceiro capítulo, pretendo desenvolver um quadro teórico inicial sobre Educação Moral, apresentando as perspectivas de Piaget e Kohlberg, tendo como base os Dilemas morais aplicados ao grupo.

O capítulo seguinte estende-se à questão da Educação Moral na compreensão do Grupo Fantasia. É apresentada uma discussão em torno da Moral Espírita. Em ambos os capítulos, tem-se como subsídios tanto material bibliográfico, como as atividades do Círculo Reflexivo realizado com o GF.

Por fim, apresento as considerações finais desta pesquisa, baseadas não apenas numa visão unilateral, enquanto pesquisadora, mas numa visão coletiva, trazendo as colaborações dos coparticipantes deste trabalho, visto que este foi realizado com plena participação dos integrantes do grupo.

Acredito que o desenvolvimento deste trabalho tornou-se útil em dois níveis: no processo de sistematização e compreensão dos integrantes do Grupo Fantasia sobre suas ações, especificamente voltadas para a educação moral do ser, seus objetivos e suas consequências pedagógico-sociais na comunidade em que atuam; e para outros grupos que existem ou venham a existir, desenvolvendo atividades com características semelhantes às do Grupo Fantasia.

Desta forma, o conhecimento científico também foi privilegiado por ter mais uma oportunidade – por singela que seja – de romper com a crise moral oriunda do materialismo permanente na sociedade e aproximar-se de outro polo, do qual as práticas pedagógicas insistem em se distanciar: uma educação preocupada com o homem como um ser moral desde a infância.



Figura 2 – Grupo Fantasia posando para foto em 2009.

## CAPÍTULO II

### GRUPO FANTASIA: EDUCANDO COM AMOR E ALEGRIA

“O importante é você vencer a inércia, as resistências, e começar. À medida que você for se doando, a alegria e o bem-estar que sentirá irão estimulando-o a abrir-se cada vez mais para as necessidades dos que o cercam.”

Patch Adams

## 2 - GRUPO FANTASIA: EDUCANDO COM AMOR E ALEGRIA

### 2.1 - O surgimento de uma prática de amor

Pretendo neste momento apresentar o Grupo Fantasia e sua história, descrevendo quem ele é, o que faz, como faz, como começou a fazer e para que faz. Começarei contando a história desse grupo subsidiada por minha participação em sua construção e nos relatos e dados colhidos e publicados por Olinda (2009), no livro *Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria*.

Tudo começou na Sociedade Espírita de Maracanaú (SOESMA), Centro Espírita fundado em 1993, na cidade de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza.

Antes de explicar melhor o que é um Centro Espírita, é preciso entender que o Espiritismo é uma Doutrina organizada por Allan Kardec nos anos de 1857 a 1869, período em que ele publicou um conjunto de cinco obras, chamadas de Codificação Espírita e nela está contido todo o fundamento desta Doutrina Cristã, são elas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Os livros *O que é o Espiritismo* (1859) e *Obras Póstumas* (1890), juntamente com o conjunto de artigos publicados na *Revista Espírita* (1858-1869), da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, também podem ser considerados como parte do corpo teórico e experimental que compõem o Espiritismo. Atualmente, a obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, especialmente aquelas ditadas pelos Espíritos Emmanuel<sup>1</sup> e André Luiz<sup>2</sup>, são aceitas como conhecimento complementares a obra básica deixada por Kardec.

Sendo assim, a partir do interesse de estudo e prática desta Doutrina, foram surgindo os Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas, que, de acordo com Federação Espírita Brasileira (FEB)<sup>3</sup>, órgão dirigente do Movimento Espírita em nível nacional, são considerados as unidades fundamentais do Movimento Espírita. Desenvolvem atividades gerais de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita, podendo ser de

---

<sup>1</sup> As obras de Emmanuel são compostas por romances históricos, livros de aconselhamento espiritual ou ainda livros com explicações e comentários acerca de passagens da Bíblia.

<sup>2</sup> A obra de André Luiz compreende 16 volumes, cujo enfoque central é a dimensão científica da Doutrina Espírita.

<sup>3</sup> Reconhecida de Utilidade Pública em nível federal, estadual (estado do Rio de Janeiro) e no Distrito Federal, a FEB tem registro no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). Tem o Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos, concedido pelo CNAS, renovado trienalmente.

pequeno, médio ou grande porte. Atendem as pessoas que buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais e que querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita. Essas pessoas podem tornar-se, ou não, trabalhadores das Casas Espíritas, colaborando e servindo em qualquer área de ação que a prática espírita oferece.

Desta forma, ainda de acordo com a FEB, Movimento Espírita é “o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade”<sup>4</sup>. Pessoas, isoladamente ou em conjunto, e Instituições Espíritas, realizam as atividades que compõem o Movimento Espírita.

No site da FEB encontra-se o seguinte detalhamento sobre o significado de Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas:

- núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas;
- escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;
- postos de atendimento fraternal para todos os que os procuram com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;
- oficinas de trabalho que proporcionam aos seus frequentadores oportunidades de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;
- casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;
- recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus frequentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do “Amai-vos uns aos outros”;
- núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores.

---

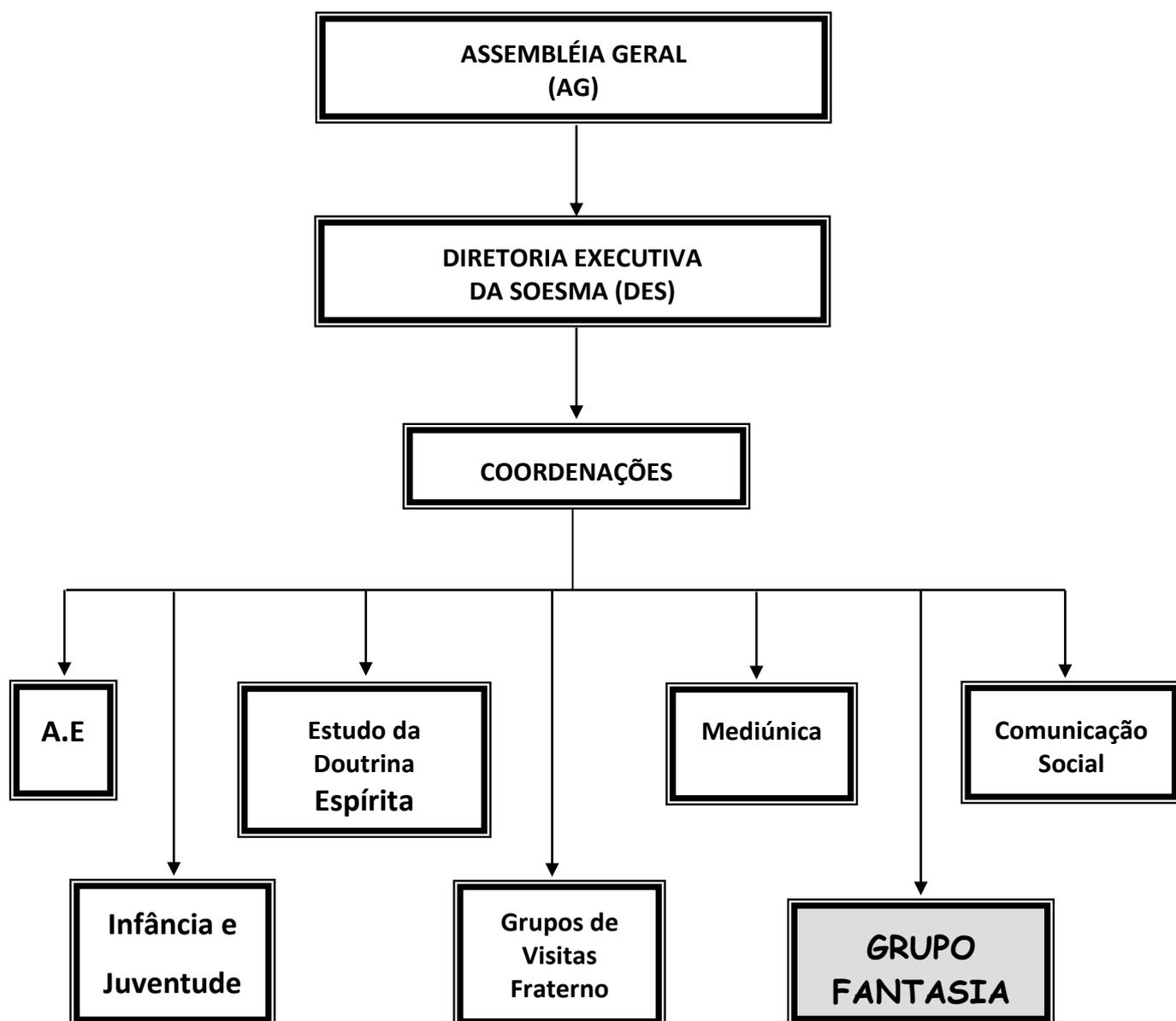
<sup>4</sup> Fonte: Portal da FEB na INTERNET – [www.febnet.org.br](http://www.febnet.org.br).

As atividades básicas desempenhadas pelos Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas são:

- **reuniões de estudo da Doutrina Espírita**, de forma programada, metódica ou sistematizada, destinadas às pessoas de todas as idades e de todos os níveis culturais e sociais, que possibilitem um conhecimento abrangente e aprofundado do Espiritismo em todos os seus aspectos;
- **reuniões de explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, aplicação de passes e atendimento fraterno através do diálogo**, para as pessoas que procuram e frequentam os núcleos espíritas em busca de esclarecimento, orientação, ajuda e assistência espiritual e moral;
- **reuniões de estudo, educação e prática da mediunidade**, com base nos princípios e objetivos espíritas, esclarecendo, orientando e preparando trabalhadores para as atividades mediúnicas;
- **reuniões de evangelização espírita para crianças e jovens**, de forma programada, metódica ou sistematizada, atendendo-os, esclarecendo-os e orientando-os dentro dos ensinamentos da Doutrina Espírita;
- **trabalho de divulgação da Doutrina Espírita** através de todos os veículos e meios de comunicação social compatíveis com os princípios espíritas, tais como: palestras, conferências, livros, jornais, revistas, boletins, folhetos, mensagens, rádio, TV, cartazes, fitas de vídeo e áudio;
- **serviço de assistência e promoção social espírita** destinado a pessoas carentes que buscam ajuda material: assistindo-as em suas necessidades mais imediatas; promovendo-as por meio de cursos e trabalhos de formação profissional e pessoal; e esclarecendo-as com os ensinamentos morais do Evangelho à luz da Doutrina Espírita;
- estimular e orientar os seus frequentadores para a implantação e manutenção da **reunião de estudo do Evangelho no Lar**, como apoio para a harmonia espiritual de suas famílias;
- participar das **atividades que têm por objetivo a união dos espíritas e das Instituições Espíritas e a unificação do Movimento Espírita**, conjugando esforços, somando experiências, permutando ajuda e apoio, aprimorando as atividades espíritas e fortalecendo a ação dos espíritas;

- **atividades administrativas** necessárias ao seu normal funcionamento, compatíveis com a sua estrutura organizacional e com a legislação do seu país.

Na SOESMA não é diferente. Há palestras públicas com debates de temas espíritas e de interesse social; atendimentos fraternos para amparo espiritual (A.E.); atividade de intercâmbio mediúnico nas reuniões mediúnicas; atividades com jovens nos encontros da Mocidade Espírita Nova Geração (MENGE); evangelização infantil; e momentos de estudo informais e sistematizados. Nesse último grupo, há o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), o Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) e o Grupo de Estudos Mediúnicos (GEM). Há ainda grupos de visitação fraterna, nos quais trabalhadores da SOESMA visitam pessoas enfermas em suas residências. Foi neste espaço que surgiu o Grupo Fantasia, realizando, de forma diferenciada do que foi anteriormente citado, suas atividades educativas e sociais. Vejamos a seguir um organograma da estrutura organizacional da SOESMA:



Em outubro de 2001, as voluntárias das atividades com as crianças da SOESMA, que são chamadas de evangelizadoras infantis, decidiram fazer uma atividade diferente em comemoração ao Dia das Crianças. Era uma iniciativa de Fátima Barbosa, Ana Célia Nogueira, Sandra Maciel, Hildenice Albuquerque, Hildênia Albuquerque, Lívya Sousa e Aline Sousa... Sim, eu também estava lá!

Foi proposto às crianças da Evangelização Infantil realizar uma campanha para arrecadar brinquedos e fazer a doação destes em um dia próximo ao Dia das Crianças. Todos se empenharam bastante e os jovens da MENGE também se dedicaram à tarefa.

Foram arrecadados muitos brinquedos que foram entregues, no dia 11 de outubro daquele ano, no Centro de Apoio e Desenvolvimento em Educação Especial (CADEE), que se localizava próximo à SOESMA. Os jovens da mocidade reuniram-se com as evangelizadoras e ensaiaram um teatrinho de fantoches da história *O soldadinho de chumbo*.

Lembro-me daquela manhã. A peça não teve o resultado esperado, pois a maioria das crianças era deficiente auditiva, por conseqüência não se prenderam ao teatrinho pelas falas, mas sim pelos bonecos. Mesmo assim foi maravilhoso! Fizemos a distribuição dos brinquedos e de esculturas de balões, levando encantamento a todos. Tudo foi tão especial que a Tia Fátima – como é carinhosamente chamada a Fátima Barbosa – num momento de inspiração, propôs que esse trabalho fosse realizado mais vezes, visitando outras instituições, como abrigos infantis e pediatria de hospitais. Dessa forma, este dia é considerado por nós como a data do surgimento do Grupo Fantasia.

O grupo original era composto por Aline, Denise, Fátima, Gabriela, Lívia, Rafael, Pauliana, Hildelane, Hildenice, Janier, Nunes e Sandra. Os seis últimos foram se afastando aos poucos, por motivos diversos, dando lugar a novos membros que chegaram e saíram. Outros entraram e permanecem até hoje: Emmanuel, Arlete, Ary Hudson, Kédyna, Alan, Edcarla e Gleison (antigo membro do grupo que está se reaproximando das atividades). A formação atual é de 12 voluntários.

Éramos jovens entre 15 e 20 anos e pretendíamos levar alegria a crianças carentes de um sorriso. O trabalho começou apenas com essa força juvenil. Foram reunidas algumas roupas coloridas, os rostos foram pintados de personagens, como palhaço, Emília e animais, e assim começaram as visitas ao Hospital Municipal de Maracanaú (HMM) e ao Abrigo Casa-Família Maria Mãe da Ternura da Congregação Católica das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Dores, também situado em Maracanaú.

Em conversa com Irmã Karla, atual coordenadora do abrigo, ela relatou que inicialmente a Instituição atendia, em forma de prevenção e orientação, mulheres e jovens grávidas do bairro Piratininga, em Maracanaú. Em 1999, tornou-se abrigo, possuindo uma média de atendimentos a 25 crianças. Foi fundado por Irmãs Missionárias da congregação de Nossa Senhora das Dores, que possui entidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Entretanto, no Brasil, a única instituição da congregação que possui o trabalho de abrigo infantil é a Casa Família; as demais

possuem outros focos sociais, desenvolvendo trabalhos de reforço escolar e atendimento à comunidade.

As Casas mantidas no México e nos EUA são destacadas pela Irmã Karla por suas atividades frente aos movimentos que lutaram contra a segregação racial e pela valorização e cuidado da criança.

Atualmente, o Abrigo ainda não possui certificado de filantropia. Este seria de grande importância para o lugar, pois daria abertura para o recebimento de recursos financeiros do Estado. O recebimento deste certificado é um dos desafios pelo qual passa a Instituição, pois, sem ele, a Casa Família é vista como instituição religiosa que desenvolve amparo à comunidade em nível de abrigamento de crianças encaminhadas pela 4ª Vara da Infância e Adolescência e pelo Conselho Tutelar da Prefeitura de Maracanaú.

Diante das condições burocráticas atuais, o abrigo deveria receber ajuda financeira do Município, com contrato renovado anualmente de parcelas mensais (12) de ajuda financeira. Contudo, a Irmã Karla deu como exemplo o ano de 2008, no qual durante todo o ano receberam apenas cinco, das doze parcelas que teriam direito, e os demais pagamentos nunca foram efetuados. O contrato foi renovado e até o mês de junho de 2009 (data desta entrevista) apenas três parcelas foram depositadas.

Esta é uma das maiores reivindicações da coordenação do Abrigo, pois a dificuldade financeira é a maior de todas. A Instituição se mantém praticamente através de doações em alimentos, vestimentas e materiais de limpeza de pessoas físicas que se sensibilizam com a situação do Abrigo. Além disso, o espaço possui convênio com a 4ª vara que repassa cestas básicas doadas por pessoas detidas pelo juizado de pequenas causas do Fórum de Maracanaú.

Atualmente a Casa Família possui 18 crianças abrigadas, sendo a maioria grupos de irmãos. Apenas quatro crianças estão no Abrigo hoje, sem irmãos. O regimento interno da Casa regulamenta que as Missionárias deverão receber apenas meninas de 0 a 7 anos de idade. Entretanto, há meninos morando na Casa, mas que foram aceitos para que não se separassem de suas irmãs consanguíneas.

Além das crianças, as quais seis estão na fase de adolescência e moram há anos no Abrigo, existem sete freiras que moram e cuidam das crianças e dos adolescentes. A Instituição não possui funcionários, pois não tem condições financeiras para mantê-los.

A maioria das Freiras residentes na Casa concluiu ou estão concluindo cursos de nível superior, como Letras, Pedagogia, Teologia e Psicologia. Um dos objetivos da realização desses cursos superiores é melhorar a qualidade no atendimento a crianças e jovens abrigados na Casa. Um exemplo é a dificuldade de atendimento psicológico, que é parcialmente sanado devido ao empenho de uma das Irmãs que está prestes a concluir o curso de Psicologia na UFC.

A primeira visita do grupo à Casa Família foi na festa de Natal do ano de 2001, e, neste momento, iniciou-se uma amizade entre as freiras e os integrantes do grupo, marcada pela partilha de muita alegria, confiança e respeito, inaugurando um rico convívio inter-religioso, como Lívia, a atual coordenadora do grupo, relata:

Tinha uma irmã que era da Itália. Ela amou a gente. Gostou, bateu foto para levar para Itália. Nunca tivemos problemas pelo fato do grupo ser espírita. A gente escondeu por um tempo, porque pensamos que poderia ser uma afronta falar que o grupo é espírita. Seria uma falta de respeito para com as freiras, avaliamos. Nós não falamos de Espiritismo, nas visitas, pois respeitamos o trabalho delas. Elas fazem a pregação delas e nós trabalhamos valores. Quando foi um certo tempo, não muito distante, numa reunião, perguntamos: Irmã, a senhora sabe que nós somos espíritas? A irmã respondeu: Sei. Ficamos encabulados; aí a freira falou para a Aline: não tem problema nenhum, a gente sabe que vocês trabalham com valores morais, e valor moral é uma coisa que essas crianças precisam muito e nós fazemos também. Não usamos blusas com o “sim sou espírita”. Nós usamos a farda, que é a blusa do grupo, e, Graças a Deus, nunca tivemos problema nenhum. E elas adoram. (OLINDA, 2009, p. 48).

Naquele mesmo ano, o grupo também participou das festas de Natal do Hospital Municipal de Maracanaú e da SOESMA:

No início, a gente não tinha direcionamento das peças, dos assuntos que podíamos tratar. Era uma farra. Era uma animação. Uns ficavam fazendo brincadeira com o povo. Não tinha um direcionamento nos assuntos. Depois, fomos criando uma proposta. Daí foram surgindo as reuniões de avaliação, de programação, de planejamento, e, hoje, organizamos reuniões mensais e semestrais dentro do projeto. O trabalho cresceu com rapidez e tivemos que ampliar o trabalho para o Abrigo do Boa Vista. Ampliamos, também, para outros Centros Espíritas. (OLINDA, 2009, p. 49).

Assim como Lívia relata, com o passar do tempo a necessidade de maior sistematização do trabalho foi crescendo, como: traçar objetivos, desenvolver temas nas visitas, avaliação e até mesmo de assumir personagens fixos com nomes, sobrenomes e personalidades definidas. Neste momento, revelou-se a intenção pedagógica da ação dos palhaços, a partir do processo de ação-reflexão-ação referendado por Freire.

Atualmente, consta no Projeto Pedagógico (PP) do Grupo Fantasia que este se define como:

Grupo voluntário que, através da figura do palhaço, visa propiciar alegria e uma educação pautada em valores morais, às pessoas, em especial às crianças, assistidas em abrigos infantis, hospitais ou entidades filantrópicas, usando atividades lúdicas do universo infantil e a alegria característica do palhaço, tendo como inspiração o amor e a caridade do Evangelho do Cristo, segundo a visão da Doutrina Espírita e a atuação social do Dr. Patch Adams. Nossas atividades não possuem fins lucrativos e visam multiplicar os valores morais do Cristo, sem a pregação de nenhuma opção religiosa, tendo como intuito dar nossa contribuição para a construção de um mundo melhor. (FANTASIA, 2010, p. 4).

Seu objetivo consiste em:

Realizar visitas fraternas a crianças em abrigos, hospitais ou entidades filantrópicas, propagando, através da figura do palhaço, a lição de amor ensinada por Jesus através do sorriso, da fantasia, da arte e da alegria, utilizando métodos adequados ao nosso público alvo, as crianças. Pretendemos levar a alegria e uma proposta educativa, pautada em valores morais, não realizando apresentações apenas com fins de animação. Fazemos questão de não usar de nosso trabalho para obter reconhecimento a fim tornamo-nos famosos ou obter retornos financeiros. Nossa ação é voluntária e enquanto artistas da divindade, tomamos para nós a missão de ajudar ao próximo, sem que para isso seja preciso fazer preferências por idade, cor, posição social, opção sexual e religiosa, pois consideramos indispensável o respeito pelo assistido, não cabendo ao grupo qualquer ação que proporcione constrangimento para os mesmos. Buscamos propagar o bem-estar, a confiança e a amizade, sem vínculos político-partidários ou mesmo pregações religiosas, pois levamos em nossas visitas a moral em um contexto bastante ampliado, contribuindo, através do nosso trabalho, com uma pequena parcela de ação positiva, da qual nossa sociedade necessita. (FANTASIA, 2010, p. 5).

No início do grupo, as intenções eram apenas de levar sorrisos, alegria e diversão às crianças, entretanto, a reelaboração dos objetivos do GF supracitado revela a preocupação crescente com uma ação mais sistemática e uma prática educativa e social. A seguir será descrito como se dá a ação do grupo em seu cotidiano de trabalho voluntário.

## **2.2 - Educadores-palhaços ou palhaços que educam?**

A cada visita, o grupo segue uma temática específica adotada com base nos livros *O Evangelho Segundo o Espiritismo (ESE)* ou *O Livro dos Espíritos*. Todos os membros do grupo são adeptos do Espiritismo, mas, desde o início não foi objetivo de o grupo recrutar seguidores para a Doutrina, mas sim, tomá-la como base para a vivência de princípios universais, como: amor, caridade, amizade, solidariedade e fé, independente da opção religiosa das crianças e dos jovens assistidos.

Duas vezes ao ano o grupo se reúne para decidir os temas que servirão de base para as atividades do semestre. Os temas de visitas ao longo do semestre 2009.2, período em que registrei algumas visitas, eram baseados no ESE, com trechos de passagens evangélicas abordadas de acordo com o universo infantil. Transcrevo abaixo um trecho do diário de campo, algumas anotações sobre uma visita do grupo no dia 06 de setembro de 2009, no abrigo Casa-Família, cujo tema era A fé transporta montanhas:

*O grupo inicia uma roda de conversa, onde falam sobre as atividades que serão realizadas à tarde. Fafifa prepara as crianças para ouvir uma história. Vivalda inicia a história do Pinóquio, tendo como recurso um livro gigante. As crianças se envolvem na história, ela vai contando e mostrando as imagens. Vivalda explora bem cada página da história, figuras, nomes, cores, ações, etc. Crianças respondem perguntas ao longo da história e interagem bastante. O tema é tratado a partir da fé de Pinóquio de se tornar um menino de verdade. Palhaços e crianças conversam sobre o que mais querem na vida, seus desejos, assim como o de Pinóquio.*

No semestre seguinte, 2010.1, o grupo decidiu abordar o tema geral Valorização da vida, inspirados no evento que participam todos os anos, no período de carnaval, o Encontro de Mocidades Espírita do Ceará – EMECE. Foram abordados temas e subtemas como: A vida na natureza, O cuidado com a vida (cuidados com alimentação, higiene, prevenção de acidentes domésticos, prática de esportes, dedicação aos estudos), O respeito à vida (a diversidade de raça, religião, condição física e social, etc.), Respeito aos mais velhos (respeito aos idosos).

O desenvolvimento das atividades do grupo ocorre duas vezes por semana: domingos e quintas-feiras. Aos domingos, ocorrem as visitas a três abrigos infantis de Maracanaú e ao Hospital dessa cidade. Cada local é visitado duas vezes ao mês, sendo eles: o abrigo Casa-Família, o Abrigo Domiciliar Maracanaú, também conhecido como Abrigo do Boa Vista, devido ao bairro em que se localiza, a Sociedade para o Bem-Estar da Família (SOBEF), e o Hospital Municipal de Maracanaú. Semanalmente, às quintas-feiras, o grupo visita as crianças portadoras de câncer no Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS), em Fortaleza, como voluntários da Associação Peter Pan (APP), vinculados ao Projeto Ação Plantão da Alegria, criado pela APP para dar espaço de visitas diferenciadas às crianças portadoras de câncer atendidas no HIAS e na APP.

Ainda em parceria com a APP, o grupo participa desde 2004 do Mac Dia Feliz, evento realizado para levantar fundos para a construção do Centro Pediátrico do Câncer.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Maranguape (APAE) também é visitada pelo grupo ao longo do ano, em especial no mês de agosto em comemoração à semana do excepcional e no mês de outubro em comemoração ao Dia das Crianças. As atividades com as crianças do Centro Espírita de origem do grupo, a SOESMA, também são coordenadas por integrantes do GF.

O Movimento Espírita Cearense logo (re)conheceu o trabalho desempenhado pelo Grupo Fantasia, que sempre que possível participa de diferentes eventos: Natal Espiritual, Momento da Arte Juvenil Espírita (MOARJE), Congressos Nordestinos de Pedagogia Espírita, com apresentações teatrais. No EMECE, o grupo realiza atividades pedagógicas e artísticas com crianças e adolescentes, desempenhando a função de coorganizadores, posto que se responsabilizam por um setor desse evento, planejando, executando e avaliando as atividades no PRE-EMECE.

Ao longo dos oito anos de existência do Grupo Fantasia, vários Centros Espíritas demandaram as atividades do grupo, como a Célula Espírita Maria de Nazaré (CEMAM), localizada no bairro da Pavuna, e o Grupo Espírita Gotas de Luz, localizado no Distrito Industrial de Maracanaú. Ambos desenvolvem ações educativas e assistenciais, sendo o primeiro uma extensão do Centro Espírita João O Evangelista de Fortaleza, o qual o grupo também já visitou.

Uma vez por semestre, o grupo realiza uma reunião interna geral para avaliar as atividades, fazer oficinas de formação dos integrantes, uma vez por ano realiza o sorteio das equipes de trabalho, que são os pequenos grupos que realizarão as visitas semanais juntos ao longo do ano, e a cada três anos elege um novo coordenador das atividades.

Atualmente o grupo se divide em três equipes, com quatro componentes, denominados simplesmente de grupos 1, 2 e 3. Essas equipes ou grupos se revezam aos domingos, através de um calendário feito semestralmente, no qual todos os domingos uma equipe fica de folga das visitas. Estas folgas são realizadas pelo fato das visitas se darem aos domingos à tarde. Desde o início das atividades, o grupo optou por um dia de folga mensal de cada equipe, assim os integrantes ficam livres para suas atividades pessoais.

Os sorteios das equipes deveriam ser aleatórios, mas não são, pois o grupo julga importante ter uma pessoa em cada equipe com habilidade para tocar violão, visto que a música é uma atividade bastante utilizada, especialmente nos hospitais, e ainda objetiva mesclar “meninos” e “meninas” – como gostamos de falar – pois ambos possuem habilidades diferenciadas. Por exemplo, as meninas possuem mais habilidades com maquiagem que os meninos, embora atualmente este quadro esteja mudando a partir das oficinas de aperfeiçoamento e da prática desenvolvida ao longo das atividades no grupo.

Além da música, outras atividades são desenvolvidas com as crianças durante as visitas: teatro, teatro de bonecos, dinâmicas grupais, escultura de balões, contação de histórias, desenho, pinturas, atividades manuais, origami, etc.

O planejamento das visitas é considerado fator importante para o bom desempenho das atividades, mesmo quando se recorre à estratégia do improviso. Este é constantemente utilizado nos ambientes hospitalares, pois nem sempre é possível desenvolver as atividades planejadas. Mesmo com mais de um recurso em mãos, os imprevistos neste espaço são mais recorrentes devido ao contexto do próprio ambiente e às condições de saúde das crianças. Contudo, mesmo no improviso, há uma tentativa de direcionamento para o tema da visita.

As equipes de trabalho se reúnem sempre que preciso ao longo do ano para realizar os planejamentos das visitas, que são chamadas de programações. A duração de cada visita é em média de 1 hora, sendo 2 horas no HIAS. Reunidos os grupos, em posse do calendário de visitas semestral em que possui as temáticas, os dias de folga e o local que cada grupo visitará a cada domingo, estes realizam suas programações, planejando que objetivos deverão alcançar, atividades a serem desenvolvidas e os recursos necessários.

Ao final de cada tarde de visita, os grupos se reúnem na SOESMA para fazer o que chamam de mini-avaliação. Este é o momento em que cada grupo relata brevemente o desenvolvimento das atividades da tarde, destacando aspectos positivos, negativos, progressos, dificuldades, imprevistos etc. O grupo que está de folga também se encontra presente nas mini-avaliações sempre que possível, pois o objetivo desse momento é que todos saibam sobre a tarde de trabalho para acompanhar o progresso das visitas.

Mantém-se o esquema ação-reflexão-ação, onde cada um parte de sua auto-avaliação, opina sobre o desempenho do outro e registra os aprendizados do dia. Essa sistemática impôs-se, uma vez que o trabalho crescia, aumentando a responsabilidade. De uma ação espontânea, passou-se para uma ação sistemática, orientada por objetivos. (OLINDA, 2009, p. 50).

O mesmo destaca a coordenadora do grupo:

Precisamos sentar e direcionar o trabalho: vai ser para quem nosso trabalho? E para quem? Sentamos, conversamos e decidimos que a gente não ia fazer apresentações só por fazer, só por se apresentar ou para aparecer em jornal... tinha que ter um propósito que era o de divulgar o voluntariado, ou seja, o nosso trabalho, que era o que gente fazia. O trabalho de início era só para as crianças. Depois direcionamos para instituições que tivessem atendimento a crianças especiais e para os hospitais com a pediatria. (OLINDA, 2009, p. 51).

O grupo se define como voluntário e por isso se autofinancia através da venda de camisas e da produção de Kits de fantoches, incluindo sugestões de atividades para o desenvolvimento de temas, como: solidariedade, preconceito, uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas. Ser voluntário para este grupo significa não aceitar, em hipótese alguma, qualquer tipo de remuneração por suas visitas, apresentações ou capacitações. Vejamos o depoimento de Lívia:

Tem uma história muito engraçada até que serve como exemplo para todos nós do grupo. Pense na ‘resposta’: o Grupo Fantasia foi chamado pelas irmãs do convento de Messejana para dar um treinamento. Tinham várias congregações de irmãs, inclusive as da Casa Família reunidas. Muitas delas são pedagogas e trabalham com crianças em situação de risco. A líder delas, da congregação de Maracanaú, nos chamou para darmos uma espécie de treinamento para elas. Foi um dia diferente para todas elas, sair da rotina e aprender novas coisas. O treinamento era o dia todo, e as modalidades foram: contação de história, teatro e música. A maioria dos componentes se fez presentes. Dois carros e uma Kombi nos levaram até o local. O Rafael estava até com o pé quebrado. Pense num ritual! Quando começaram as atividades, hora para comer, para entrar, para almoçar, para tudo. Foi um desafio para o Grupo Fantasia, pois pense num grupo para não ter disciplina com horário! Tudo bem: brincamos, cantamos, e foi aquela coisa muito legal. Quando chegou ao final, já nas despedidas, Aline chegou perto de mim e disse: ‘Lívia a irmã colocou um envelope dentro da minha bolsa’. ‘E tu não viu o que era não, Aline, pelo amor de Deus?’ Perguntei. Ela respondeu: ‘acho que é um cartão...’ Quando Aline tirou o envelope, já dentro do carro, ela ligou para mim, eu já estava no outro carro, e disse que tinha R\$ 200,00 reais no envelope. Pense num silêncio no carro onde ela estava. Eu fiquei sem saber o que fazer. No carro onde eu estava, também estavam o Rafael e o irmão dele, dirigindo, além da Gabi, da Arlete e da tia Fátima. Eu comecei a cochichar com a tia Fátima e com o Rafael: ‘gente, aconteceu um fato sério pra nós!’ E eu comecei a contar o que tinha acontecido. O Rafael queria voltar, e ele foi logo colocando a mão na cabeça, então esperamos chegar em casa, para decidir o que iríamos fazer. Quando chegamos em casa, todos com cara de tacho: ‘o que é que vamos fazer? Gente, o que vamos fazer com esse dinheiro?’ E Aline falou: ‘olha, nós tivemos uma idéia dentro do carro’. Sendo que, no carro onde eu estava, onde já havíamos conversado também, a mesma idéia também foi colocada. Estávamos em sintonia. ‘Olha gente,

vamos pegar esse dinheiro e vamos comprar todo em alimento e dar para a Casa Família. A gente fala que foi doação. Se sobrar 0,30 centavos, a gente compra de bombom'. E assim foi feito. Eu fui com o Fábio, pois ele estava de carro. Compramos fardo de arroz, feijão, leite de caixa, biscoito de chocolate, *cream craker*. Sobrou R\$ 1,75 e comprei todo de bombom. Passou um tempo, e, um certo dia, a irmã Marcela ligou lá para casa. Elas estavam em reunião e a irmã Marcela queria me fazer uma pergunta. Ela perguntou o que tínhamos feito com aquele dinheiro do treinamento, porque ela não tinha visto nada de novo na gente, as fantasias eram as mesmas; os apetrechos também. Na verdade ela perguntou porque já desconfiava do destino que demos ao dinheiro. Então, comecei a contar, e ela começou a chorar muito. Eu falei para ela que era para ela saber que a gente não trabalhava com retorno financeiro, que elas podiam ter dado 3.000 reais e nós iríamos fazer a mesma coisa que fizemos com os R\$ 200 reais. Então, esse fato fez com que as irmãs tivessem mais confiança no Grupo Fantasia. Elas nos deixavam sozinhas com as crianças ao ponto de não se preocuparem com o que estávamos fazendo. Teve um fato de uma criança ficar internada no Albert Sabin e elas sempre nos chamavam, recorriam ao Grupo Fantasia para fazer plantão. Às vezes, ligavam lá para casa, para falar comigo. Ligavam para a Aline e para a tia Fátima. As crianças foram adquirindo mais confiança conosco, pelo revezamento que fizemos no hospital. (OLINDA, 2009, p. 53 e 54)

Situações como essas são recorrentes, em especial pessoas que insistem em querer nos contratar para animar festas de aniversário e até parentes em hospitais que já quiseram pagar por nossa visita, como relata Kédyna em meio a sorrisos:

*Uma vez, na visita no Albert Sabin, o pai de um menino me ofereceu dinheiro. Eu disse que não, que não precisava. Ele disse, mas pegue é pra você, pra ajudar nas passagens, alguma coisa. Eu insisti dizendo que não precisava. Ele insistiu, aí eu disse pra ele depositar na conta do grupo, ele perguntou qual era e ia anotar, aí eu saí dizendo: 0 24 23 58 41 26 48 ....e saí correndo...ele ficou rindo e me chamando de doida!*

Outra necessidade do grupo foi a de elaborar um projeto, que estava em constante processo de aperfeiçoamento, para marcar a identidade do grupo, diferenciando-o de outros grupos existentes em Fortaleza:

As pessoas começaram a nos confundir com outros grupos, tipo Terapia do Riso, Doutores da Alegria, entre outros. Então, no nosso projeto, tivemos que especificar que não íamos vender coisas dentro de ônibus e nas ruas. Só íamos adquirir algo por intermédio de doações de amigos, de pais, de mães e do nosso bolso mesmo. Cobrança pelas apresentações nunca fizemos. Tivemos que direcionar nosso trabalho perguntando sobre nosso projeto, quando começaram os choques de convites para animar festas de aniversário, de escolas, em movimentos nas ruas e até para a Igreja Universal. Menina, muitas pessoas ficaram chateadas, mas a gente tinha que respeitar as diretrizes do grupo. Nos apresentamos como um grupo de visita fraterna da Sociedade Espírita de Maracanaú. E, de lá pra cá, mudamos muito. Antes, escondíamos até a nossa religião. Hoje não, nós falamos que somos espíritas,

que fazemos parte do grupo de visita fraterna da Casa Espírita, que trabalhamos na parte social. (OLINDA, 2009, p. 55).

A reelaboração do Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia<sup>5</sup> foi uma das atividades realizadas em conjunto ao longo desta pesquisa, a partir da necessidade manifestada pelos integrantes do GF. Vejamos dois depoimentos<sup>6</sup> a este respeito:

*O que o nosso trabalho foi se tornando ao longo do tempo não é o que está registrado no primeiro projeto que escrevemos sobre o grupo. O que a gente está fazendo hoje, nesta atividade de pesquisa, é vendo como o trabalho se constitui até hoje. E mais, vendo como ele pode melhorar, é pra isso que serve a avaliação. É legal o objetivo final ser a reescrita do nosso projeto, porque ele precisa mesmo ser atualizado. (Denise e Kédyna).*

Ao revisitar e reescrever o Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia, os integrantes do grupo viram que ele não revelava a atualidade do trabalho. Avaliaram o amadurecimento do grupo, consequência das novas experiências de seus integrantes, em faculdades, cursos, leituras e a própria experiência de vida.

A seguir apresentarei uma característica deste avanço nas atividades do grupo que foi a construção das personalidades dos palhaços.

### **2.3 – E o palhaço, quem é?**

A sistematização da ação do Grupo Fantasia levou os palhaços a traçarem o perfil de um integrante do GF, registrando no PP que aquele que se interessar por ingressar neste trabalho deve:

Em primeiro lugar, estar de acordo com os objetivos e princípios do Grupo Fantasia. Visto que, estes princípios baseiam-se na Doutrina Espírita, é necessário que haja o interesse em estudá-la, em especial seus ensinamentos morais, posto que, é daí que extraímos a perspectiva moral cristã, a qual é vivenciada de forma lúdica e educativa durante as atividades do Grupo Fantasia. (FANTASIA, 2010, p. 18)

Segundo ele, é preciso também:

---

<sup>5</sup> O Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia está na íntegra em anexo.

<sup>6</sup> Todas as falas dos sujeitos participantes da pesquisa serão transcritas em itálico e aparecerão após uma pausa.

- estar disposto a caracterizar-se com a figura do palhaço, visto que, é através deste personagem que levamos nossa mensagem;
- relacionar-se bem com o nosso público alvo, crianças e adolescentes, interagindo, respeitando-os e compreendendo-os;
- ter habilidade com algum tipo de arte - fundamentalmente a arte do sorriso sincero e saudável - e ainda ter a disponibilidade para novos aprendizados;
- relacionar-se bem em grupo, desenvolvendo as habilidades do diálogo, escuta e fala amiga;
- ter responsabilidade e compromisso com o trabalho, sendo sempre assíduo e pontual, com tempo disponível, para as escalas de visitas aos domingos e quintas-feiras, além de momentos reservados para planejamentos, avaliações e reuniões gerais, sendo estes últimos marcados de acordo com a disponibilidade geral do grupo. (FANTASIA, 2010, p. 19).

Durante as atividades da pesquisa, investiguei também com o grupo o que gerou o interesse por ingressar nesta atividade e o que faz cada um se manter nela, as respostas foram as seguintes:

- pela satisfação de ver um sorriso sincero;
- para fazer os outros felizes;
- pelo amor;
- pelo prazer de ajudar o próximo;
- pelo sentimento de tornar o mundo melhor;
- pela troca de experiência;
- pelo crescimento moral e multiplicação dos valores morais do Cristo através da prática da caridade;
- pelo aprendizado, nosso e dos visitados;
- pela inovação da prática da Doutrina Espírita através da figura do palhaço;
- pela sensação de satisfação no fim de uma visita.

Os depoimentos expressam o valor do trabalho solidário, ilustrando hoje o que São Vicente de Paula disse no século XIX, sobre a beneficência. Vejamos um trecho de seus ensinamentos publicados em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1978, p.177):

Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: 'Amái-vos uns aos outros.' Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna.

Olinda (2009, p. 182 e 183) também destaca alguns itens importantes aos integrantes do GF para a continuidade e fortalecimento das atividades no grupo, são eles:

- amizade sincera e admiração recíproca;
- relações de cooperação. Não há disputas por poder, nem destaque pessoal;
- apoio espiritual recebido e sentido por todos;
- permite ampliação de capacidades e de habilidades (pedagógicas, artísticas, administrativas, relacionais e de observação);
- preenche a vontade de ajudar. É uma forma de responder às preocupações sociais de todos;
- aprende-se a lidar com a dor e com as dificuldades, vendo-as sob outro prisma;
- vivência prática da doutrina;
- incentivo à transformação íntima. Percebem a mudança em si: aperfeiçoamento intelectual e moral;
- saber que é um apoio para a criança que sofre;
- abertura para corrigir os erros na atuação (atitude reflexiva) e aprendizado contínuo;
- sentem o respeito e têm a aprovação dos familiares.

A personalidade de cada personagem do GF revela também as intenções de ações do grupo. Uma das atividades da pesquisa, a tessitura biográfica do personagem de palhaço, fez com que cada integrante falasse sobre seu personagem, dizendo quem ele é, quais as características e como ele age nas visitas, sendo solicitado, também, que falassem se consideram os palhaços como educadores e de que forma isso ocorre. Essa solicitação foi feita a partir de vários momentos da observação participante e de minha vivência no grupo, em que este sempre destacou suas ações como educativas.

Para melhor compreensão do leitor, os 12 personagens no grupo atualmente são: Big-big (Edcarla Barroso), Bitoca (Rafael Ximenes), Esticadinho (Emmanuel Souza), Fafifa (Fátima Barbosa), Farofinha (Gabriela Ferreira), Lero-lero (Ary Hudson), Lupita Lulu (Kédyna Ribeiro), Pimpolina (Denise Ferreira), Pipoca (Arlete Magalhães), Trakina (Aline Sousa), Varetynha (Alan Baceler), Vivalda (Lívia Sousa). Vejamos abaixo seis trechos em que os integrantes falam sobre a interpretação dos palhaços:

*O Bitoca não é simplesmente um palhaço de diversão, de brincadeiras, mas também um palhaço de Cristo, um evangelizador, um educador juntamente com os outros palhaços do Grupo Fantasia! E essa coisa de ser próximo das crianças facilita a missão de evangelizar, de auxiliar na formação do caráter e da personalidade daquela criança. E o mais legal de tudo isso é que o palhaço se utiliza muito bem de todas as ferramentas e situações disponíveis ao seu redor como as brincadeiras, a fantasia, as histórias, as besteiras e a amizade para educar e transmitir valores morais e cristãos, seja de forma planejada e programada, seja no improviso ou no “enrolation”. Acredito eu que a maior alegria de um palhaço do Grupo Fantasia é servir com o Cristo e ter a oportunidade de ser e de se fazer palhaço, de se identificar e de marcar positivamente na memória e na vida de uma criança, seja ela quem for, esteja ela onde estiver, e para ela, a criança, tornar-se um herói, um ídolo, um exemplo a ser seguido, ou simplesmente um amigo querido em quem ela possa confiar e amar! (Rafael)*

*O palhaço Esticadinho pode ser considerado como educador, mas de uma maneira diferente, pois mostra como com boa vontade, um pouco de “Besteiriologia” e criando situações interessantes, é possível ver melhor a situação a qual se encontram os assistidos. Ele mostra como serem mais pacientes, indulgentes, carinhosos e amigos. (Emmanuel)*

*A Fafifa surge como uma eterna criança. Imaginem vocês que, muitas vezes, eu não consigo entender essa coisa da pessoa dizer assim “Ah, eu envelheci”, isso não existe. Na verdade, todos nós temos um pouco de criança, de educador, de pessoa que vê o outro. Então, a Fafifa atua como uma palhaça que traz muitos exemplos, especialmente para os adultos. Quando eu vejo no hospital aquelas mães e outras pessoas tratando as crianças de um jeito grosseiro, impacientes, estressadas, eu acho que a Fafifa pode ser*

*um exemplo pra que essas pessoas percebam que podem também brincar, sorrir e que devem estar sempre colocando à frente tudo de bom que têm por dentro. Por que, na verdade, as coisas boas que temos dentro de nós desde pequeninhos não morrem. Essas coisas não envelhecem. Essas coisas nunca enferrujam. Elas têm de estar sempre em prática para mostrar pro mundo que você existe. (Fátima)*

*Além da abertura maior para lidar com as outras pessoas, tem a questão de perceber melhor os outros quando estamos fantasiados. No trabalho, ou na faculdade, eu estou muitas vezes tão ocupada, tão preocupada com as coisas que tenho pra fazer, que eu não percebo do que as outras pessoas estão precisando. De palhaça, eu presto mais atenção nas pessoas, especialmente nas crianças, porque é o nosso trabalho. Isso acontece mais nos abrigos, porque já conhecemos as crianças de lá. E, mais que isso, nós ganhamos mais sensibilidade pra saber o que fazer nas situações em que percebemos que alguma delas está diferente e também mais atitude pra ir lá fazer alguma coisa, mesmo que seja alguém que acabou de chegar, com quem nem temos tanta intimidade assim. Isso tem a ver também com um sentimento de dever, de responsabilidade, que criamos quando estamos fantasiados. Se esse é o meu trabalho, se eu estou ali pra fazer alguma coisa por alguém, especialmente pelas crianças, eu não posso ver que estão precisando e simplesmente fingir que não estão. [...] Eu acho que todos nós somos educadores, mas nós fazemos isso melhor juntos que separados. Porque cada um tem características próprias que são trabalhadas melhor quando somos um conjunto, quando, por exemplo, a Pimpolina corrige as falas erradas do Varetyinha, ou o Bitoca contorna a impaciência da Vivalda. (Denise)*

*A Pipoca tem muitas características que eu adoro fazer, por exemplo: o trabalho manual, como desenhar. Esse é um ponto forte, pois adoro, tanto desenhar no papel quanto fazer maquiagem. Tem também as esculturas com os balões. Além, é claro, do básico: as brincadeiras. [...] A Pipoca educa, do jeito dela. Chega de mansinho fazendo com que a criança mostre seu lado bom. Elogiar a criança é importante para que ela não esqueça que aquele bom ato dela foi legal pra ela repetir. (Arlete)*

*Considero a Vivalda e os palhaços do Grupo Fantasia grandes educadores. Fazer um carinho, ouvir, sentar perto, ficar calado juntamente com a criança, isso também é*

*educar, pois educa o sentimento. Os nossos bons exemplos ficam marcados nos coraçõzinhos das crianças e jovens que visitamos. Até quando a Vivalda tem suas doidices de falar alto, vem logo outro palhaço e desfaz a má conduta dela. Quando ela briga e insulta com outros palhaços, logo vem algum outro palhaço e desfaz a ação. Isso é educar em parceria, através de nossas ações coordenadas. E as crianças guardam isso. [...]Nesses quase 9 anos de trabalho, a Vivalda ensinou e ensina muitas coisas pra Lívia. Lições de vida, amor e superação que vou levar pelo resto da vida. A Vivalda sempre existiu, apenas estou descobrindo o seu mundo, as suas cores e seus gostos, vestindo as suas roupas, usando sua maquiagem e vivendo seus momentos. A Vivalda me ensinou a valorizar o momento da visita por mais simples e curto que seja, a ser simples e maleável com as pessoas e com as diversas situações que o trabalho em grupo exige, por isso eu amo tanto a Vivalda! (Lívia)*

Cada integrante traz para si a responsabilidade da atuação do grupo, bem como a união de intenções revestida com uma boa camada de amizade sempre revelada em suas falas. Ao falar sobre os personagens de palhaço, fazem sempre questão de destacar que o objetivo não é proporcionar o riso pelo riso, deixam explícita a intenção educativa numa brincadeira, numa conversa amiga, num gesto que seja, bem como o sentimento de dever e responsabilidade que têm com este trabalho.

A preocupação social é marcante nas ações do grupo, revelando uma característica de educação popular. Suas atividades não se limitam apenas a visitas semanais, o grupo preocupa-se em conhecer mais sobre a realidade da instituição visitada. Por exemplo, as dificuldades e conquistas da Casa-Família foram acompanhadas de perto ao longo dos anos de atividade do grupo nesse local. Os integrantes do GF se envolvem em campanhas para arrecadar recursos para a instituição, mantém contato com as crianças e adolescentes que saem da instituição, criando laços de amizade. Os membros do grupo são convidados para festas de aniversário das crianças e adolescentes, para prestigiar atividades artísticas desempenhadas pelas mesmas, como apresentação de balé e teatro; com autorização legal, integrantes do grupo até já levaram crianças da Casa-Família para suas residências, para passar finais de semana, provando que a preocupação e vínculo mantidos com elas estão para além das visitas semanais.

Destaco um trecho de uma história que marca a relação entre os GF e a Casa-Família relatada por mim em Olinda (2009, p. 111):

A nossa relação com as Irmãs sempre foi maravilhosa, e o fato de adotarmos religiões diferentes não atrapalhou em nada nosso vínculo nem com as irmãs, nem com as crianças ou com a Instituição de uma forma geral. Lembro-me de um momento difícil que passamos juntos e que prova a nossa relação de amizade e a confiança que elas depositam em nós do Grupo Fantasia: foi diagnosticado um tipo de câncer em uma das crianças da Casa Família e essa notícia abalou a todos. Essa criança passou a fazer tratamento no HIAS e, algumas vezes, até a visitamos lá, fato, esse, que a emocionou muito, devido à falta que ela sentia da Casa Família. Ter-nos ao seu lado era uma forma dela se sentir em casa, também. Então, como as irmãs precisavam fazer revezamento para passar o dia e a noite no hospital, elas nos deram uma grande prova de confiança, pedindo-nos para entrarmos no revezamento, e passamos dias e noites com a criança, no HIAS. Eu, a Arlete e a tia Fátima fomos ajudar. Foram momentos emocionantes, pois foi uma forma de ver o nosso trabalho por outro lado e a partir de outra ótica. De repente, eu estava lá como acompanhante, passando noites solitárias, convivendo com a melancolia do ambiente hospitalar e com o sofrimento, por ter uma pessoa querida em um estado de doença. Vi, de perto e por mais tempo, o sofrimento de outros. Também acompanhei de perto a alegria de muitos, no momento de melhora ou de alta do hospital. O pior mesmo era me sentir com poucos recursos para amenizar o estado de tristeza e de sofrimento de muitos. A caracterização do palhaço é espetacular para isso, pois, mesmo em meio à tristeza, a alegria do palhaço pode prevalecer. Era difícil, sem o apoio da Trakina e, ainda, com a debilidade do cansaço físico, psíquico e moral causado por aquela situação.

O grupo tem bem claro as inspirações e influências para o desenvolvimento de suas atividades, esta clareza se reflete na reescrita do PP:

- A prática do amor e da caridade, baseado nos ensinamentos do Cristo e da Doutrina Espírita;
- Bons exemplos de personalidades que deixaram ensinamentos morais de importância para nós aqui na vida terrena;
- O médico Patch Adams e os Doutores da Alegria;
- Brincadeiras e músicas da infância dos integrantes do GF, em sua maioria, década de 80, além de histórias da Turma da Mônica e programas de TV como Chaves e Os Trapalhões. (FANTASIA, 2010, p 17).

No primeiro item, fica clara a principal influência do grupo, os ensinamentos morais do Cristo e da Doutrina Espírita, mas, ainda destaco, a partir das falas dos integrantes ao longo deste trabalho, o valor da família e das vivências pessoais da infância de cada integrante para a composição de seus personagens. Ao falarem sobre isso ou ainda sobre a importância do trabalho do GF e sobre a importância do

Espiritismo em suas vidas (OLINDA, 2010), os membros do GF sempre se remetem à família, histórias, sentimentos e lembranças da infância que veem à tona, vejamos três depoimentos:

*Foi em uma apresentação da peça “Mediunidade é coisa do bem”, também conhecida como “Babau”, devido ao enredo da história falar sobre essa figura, que o Varetynha começou a ganhar suas próprias características. Essas características foram buscadas a partir da minha infância. Muitas pessoas diziam que eu era exagerado, então o Varetynha passou a ser mais exagerado ainda. (Alan)*

*Quando nós começamos as atividades com o Grupo Fantasia, em 2001, eu naturalmente fui resgatando minha infância e me inspirando nela. Percebi que nós estávamos lidando com crianças cuja infância estava quase perdida, seja nos abrigos ou nos hospitais. Muitas dessas crianças, infelizmente, não tinham e ainda não têm a oportunidade de viver momentos como esses que a maioria de nós viveu em nossa infância. Então, eu fui trazendo algumas das características que eu consegui resgatar da minha, em especial, a vontade natural que toda criança tem de brincar e de se divertir. (Aline)*

*Minha mãe transcende a qualquer religião! Quem não tem o que comer ela dá, ela leva gente lá pra casa que ninguém conhece. Ela abriga quem precisa. Ela tem um desprendimento e um amor enorme pra cuidar do meu avô que é totalmente dependente dos outros, pelas doenças dele. E isso tudo ela faz com um amor. Ela não sabe ver ninguém sofrer, ela tem que ajudar. Meu sonho é ter minha mãe aqui comigo, apoiando-me; que ela veja meu trabalho com as crianças, que ela conheça a palhaça Lupita Lulu. Acredito que esse dia vai chegar, pois minha mãe sente a diferença do meu comportamento em casa e, assim, vou convencendo-a de que a Doutrina Espírita faz-me muito bem. (Kédyna)*

A experiência no GF também gera frutos no cotidiano dos integrantes do grupo, nas suas relações pessoais, sejam no trabalho formal, no ambiente de estudo ou família. Vejamos duas falas que revelam essa percepção:

*É interessante, porque pra mim, o personagem do Esticadinho não é nada mais e nada menos que eu mesmo, mas, às vezes, parecem duas pessoas diferentes. É como se fosse um outro eu. E, às vezes, os dois se misturam. Às vezes o Esticadinho predomina na minha vida, porque eu aprendi muito com o jeito do Esticadinho, a inocência, a paciência dele, a vontade dele de ajudar os outros e gostar disso. (Emmanuel)*

*No posto de saúde que eu trabalho, sempre que tem atendimento a uma criança me chamam pra atender, porque dizem que comigo as crianças não choram ou choram bem menos do que com as outras. Agora também porque eu converso, eu brinco com a criança, mesmo no ambiente de trabalho e elas gostam, ficam quietinhas e nem sentem a troca do curativo, a dor da picada da agulha, é a afinidade, percebi que isso aprendi com a Vivalda. (Lívia)*

As atividades desta etapa da pesquisa foram avaliadas pelo grupo como bastante produtivas, observaram através da fala do outro características de ações que tinham no grupo e que não percebiam. Todos se referiram à sua infância como marco importante para a construção de seus personagens, família, amizade e o papel educativo e social da ação do GF também foram pontos chave em suas falas. O momento foi considerado como espaço de autoavaliação , para se conhecer e conhecer o personagem que tanto encanta as crianças, bem como um espaço para recordações e autoconhecimento .



Figura 3 – Palhaça Arco-íris e palhaça Lupita Lulu brincando no dia do lançamento do livro *Grupo Fantasia: Esperança, responsabilidade e alegria*, em abril de 2009.

### CAPÍTULO III

#### EDUCAÇÃO MORAL EM DEBATE

“Precisamos deixar de idolatrar a ambição e o poder, e passar a valorizar a compaixão e a generosidade. [...] Temos é que fazer do amor a base do nosso sistema de valores. O nosso sistema atual é baseado em cobiça e poder.” Patch Adams

### **3 - EDUCAÇÃO MORAL EM DEBATE**

#### **3.1 - A necessidade de uma educação moral**

Vivemos em um mundo complexo, com imensos desafios sociais, econômicos, políticos e ambientais, em que há desigualdades na distribuição das riquezas e dos bens culturais. Mundo do qual precisamos de cada pedaço: de suas águas, florestas, terra, ar, e mesmo assim o destruimos descontroladamente; vivemos em um mundo no qual precisamos dos seres existentes nele, sejam animais ou seres humanos, e também os destruimos das formas mais variadas possíveis.

O ser humano é repleto de contradições e, em seus aspectos múltiplos, vive em meio a ações e sentimentos diversos. Pelas tensões que enfrenta, é capaz de causar mal ao próximo e a si mesmo e, em contrapartida, é capaz de ações belas que demonstram respeito, solidariedade, amor e tantos outros valores e sentimentos dignos. Contudo, o altruísmo do indivíduo não é suficientemente valorizado na sociedade atual. O válido é ser “alguém na vida”, ter muito dinheiro, bens materiais, uma vida boa, chegar a esses fins, independente dos meios que se usa para isso.

Foi com a intenção de se ter uma sociedade “melhor” que o holocausto foi justificado. Homens, mulheres, crianças, idosos foram mortos por serem considerados prejudiciais a esse ideal de “sociedade perfeita”, vislumbrada pelo nazi-fascismo. Judeus, homossexuais, ciganos e pessoas portadoras de necessidades especiais, nenhum desses, aos olhos dos planejadores do sistema e de segmentos da Igreja Católica, faziam parte da sociedade almejada e, por isso, suas mortes foram arquitetadas dentro do mais alto grau de frieza e de crueldade. Seguindo o raciocínio de Baumann, vemos que o holocausto só foi possível dentro da racionalidade moderna e dos seus princípios e avanços tecnológicos:

As vítimas de Hitler e de Stálin não foram mortas para a conquista e colonização do território que ocupavam. Muitas vezes foram mortas de uma maneira mecânica, enfadonha, sem o estímulo de emoções humanas – sequer do ódio. Foram mortas por não se adequarem, por uma ou outra razão, ao esquema de uma sociedade perfeita. Sua morte não foi um trabalho de destruição, mas de criação. Foram eliminadas para que uma sociedade humana objetivamente melhor – mais eficiente, mais moral, mais bela – pudesse ser criada. [...] Elas não podiam ser melhoradas ou reeducadas. Tinham que ser eliminadas por razões de hereditariedade genética ou ideológica. (BAUMANN, 1998, p.116).

Não nos enganemos, pois, nos dias atuais, as coisas não são tão diferentes. O preconceito e a arrogância continuam escondidos ou explícitos. A falta de respeito, a intolerância, a corrupção e tantos outros problemas enfrentados pelos seres humanos são cada vez mais visíveis, bastando ligar a televisão ou olhar em volta, para termos a comprovação.

Tudo isso prova a inadequação dos modelos formativos que fragmentam os seres. Desenvolver o ser humano apenas em seu aspecto intelectual, negando suas outras dimensões constitutivas, é sinônimo de uma formação utilitária e desumanizadora. Linhares (2009, p.44) enfrenta essa discussão dizendo que “o desenvolvimento das capacidades metacognitivas – pensar o pensamento e as aprendizagens que realiza – não se deve dar no vazio.” A autora levanta os seguintes questionamentos:

Por que então não considerar uma visão de moralidade que suporte a autodeterminação dos sujeitos como síntese de dimensões do ser que aprende? A moralidade não poderia funcionar como campo relacional fértil ou, pelo menos, como uma referência importante para a reflexão do sujeito sobre sua evolução? (LINHARES, 2009, p. 44).

Diante dessa situação, é importante refletirmos sobre o verdadeiro papel da educação. Será o de formar indivíduos inteligentíssimos capazes de acabar com toda uma raça, infringindo o direito à vida que todos os seres humanos têm garantido por lei em benefício de objetivos puramente egoístas? Até em que ponto a nossa educação anda por esses caminhos? Como pensar a educação para uma vida plena e feliz? Diante de tais questões, faz-se mister pensar a educação moral em uma perspectiva transcendente. Deste modo, a educação moral é uma ferramenta imprescindível para a construção de um indivíduo humanizado e espiritualizado, capaz de viver e formar uma sociedade verdadeiramente justa, igualitária e fraterna, diferente da pseudo moral entendida na prática do holocausto.

Linhares (2009) faz uma reflexão a respeito dessas questões, mostrando que o ser humano deve ser visto além das dimensões cognitivas e sociais, contemplando também uma moralidade transcendente. A autora afirma que “nos estudos sobre moralidade, muitas vezes, se nega essa visão mais ampla que inclui a transcendência e que envolve um devir em permanente construção.”(LINHARES, 2009, p.3).

A partir de tais reflexões, é possível perguntar: Em que mundo e em que sociedade queremos viver? Que preço somos capazes de pagar para termos uma

sociedade melhor? Será o preço de novos holocaustos? Para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, é preciso seguir o mesmo caminho trilhado antes, ou há outras formas a experimentar?

Arrisco-me a afirmar que é possível seguir outros caminhos para se ter uma sociedade melhor, e penso que devemos começar refletindo mais sobre as várias dimensões do ser humano e de que forma podemos atingir essas várias dimensões, mudando o ser, para que este possa contribuir na transformação desta sociedade da forma como está dada.

É importante destacar que a educação moral aqui referenciada é diferente de moralismo, ou seja, não diz respeito à imposição de regras de conduta ou mesmo ao agir sem pensar. A moral aqui proposta está vinculada ao desenvolvimento de valores morais que não se desvinculam da racionalidade, pois aí está um dos abismos entre moral e moralismo: o desvinculamento da razão nas ações morais. A educação moral aqui destacada é a que colabora na transformação do ser e que se assemelha ao conceito de espiritualidade de Boff (2003, p.13): “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior”. O autor destaca ainda:

Considero que *espiritualidade* esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. (BOFF, 2003, p. 15).

Portanto, o ser humano na sua complexidade possui dimensões a serem trabalhadas de forma equilibrada. Quando apenas um desses aspectos é contemplado ou privilegiado há a desarmonia.

A educação escolar supervaloriza a dimensão cognitiva do indivíduo, privilegiando o aprendizado de conteúdos, considerados por agências e grupos com poder normatizador, importantes para o futuro desse indivíduo. Muitas vezes, a perspectiva de futuro restringe-se ao alcance de um posto no mercado de trabalho. E as outras dimensões do ser, como a moral, corpórea, afetiva e espiritual, onde ficam? É possível, em nossa sociedade, dar atenção à dimensão moral do ser no sentido de sua formação e desenvolvimento espiritual? O que significa isso? Como evitar as armadilhas do moralismo, castrador do desenvolvimento moral autônomo e necessário aos sujeitos em processo evolutivo?

Movida por estes questionamentos e pela intenção de colaborar na permanente busca de uma educação humanizadora e propiciadora da formação de pessoas melhores, voltei-me para a prática pedagógica do Grupo Fantasia, com um olhar compreensivo, tentando aproximar-me dos significados atribuídos à educação moral e às questões que a permeiam.

Vi ao longo deste trabalho que a prática do Grupo Fantasia, tendo em vista sua preocupação com a dimensão moral do ser, em especial da criança, revela-se como uma atuação diferenciada frente à secundarização ou silenciamento do aspecto moral e espiritual do homem em nossa sociedade. Um olhar mais apurado sobre suas ações contribuiu para a reelaboração do projeto pedagógico do grupo, afirmando-a, mais ainda, aos princípios emancipatórios que inspiraram a própria criação do grupo.

Neste capítulo, trago parte do referencial teórico que norteou a análise sobre o processo de desenvolvimento moral<sup>1</sup>, bem como são apresentados os resultados de aplicação de dilemas morais, junto aos componentes do GF. Interessa-me ver o nível do desenvolvimento moral – segundo Kohlberg e Piaget - dos educadores-palhaços que se propõem a desenvolver a moralidade de outros sujeitos.

### **3.2 - O desenvolvimento moral – de Piaget a Kohlberg**

Buscando compreender o desenvolvimento moral operante no indivíduo, muitas teorias vêm à tona. Bee (1984) aponta a possibilidade de dividir o desenvolvimento moral em três subtemas: **o comportamento moral**, que se refere ao comportamento da criança perante as regras; **o sentimento moral** que diz respeito aos sentimentos negativos e positivos envolvidos ao transgredir ou acatar os padrões morais vigentes; e, por fim, **o julgamento moral**, que é a parte cognitiva do desenvolvimento da moralidade no indivíduo, é aí que reside a distinção de certo e errado e onde é possível acompanhar a mudança dos padrões aplicados pelas crianças ao longo de sua idade.

Jean Piaget (1994), epistemólogo e psicólogo, foi um dos primeiros a se deter neste estudo. Procurando descobrir a gênese do conhecimento do ser humano, se deteve também na compreensão do desenvolvimento moral do indivíduo. Para tanto, realizou

---

<sup>1</sup> A moral, segundo a Doutrina Espírita, será tratada no próximo capítulo.

uma pesquisa com crianças, investigando os momentos iniciais e de desenvolvimento do juízo moral.

Inicialmente, seus estudos se pautaram na compreensão do comportamento moral da criança a partir das regras em jogos infantis. Ele abordou meninos e meninas em situação de jogo, analisando a aquisição e a apropriação das regras do jogo, relacionando-as às regras morais de comportamento do indivíduo.

Piaget (1994, p. 64) afirma que “toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que indivíduo adquire por essas regras.”

É importante destacar que para Piaget a moral não se limita às regras, estas são apenas o início de um desenvolvimento. Para este autor, o desenvolvimento moral é um processo de construção individual, que passa pela etapa de respeito às regras até chegar a resignificação dessas regras. Em síntese, o indivíduo passa uma situação de **anomia** para o estágio de **autonomia**, passando pela **heteronomia**.

É diferente do que pensa Durkheim, por exemplo. Este autor considera a moral um fato social, ou seja, um sistema de regras de conduta “que existe independentemente dos indivíduos e que, ao mesmo tempo, lhes é imposto através da educação.” (FREITAS, 2003, p. 67). Para Durkheim, a moral é social porque tem como origem e fim a própria sociedade.

A moral é disciplina que tem como objetivo conter desejos e necessidades individuais através de regras morais. Dentro dela engloba-se a autoridade que é exercida da sociedade para o indivíduo a fim de que ele cumpra as regras morais, gerando o respeito a partir dessa autoridade.

Kamii & Devries, comentando as ideias de Piaget, afirmam que “com efeito, ele crê que as relações de constrangimento (controle exterior) não favorecem o desenvolvimento moral, porque impedem o desenvolvimento da autonomia (controle interno).” (KAMII & DEVRIES apud SOUSA 2010 p.3) Vê-se que a liberdade é fator importante para a adaptação e construção das regras a partir das normas exteriores. A obediência aos adultos como detentores da autoridade é uma etapa inicial do desenvolvimento moral da criança. O pleno desenvolvimento moral está atrelado à cooperação, quando o indivíduo não teme punições ou não espera recompensas, mas age autonomamente em benefício comum ao invés de individual.

Nos primeiros anos de vida, o indivíduo é marcado pelo egocentrismo, em que a criança não consegue perceber a visão do outro, apenas a sua. Aos poucos, como resultado das interações sociais, a percepção do outro vai se aprimorando.

Após estudar a relação das crianças com as regras do jogo, Piaget passou ao estudo do julgamento moral, no qual ele apresentava às crianças duas histórias que consistiam em dilemas. As crianças deveriam julgar se os personagens eram culpados ou não e justificar sua resposta. As situações apresentadas eram referentes a mentiras e roubos ou a prejuízos causados de forma acidental e intencional.

A partir destes estudos, Piaget concluiu a existência de dois estágios evolutivos do juízo moral do indivíduo e ainda um momento que antecede a estes que é a **Anomia**, momento que se dá no período sensório-motor, entre zero e dois anos de idade. Nesta fase, a criança ainda não tem uma moral desenvolvida, pois esta só é possível no reconhecimento do outro, que só vai ocorrer mais adiante. Mas, aqui se dá o início dessa moral, nas relações afetivas desenvolvidas pelo adulto com a criança, pois para Piaget (1994, p. 138) “a condição primeira da vida moral é a necessidade da afeição recíproca”.

Vejamos, a seguir, o detalhamento dos dois estágios.

A **heteronomia** é o momento em que existe o respeito unilateral. É predominante até 8-9 anos. A criança já passa a se diferenciar do outro, por isso surge a primeira noção de respeito, que para Piaget (1994) é a expressão de um valor atribuído a outra pessoa. Essa primeira noção de respeito se dá de forma unilateral e advém das relações entre a criança e o adulto, assim surge a obediência, considerada a primeira forma de controle normativa na criança. O adulto sofre grande influência sobre a criança nesta fase, pois as normas e as opiniões dele têm tanto valor para a criança que esta passa a imitá-los. Relacionando à pesquisa desenvolvida por Piaget, nesta fase, um menino num jogo de bolinhas (ou de bila – situando no contexto cearense) atribui a validade das regras do jogo ao adulto que o ensinou, dessa forma, não se pode mudá-las. Freitas (2003, p.112) cita La Taille ao afirmar que “a heteronomia é a porta de entrada da moral”.

A necessidade da figura de autoridade para o desempenho de ações morais vai desaparecendo ao chegar à fase seguinte, a **autonomia**, presente em crianças acima de 9-11 anos. O respeito unilateral dá lugar ao respeito mútuo, pois neste momento os indivíduos são capazes de atribuir valores equivalentes uns aos outros, inicialmente pelo

compartilhamento de opiniões, gostos e valores. Adiante, esse respeito se desenvolve também por aqueles que não compartilham das mesmas afinidades que ele. É nesse companheirismo e nas relações cooperativas que surgem as relações de amizade.

Na fase de autonomia, o sujeito descobre que ele é capaz de instituir normas, ao invés de apenas seguir as já instituídas, e compreende que nem sempre o que a norma determina é justo, aí se elabora mais profundamente um conceito de justiça.

É possível observar que a fase de heteronomia piagetiana é para Durkheim a verdadeira ação moral, no qual o indivíduo age coagido por um ser superior, no caso a sociedade. Porém, para Piaget, a verdadeira ação moral é autônoma, vai além da obediência a algo exterior ao sujeito.

Piaget destacou características importantes embutidas nas regras morais como o respeito, a justiça, solidariedade e, principalmente, a cooperação. Para ele, é na cooperação que reside a chave para se chegar a um ser autônomo. A partir da maturação biológica e da relação entre o sujeito e o objeto, o indivíduo vai construindo a capacidade de se colocar no lugar do outro, desenvolvendo uma noção de justiça baseada na cooperação e na solidariedade.

No estágio de autonomia, o indivíduo consegue, por exemplo, questionar as normas e leis e busca maneiras de reformulá-las para atingir um maior nível de justiça. Nesse momento, ele já não aceita mais as normas simplesmente por imposição do outro se elas não forem realmente justas e trouxerem benefícios para o coletivo ao invés de benefícios puramente individuais.

Para Piaget, o desenvolvimento do juízo moral objetiva formar personalidades autônomas. Ele inovou esse campo de pesquisa ao buscar saber como a criança constrói e reconstrói suas exigências morais e os obstáculos que ela encontra para isso. Até então, essa área de estudo se detinha a análises sobre regras e normas de caráter disciplinar.

Piaget critica a busca por uma moral no indivíduo através da punição, da recompensa e dos discursos, além de defender o papel da família, escola e sociedade nesse desenvolvimento. A verdadeira moral não é ensinada verbalmente, mas construída ao longo das ações no decorrer da infância.

Lawrence Kohlberg é o investigador mais importante, após Piaget, no estudo sobre desenvolvimento moral sob a visão da psicologia. Ele deu continuidade aos estudos de Piaget, desenvolvendo pesquisas nesse campo. Viajou pelo mundo

realizando entrevistas constantes com grupos de pessoas. As entrevistas consistiam em apresentar situações de dilemas morais e com base nestas histórias eram realizadas perguntas. A resposta objetiva do sujeito sobre como ele resolveria o dilema não é o mais importante nas investigações de Kohlberg, o mais analisado era a justificativa dada para a escolha daquela ação. Por exemplo, duas pessoas poderiam ser a favor de um roubo, mas a justificativa que cada uma dava à sua defesa foi o que contou para que Kohlberg diferenciasse seis diferentes estágios de desenvolvimento moral que, divididos dois a dois, constituem três níveis: Pré-convencional, Convencional e Pós-convencional.

O nível **Pré-convencional** é muito semelhante à fase da Heteronomia de Piaget. O indivíduo age a partir de interesses próprios. Obedece a regras impostas para evitar punições ou buscando recompensas. Segundo Kohlberg (apud DUSKA;WELLAN, 1994), esta fase foi apresentada por crianças até 9 anos de idade, alguns adolescentes e adultos e ainda uma significativa quantidade de delinquentes e criminosos.

De acordo com La Taille (2006) e Sousa (2010), este nível se divide nos seguintes estágios:

- **Estágio 1 – Orientação para a punição e obediência ou a moral do castigo:** o que determina a ação do indivíduo não é o bem-estar comum, mas sim a consequência física daquela ação. O medo do castigo e a obediência à autoridade fazem parte de seu comportamento.
- **Estágio 2 – Orientação instrumental-relativista ou a moral do interesse:** as relações sociais se assemelham às comerciais. O indivíduo vê uma ação justa como aquela em que há uma troca instrumental, em que ele é beneficiado quando, ocasionalmente, beneficia o outro. Os indivíduos perseguem seus interesses e aceitam que os outros façam o mesmo.

O nível **Convencional** lembra o que se chama de convenção social, quando o indivíduo age para ser bem visto perante a sociedade. As normas e expectativas sociais estão interiorizadas, mas ainda permanece o medo do castigo e o desejo de recompensa, contudo, o que se espera não é uma recompensa instrumental, como anteriormente, e sim o prestígio, a conquista do respeito, o reconhecimento do outro e ser aceito no grupo.

Os dois estágios desse nível são:

- **Estágio 3 – A concordância interpessoal ou orientação para o “bom menino, boa menina” ou ainda a moral do coração:** Neste momento, a imagem estereotipada do que é aprovado pelo grupo, família ou sociedade é o que se pretende seguir. Aquele que causa boa impressão é aceito e valorizado pelo grupo. Pela primeira vez a intenção dos atos se revela importante. O comportamento é julgado pela intenção dele.
- **Estágio 4 – Orientação para a manutenção da sociedade ou a moral da lei:** aqui aparece a ação de manter a lei e a ordem apenas pelo desejo de mantê-los. Neste estágio, o comportamento correto é aquele que mostra respeito pela autoridade e que mantém a ordem social. Os julgamentos são baseados na ordem social, nas leis, na justiça e no dever.

Sousa (2010, p. 10) mostra as diferentes

orientações no que concerne à moralidade característica deste estágio: o primeiro caso orientar-se-ia para o meio interpessoal, para um estereótipo social, enquanto que o segundo indivíduo, apesar de também haver uma orientação interpessoal, preocupar-se-ia em deixar transparecer uma boa imagem de si. Já o terceiro caso denotaria uma orientação para a ordem, imparcialidade e consistência do sistema social.

De acordo com Sousa (2010) e La Taille (2006), neste momento, o sujeito já vai se destituindo de seus interesses pessoais em prol das necessidades do grupo, existindo aqui uma perspectiva sócio-moral.

O nível **Pós-convencional**, também chamado da **autonomia e dos princípios morais**, dificilmente é alcançado. Geralmente ocorre por volta dos 20-25 anos. Neste nível, o indivíduo compreende as relatividades das regras, podendo até transformá-las ou transgredi-las. O sujeito respeita as normas da sociedade não por imposição externa, mas por autoimposição. Ele tem uma visão de justiça que compreende o bem comum, utiliza princípios éticos universais, assim como direito à vida, liberdade e justiça.

Os estágios deste nível são:

- **Estágio 5 – Orientação para o contrato social ou a moral do relativismo da lei:** as leis não são mais consideradas válidas pelo mero fato de serem leis. Elas são questionadas de forma racional. O indivíduo admite que as leis ou costumes morais podem ser injustos e devem ser mudados. A mudança é buscada através dos canais legais e contratos democráticos.

- **Estágio 6 – Orientação para o princípio ético universal ou a moral da razão universal:** o indivíduo reconhece os princípios morais universais da consciência individual e age de acordo com eles. Se as leis injustas não puderem ser modificadas pelos canais democráticos, o indivíduo ainda resiste a elas. É a moralidade da desobediência civil, dos mártires e dos revolucionários, e de todos aqueles que permanecem fiéis aos seus princípios ao invés de se conformarem com o poder estabelecido e com a autoridade.

Para Kohlberg, a noção de justiça é o cerne do desenvolvimento moral. À medida que o indivíduo vai avançando nos estágios, esta noção vai se aperfeiçoando, saindo do eu, até conseguir ver o outro, chegando a uma percepção de justiça social e universal.

A seguir, serão apresentados os dilemas morais aplicados aos integrantes do Grupo Fantasia, bem como as análises baseadas nos autores aqui destacados, seguidos de destaques feitos pelos membros do GF.

### **3.3 - Os dilemas morais**

Neste item, apresentarei um sequência de quatro dilemas morais, os quais os integrantes do GF foram submetidos. Participaram desta atividade dez membros do grupo que responderam por escrito questões referentes a quatro dilemas, sendo um deles elaborado por Kohlberg e analisado com base neste autor; outro dilema elaborado por Piaget e outros dois dilemas elaborados por mim em parceria com minha orientadora, enfocando o cotidiano de atividades do Grupo Fantasia. A seguir os detalhes de cada dilema.

#### *3.3.1 – Dilema de Heinz*

O primeiro dilema é conhecido como dilema de Heinz, ou o dilema de Henrique<sup>2</sup>. Elaborado por Kohlberg para a compreensão do nível de desenvolvimento moral, visa abordar dois valores básicos: Vida e Lei. Vejamos o dilema:

---

<sup>2</sup> O texto, perguntas e análises foram feitos baseados em Freitas, Kovaleski e Boing (2009).

Na Europa, uma mulher estava a ponto de morrer de um tipo de câncer muito especial. Havia um medicamento que, segundo os médicos, poderia salvá-la. Era um tipo de remédio que o farmacêutico da mesma cidade havia descoberto recentemente. O medicamento era caro para ser produzido, mas o farmacêutico cobrava dez vezes mais do que lhe havia custado elaborá-lo. Ele pagou o equivalente à duzentos reais, mas cobrava dois mil por uma pequena dose. O marido da enferma, Henrique, recorreu a todo o mundo que conhecia para pedir o dinheiro emprestado, e tentou todos os meios legais, mas só pôde conseguir mil reais, ou seja, a metade do que custava. Henrique disse ao farmacêutico que sua mulher estava morrendo e pediu que lhe vendesse o remédio mais barato ou que lhe deixasse pagar mais adiante. Entretanto o farmacêutico disse. “Não, eu descobri o medicamento e tenho que ganhar dinheiro com ele”. Então, Henrique entrou desesperado na farmácia e roubou o remédio para sua mulher. (FREITAS; KOVALESKI; BOING 2009, p.3).

Apresentado o dilema, os integrantes do GF foram submetidos a uma sequência de perguntas, as quais eles deveriam se posicionar acerca dos valores Vida ou Lei e justificar suas respostas. Em seguida, as repostas foram analisadas, visando ainda perceber as normas ou argumentos dos educadores-palhaços. Neste momento, foi analisada a coerência argumentativa para sustentar ou não a resposta do valor escolhido. Por fim, foram analisados os elementos ou a orientação sócio-moral adotada nas respostas. São as motivações éticas que guiaram as justificativas dadas.

Vejamos uma síntese das respostas:

#### **A - Devia Henrique roubar o remédio? Porque sim ou por que não?**

Respostas: Sim (2) e Não (8)

Sim

- *Crime contra a vida é maior que um crime contra o patrimônio.*
- *Devido ao descaso dos meios legais e a possível morte da esposa.*

Não

- *Fazer um acordo com o farmacêutico, conversar, barganhar e persuadir ou trabalhar para pagar o produto. Se não tivesse nenhuma saída deveria praticar o ato.*
- *Ter fé.*
- *Manter a honestidade.*
- *Insistir em ajuda dos meios legais.*
- *Um erro não justifica outro.*
- *Fazer empréstimo.*
- *Henrique ou a Esposa poderia envergonhar-se da ação.*

**B - É bom ou mau que ele roube o remédio? Por quê?**

Respostas: Bom (2) e Mau (8)

Bom

- *Mesmo errando salvará a vida da esposa.*
- *Causa menos danos ao farmacêutico que à esposa.*

Mau

- *Porém é por uma boa causa e tem uma boa intenção.*
- *Falta de honestidade.*
- *Ato de desespero.*
- *Pode causar arrependimento.*
- *É ilícito.*
- *Será constrangedor.*
- *Pode ser preso e se afastar da esposa.*
- *Crime que prejudica o farmacêutico que precisa também do dinheiro.*
- *Pode-se ainda conversa com sinceridade.*
- *Não se pode fazer o bem através do mal*
- *Precisa manter a fé.*

**C - Henrique tem o dever ou a obrigação de roubar o remédio? Por que sim ou por que não?**

Respostas: Sim (3) e Não (7)

Sim

- *Todos temos o dever de sermos honestos, mas a situação o obrigou a agir dessa forma.*
- *Por ser marido, sentiu-se obrigado em realizar esse ato.*
- *Ele a amava.*
- *Tem o dever de zelar pela vida da esposa.*

Não

- *É feio roubar, mas foi necessário.*
- *Mas, ele se viu obrigado pela situação.*
- *Ajudar alguém não pode ser desculpa para se fazer algo errado.*

- *Ele não tinha nem o dever e nem a obrigação de cometer um crime.*
- *Ele tem o dever de tentar salvar a pessoa, mas por outros meios.*

**D - Se Henrique não quisesse bem sua mulher, deveria roubar o remédio? Em outras palavras: Existe alguma diferença com respeito ao que deve Henrique fazer se quer bem a sua mulher ou se não quer?**

Respostas: Sim (4) e Não (6)

Sim

- *Mesmo sem amor, há o dever de proteger a esposa.*
- *Ela merece consideração por ele e a oportunidade de viver.*
- *É o que ele acha correto fazer.*
- *Devemos lutar pela vida do nosso próximo.*

Não

- *Ele deve ficar ao lado da esposa nesse momento difícil e não prejudicar o tratamento dela se afastando sendo preso.*
- *Não é porque ele não a ama, que irá deixá-la morrer.*
- *Nenhuma circunstancia justifica o mau ato. Roubar é sempre desonesto.*
- *O fato de Henrique amar sua esposa pode influenciá-lo a se sentir obrigado a roubar o remédio, e o fato dele não amar poderia amenizar esse sentimento de obrigatoriedade.*

**E - Imagine que a pessoa que está morrendo não fosse sua mulher, mas um estranho; deveria Henrique roubar o remédio para um estranho? Porque sim ou por que não?**

Respostas: Sim (3) e Não (7)

Sim

- *“Fazer o bem sem olhar a quem”*
- *Já que Henrique achou correto roubar para salvar a esposa, esse pensamento tem que ser o mesmo para qualquer outra pessoa, mesmo essa sendo uma desconhecida.*

Não

- Mesmo sendo só um estranho, baseado em Jesus, todos somos irmãos, é importante fazer o máximo para ajudar, mas sem praticar atos ilícitos.

- Ele deve pensar nas consequências de seu ato.

- Não adianta querer fazer o bem praticando o mal.

**F - Imagine que é um animal que quer muito bem; deveria Henrique roubar para salvar a vida de um animal? Por que sim ou por que não?**

Respostas: Sim (3) e Não (7)

Sim

- A vida do animal ainda é mais valiosa que o patrimônio do farmacêutico.

- Na visão de Henrique, ele está salvando uma vida, sem distinção entre homens e animais.

Não

- A não ser que esse ato fosse a única forma para mantê-lo vivo.

- Não se pode prejudicar outrem por necessidade suas.

- Persuadir o farmacêutico.

- Não importa a situação, ou você é honesto ou não é.

**G - É importante fazer todo o possível para salvar outra vida? Por que sim ou por que não?**

Respostas: Sim (10) e Não (0)

- A vida é o bem mais precioso que temos e a preservação dela está relacionada ao mais valioso sentimento humano: o amor.

- Sem ultrapassar limites que podem nos levar a consequências desastrosas ou prejudicar o outro.

- Menos ser desonesto, pois devemos confiar em Deus e buscar recursos lícitos. Imagine se todos que precisem de remédios para salvar uma vida optassem por roubar o medicamento?

**H - Está Henrique contrário à lei por roubar o remédio? Por que sim ou por que não?**

Respostas: Sim (8) e Não (2)

Sim

- *Ele vai contra a lei de propriedade e a lei moral de Deus que diz não roubaís.*
- *Todo produto subtraído sem autorização do dono é contrário à lei. Viola o direito do próximo.*
- *Roubar é considerado crime no mundo material e espiritual. Mesmo que a intenção de Henrique seja boa, os fins não justificam os meios.*

Não

- *Se levar em conta a lei de Deus para salvar uma vida.*

### **I - Deve-se fazer todo o possível para obedecer à lei? Por que sim ou por que não?**

Respostas: Sim (8) e Não (2)

Sim

- *Às leis Divinas, pois são imutáveis. As leis humanas podem ser submetidas à análise e admitirem exceções.*
- *Todos devem buscar seguir as leis, convivendo de forma mais justa, fraternal e responsável, abolindo, assim, naturalmente situações que violam a moral e acarretam no mal.*
- *As leis são necessárias para conduzir a humanidade para o melhor caminho. Sejam leis materiais ou as leis morais.*

Não

- *As leis dos homens, assim como ele próprio, não são perfeitas. E se essa lei prejudica o bem-estar do ser, ela não deve ser seguida.*
- *Retirando as leis Divinas e a da natureza, as outras são falhas e com brechas jurídicas.*

Analisando as respostas diretas dos integrantes em cada pergunta, podemos constatar que a maioria optou pelo valor moral da Lei, como aponta a tabela a seguir :

Tabela 1 – Análise do valor moral escolhido pelo GF no Dilema de Heinz

VALOR MORAL	
LEI	65%
VIDA	35%

Entretanto, é preciso fazer a ressalva acerca da compreensão que o grupo tem acerca desses valores, posto que encontramos em várias respostas conceitos da Doutrina Espírita acerca da Lei Divina, como podemos ver em *O Livro dos Espíritos* (1999, p. 305) nas questões 614 e 615 propostas por Kardec e respondidas pelos Espíritos:

614. Que se deve entender por lei natural?

‘A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta.’

615. É eterna a lei de Deus?

‘Eterna e imutável como o próprio Deus.’

A Lei que o grupo defende refere-se muitas vezes às Leis de Deus, que, na concepção deles, inclui tanto o conceito de não roubar quanto o de defender a vida. Podemos constatar isso nas seguintes justificativas da pergunta I, se devemos obedecer às leis:

*Sim. Às leis Divinas, pois são imutáveis. As leis humanas podem ser submetidas à análise e admitirem exceções.*

*Não. As leis dos homens, assim como ele próprio, não são perfeitas. E se essa lei prejudica o bem-estar do ser, ela não deve ser seguida.*

A dualidade enfrentada pelo grupo em suas respostas consistiu muitas vezes em analisar os prejuízos menores e maiores, como na resposta seguinte:

*Roubar o remédio configura um crime contra o patrimônio; não roubar e deixar a esposa morrer seria um crime contra a vida, muito pior.*

A valorização da vida tem sido tema constante nas visitas do grupo. Na pergunta G, sobre fazer todo o possível para salvar outra vida, todos respondem que sim e reafirmam o valor de cultivar o que chamam de “bem mais precioso”:

*A vida é o bem mais precioso que temos e a preservação dela está relacionada ao mais valioso sentimento humano: o amor.*

Acerca das normas ou argumentações mais usadas, a tabela seguinte revela uma contradição se comparando a tabela anterior:

Tabela 2 – Análise das normas ou justificativas dos argumentos usados pelo GF no dilema de Heinz

<b>NORMAS/JUSTIFICATIVA DOS ARGUMENTOS</b>	
VIDA	30%
LEI	19%
RELIGIÃO	16%
PROPRIEDADE	6%
CONTRATO	6%
DIREITOS CIVIS	6%
AFILIAÇÃO	5%
VERDADE	4%
AMOR	4%
CONSCIÊNCIA	2%
AUTORIDADE	1%
CASTIGO	1%

Mesmo sendo a Lei o valor moral mais defendido, ao longo do dilema, as justificativas se voltaram, em sua maioria, para a defesa da vida e só em seguida aparecem argumentos a favor da Lei. Argumentos referentes à Religião aparecem em terceiro lugar. Nestes aparecem elementos como fé, resignação e Deus. A defesa pela propriedade do farmacêutico, seus direitos civis e ainda a realização de um acordo com contrato aparecem empatadas. Argumentos sobre a relação matrimonial de Henrique vêm logo em seguida, bem como a defesa da verdade, do amor. Por fim, aparecem argumentos acerca da consciência de Henrique sobre seu ato, também vinculados à autoridade e castigo que o mesmo pode receber por consequência de sua ação.

A seguir, vejamos uma terceira tabela, que nos dá elementos para classificação do Nível de desenvolvimento moral dos integrantes do GF de acordo com Kohlberg:

Tabela 3 – Orientação sócio-moral/elementos para classificação do nível de desenvolvimento moral a partir das respostas do GF no dilema de Heinz.

<b>ORIENTAÇÃO SÓCIO-MORAL/ELEMENTOS PARA CLASSIFICAÇÃO DO NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO MORAL</b>	
<b>CONSEQUÊNCIAS EGOÍSTAS</b>	<b>7%</b>
Busca de recompensa	
Boa reputação	<b>25%</b>
<b>CONSEQUÊNCIAS UTILITARISTAS</b>	
Boas consequências individuais	<b>45%</b>
Boas consequências de grupo	
<b>CONSEQUÊNCIAS IDEAIS</b>	<b>23%</b>
Proteger o caráter	
Ajudar o ideal-social	
Ajudar a dignidade humana	
Proteger o auto-respeito	<b>23%</b>
<b>JUSTIÇA</b>	
Manutenção da equidade	
Contrato social	
Equilibrar perspectivas	
Reciprocidade	

A tabela acima mostra quatro orientações gerais, as quais aparecem nas justificativas dos membros do GF. As **consequências egoístas** podem ser relacionadas ao nível pré-convencional, o qual o indivíduo age em função do benefício próprio. Estas aparecem em sua minoria nas respostas do grupo. As **consequências utilitaristas** podem relacionar-se ao estágio 3 do nível convencional, o qual é levado em consideração as boas intenções do indivíduo em suas ações. As **consequências ideais** relacionam-se ainda ao nível convencional, mais especificamente ao estágio 4, onde há uma preocupação em manter a ordem social vigente. Estas consequências aparecem em sua maioria nas respostas do grupo. Já na **justiça** aparecem elementos do nível pós-convencional, o qual existe uma preocupação com os direitos individuais e gerais, a busca pelo consenso e possibilidade de mudanças nas leis em detrimento de benefícios de utilidade social.

Em suma, constatamos que os membros do Grupo Fantasia podem ser classificados no Nível convencional de Kohlberg, em especial no estágio 4. Destaca-se ainda o baixo percentual no Nível pré-convencional, que se apresenta em evidência nas crianças até 9 anos de idade. O nível pós-convencional seria a etapa adequada para membros do GF, de acordo com as orientações de Kohlberg, contudo, La Taille (2006, p. 103) afirma que “pesquisas comprovam que a maioria dos adultos não passa do nível

convencional. Eis um diagnóstico mais convincente a respeito do que se pode observar no dia-a-dia: a autonomia é uma conquista cara e rara.”.

### 3.3.2 – Dilema da visita hospitalar

Este dilema foi elaborado a partir dos valores morais básicos e proposto por Kohlberg no Dilema de Heinz. A história a seguir retrata a realidade do cotidiano do Grupo Fantasia e foi pensado desta forma para contextualizar os valores morais de Vida e Lei nas atividades do grupo. Vejamos o dilema:

Em visita ao hospital, o Grupo Fantasia não tem autorização para entrar em determinada área em que há crianças internadas, pois podem comprometer a saúde e até a vida da criança que lá está. É uma norma do Hospital, apenas profissionais da saúde e parentes autorizados entram nesta área. Ocorre que lá se encontra uma criança, em seus últimos momentos de vida. Os médicos já fizeram tudo que era possível por ela e nada mais surte efeito. A criança criou um vínculo afetivo com os palhaços, pois há semanas ela está no hospital e antes de chegar a esta área de isolamento, já teve bastante contato com eles. A mãe, para atender ao último pedido de seu filho, convida os palhaços a irem visitar a criança. Os médicos responsáveis pela área não se pronunciam, deixam a critério dos palhaços a escolha de entrar ou não para a visita.

Pergunta: Os palhaços devem realizar a visita? Por que sim ou por que não?

Respostas: Sim (8) e Não (2)

Sim

*- Tendo em vista que a criança está em estado terminal e não há possibilidade dela sobreviver, o palhaço deveria pedir ao médico para autorizar, pois sem a permissão o grupo poderia ser proibido de entrar no hospital para fazer visitas futuras, e entrar para dar um pouquinho de conforto à criança.*

*- A presença do palhaço, por quem a criança tem afeição, ajudará na transição desse espírito.*

Não

*- Se a criança estiver sozinha, o grupo poderia visitá-la, tendo em vista seu estado irreversível e a necessidade de tranquilizá-la para o momento do desencarne.*

No Dilema de Heinz, a maioria do grupo optou pelo valor Lei e nas suas argumentações defenderam o valor Vida. Já neste dilema, a maioria optou pelo valor

Vida e mesmo os que se posicionaram contra a visita não justificaram em hipótese alguma a transgressão da lei. Foram contra pela possibilidade de causar mal a outras crianças que poderiam estar também no mesmo local, com maiores chances de sobrevivência que a criança em questão, ou seja, o valor Vida foi predominante.

### 3.3.3 – Dilema sobre igualdade e autoridade - segundo Piaget

O terceiro dilema foi elabora por Piaget (1994, p.210). Aplicado em crianças de 6 a 12 anos, o investigador se propôs a analisar os valores de igualdade e autoridade, posto que, para este autor, à medida que o indivíduo vai avançando na idade e avançando da fase de heteronomia para autonomia, as noções de justiça, solidariedade e cooperação vão se aprimorando e aí que, para Piaget, reside a chave para o desenvolvimento moral.

Vejamos a seguinte história:

Uma mãe pediu ao filho e à filha para ajudá-la um pouco nos afazeres domésticos, numa tarde de quinta-feira, porque estava cansada. A menina devia enxugar a louça e o menino ir procurar lenha. Mas eis que um deles foi brincar na rua. Então a mãe disse ao outro para fazer todo o trabalho. Ele faz ou não? Por quê?

Respostas: Sim (5) e Não (5)

Sim

*- Apesar de não ser uma obrigação de a criança fazer o trabalho doméstico, a situação é uma exceção e serve como lição de responsabilidade para a criança ajudar sua mãe no momento que ela precisa.*

*- O que está em pauta não seria a falta que o outro comete e sim a necessidade do cumprimento da tarefa e a impossibilidade da mãe.*

*- Colocando-me no lugar da criança, eu faria as atividades domésticas porque minha mãe pediu. No entanto, faria contrariada e deixaria claro que tal atitude da minha mãe não foi justa comigo. E que se eu optasse por não obedecê-la estaria sendo injusta com ela.*

Não

*- Porque é injusto um ir brincar e o outro ficar fazendo tudo só.*

- Deve ir chamar o outro para que ambos tenham noção de respeito, obediência e justiça.

Neste dilema, as respostas se dividiram igualmente entre fazer o que mãe disse e não fazer. Os que optaram pela realização da tarefa no lugar do irmão levaram em consideração a condição física da mãe e apontaram indícios de cooperação em suas argumentações, em contrapartida, uma das respostas foi afirmativa apenas pela obrigação de obedecer à mãe. Esta resposta, mais as seguintes que optaram pelo Não, revela a noção de justiça atrelada à divisão em partes iguais das tarefas. Ou seja, não consideram justo um fazer mais tarefas que o outro, enquanto este se diverte. Independente da justificativa dada, seja a que tende para a cooperação, seja a que tende para a justiça na divisão de tarefas, as duas argumentações revelam um caminhar para a fase de autonomia, pois, nesta etapa, o indivíduo não obedece simplesmente às normas, ele as questiona e compreende que nem sempre o que é instituído é justo.

### **3.3.4 – Dilema sobre igualdade e autoridade - segundo o Grupo Fantasia**

O quarto dilema foi uma reelaboração do aplicado anteriormente. Utiliza os mesmos valores que Piaget, porém, em situação dentro do contexto do grupo. Vejamos: *Numa tarde de domingo, o Grupo Fantasia se reúne para se preparar para mais uma visita à Casa Família. O grupo responsável pela visita dividiu as tarefas para executar a programação da tarde: um deveria providenciar balões coloridos para fazer esculturas, outro levar um livrinho para contação de história, outro providenciar material de desenho e outro selecionar uma música. Enquanto se fantasiam, o integrante responsável pelo livro liga para o coordenador do grupo avisando que não comparecerá à visita. O coordenador, por sua vez, pede a outro integrante que providencie um livro para contar história. Ele faz ou não? Por quê?*

Resposta: Sim (10) e Não (0)

- Para a execução da programação feita, o livro precisa ser providenciado, independentemente de quem o fará. A falta de um integrante não pode prejudicar o andamento do trabalho, problemas internos do grupo não podem ser refletidos nas crianças;

*- Pelo bem maior do grupo e do trabalho.*

Nenhuma resposta se contrapôs ao que foi pedido pelo coordenador. Contudo, as justificativas não se detêm ao ato da obediência, mas sim à ação cooperativa do grupo. O valor da obediência não foi mencionado, apenas o da cooperação para o bom andamento das atividades do GF.

Apresentando os resultados para os membros do GF e ainda esclarecendo acerca dos Níveis de desenvolvimento moral, segundo Kohlberg e Piaget, os integrantes enfatizaram o quanto ainda estão distantes de chegar ao nível maior de desenvolvimento moral, tanto segundo os autores, quanto segundo a Doutrina Espírita. O depoimento de Gabriela reflete o que foi dito:

*Chegar nesses níveis aí só sendo um espírito muito evoluído mesmo. A gente ainda precisa reencarnar muito pra chegar aí. (Gabriela)*

O comentário de Gabriela retrata a percepção do grupo acerca do desenvolvimento moral de acordo com os princípios da Doutrina espírita. É sobre a moral na visão Espírita que o capítulo seguinte tratará.



Figura 4 – Grupo Fantasia no Mac Dia Feliz em 2008.

## CAPÍTULO IV

### A MORAL ESPÍRITA: FONTE INSPIRADORA DO GRUPO FANTASIA

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior é o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: *Amarás o teu próximo, como a ti mesmo.* - Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.” Jesus Cristo

## **4 - A MORAL ESPÍRITA: FONTE INSPIRADORA DO GRUPO FANTASIA**

Como a prática educativa e social dos educadores-palhaços é pautada na Doutrina Espírita, destacarei as contribuições do Espiritismo para uma educação moral, dialogando com a Pedagogia Espírita. Por fim, apresentarei, através das falas dos integrantes do Grupo Fantasia, o que eles compreendem sobre educação moral e como a Doutrina Espírita os inspira.

### **4.1 – Espiritismo: uma Doutrina eminentemente educativa**

N’*O livro dos Espíritos*, Kardec pede uma definição de moral aos Espíritos que dizem: “a moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.” (1999, p. 310).

Sobre a lei de Deus, encontramos n’*O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1978, p. 183), as palavras de Jesus ensinando:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. - Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.

A moral espírita reside nos ensinamentos do Cristo. É nela que se encontra a regra do bem proceder. O Espiritismo vem somar aos ensinamentos do Cristo, como mostra Kardec n’*A Gênese*, quando fala a respeito da utilidade da Doutrina Espírita e os conhecimentos do mundo espiritual, associado à moral do Cristo. Vejamos:

Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus outorgou ao homem um guia, dando-lhe a consciência, que lhe diz: “Não faças a outrem o que não quererias te fizessem.” A moral natural está positivamente inscrita no coração dos homens; porém, sabem todos lê-la nesse livro? Nunca lhe desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam mesmo aqueles que a ensinam? [...] A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas reprisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. [...] O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à Doutrina Cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor. Somente quando praticarem a moral do Cristo,

poderão os homens dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, também, Deus, então, já não lhos enviará. (KARDEC, 2002, p. 45).

Temos as palavras de Kardec com base nos ensinamentos dos Espíritos, destacando que a moral do Cristo é essencial para o desenvolvimento do ser, mostrando a Doutrina Espírita como uma alternativa para leitura mais profunda dessa moral, visto que, nesta perspectiva, a moral do ser não é observada apenas no ponto de vista desta, mas de outras vidas.

Para a Doutrina Espírita, o desenvolvimento moral é algo conquistado ao longo de múltiplas experiências reencarnatórias, pois a cada encarnação – ou nova vida ou nova existência - o Espírito adquire conhecimentos que o impulsiona no desenvolvimento intelectual e moral. Também pode ocorrer do Espírito não conseguir lidar positivamente com as experiências da existência vivida e em nada progredir, mas jamais retrograda em seu aprendizado.

A reencarnação tem como objetivo o melhoramento da humanidade, portanto é um meio de aprendizagem que proporciona um novo olhar de si e do outro. Vejamos as elucidaciones de Kardec (2002, p. 31):

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

À medida que o Espírito vivencia novas experiências reencarnatórias e aprende com elas, este vai trilhando um caminho evolutivo. Kardec (1999) esclarece que Deus criou os Espíritos simples e ignorantes e através do livre-arbítrio que também é dado a todos, cada um faz suas escolhas que os leva a passar por provas e expiações e a desempenhar missões, para que, ao longo de várias existências, possam alcançar os patamares superiores da vida espiritual.

De acordo com Kardec (1999), existem elementos que podem provar a reencarnação, são eles:

- as ideias inatas, que são vestígios, vagas lembranças que o Espírito conserva das existências anteriores;

- lembranças de existências pretéritas<sup>1</sup>, que podem se dá de forma espontânea, através de imagens, visões ou até sonhos, ou de forma induzida, através terapias de regressões a vidas passadas;
- comunicações mediúnicas, que são fenômenos cada vez mais estudados, mas que ocorrem desde as épocas mais remotas, podendo citar, por exemplo, os dez mandamentos de Moisés, recebidos através de uma comunicação com o plano espiritual. As inúmeras cartas psicografadas pelo mais renomado médium brasileiro, Francisco Cândido Xavier, conhecido como Chico Xavier, também são provas da reencarnação através do contato com Espíritos já desencarnados;
- fenômenos de transcomunicação instrumental. São fenômenos de comunicação dos Espíritos através de aparelhos eletrônicos;
- experiência de quase-morte (EQM)<sup>2</sup>. Oliveira explica que esse termo foi

criado pelo médico americano, Raymond Moody Jr, para conceituar a vivência de indivíduos que foram considerados clinicamente mortos, mas que voltaram a viver normalmente e se lembraram, na maioria dos registros feitos até então, de terem experimentado: sensação de estar morto; ouvir o anúncio da própria morte; sensação de flutuar e sair do corpo [...] (2008, p.60).

A escala evolutiva espírita se divide em três ordens, são elas: Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza. (KARDEC, 1999, p. 86).

A evolução do espírito não se dá ao acaso. É preciso que este se dedique à prática do bem, de acordo com os ensinamentos do Cristo. Para o aperfeiçoamento moral do Espírito, Kardec (1999, p. 331) destaca ainda um elemento capaz de solucionar os grandes problemas da humanidade, tanto de foro íntimo quanto do coletivo, colaborando da evolução do ser. Vejamos que elemento é esse:

---

<sup>1</sup> Ver as publicações do médico e psiquiatra americano Dr. Brian Weiss sobre terapias de vidas passadas.

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre reencarnação e experiências de quase-morte, ver a obra do Dr. Ian Stevenson, médico e psiquiatra canadense que se dedicou a pesquisas sobre ambos os temas, dentre sua vasta obra, sugere-se *Vinte casos sugestivos de reencarnação*. Ver também as pesquisas de seu continuador, Jim Tucker, bem como do pesquisador espírita brasileiro Hernani Guimarães Andrade, no livro *Reencarnação no Brasil*.

Esse elemento é a **educação**, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de **formar os caracteres**, à que **incute hábitos**, porquanto **a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos**. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues aos seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de **ordem e de previdência** para consigo mesmo e para com os seus, **de respeito a tudo o que é respeitável**, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos. (grifo do autor)

Em outro trecho, Kardec ainda enfatiza a educação como solução para uma das maiores chagas da humanidade, o egoísmo:

Deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. [...] Faça-se com a moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos. (1999, p. 422)

Daí resulta também o fundamento da Pedagogia Espírita, que consiste numa proposta pedagógica pautada nos princípios dessa Doutrina. Não tem como objetivo o ensino da Doutrina Espírita e sim o uso de seus princípios, pedagogicamente, em diversos meios sociais, seja escola, universidade, família ou centro espírita. A seguir, vejamos detalhadamente esta proposta pedagógica, ainda em construção.

#### **4.2 – Pedagogia espírita e o ensino inter-religioso**

Pires (1986, p.125) define a Pedagogia Espírita como: ciência, filosofia, arte e religião. É uma proposta atual de educação integral que se diferencia das demais propostas pedagógicas da seguinte forma:

A Pedagogia Espírita distingue-se das várias Pedagogias religiosas e da chamada Pedagogia Geral por incorporar os dados da Ciência Espírita. Esses dados são revolucionários por darem [...] uma visão inteiramente nova do homem e portanto do educando. [...] Na Pedagogia Espírita a concepção real do educando vai muito além da concepção pedagógica habitual ou comum. A primeira e mais simples definição do educando que ela nos dá provoca um choque e muitas vezes uma repulsa dos que a recebem: *O educando é um reencarnado*. (grifo do autor)

Eis, então, o grande diferencial da Pedagogia Espírita, a sua concepção de educando como um espírito reencarnado. Incontri (2004) destaca os elementos e princípios da Pedagogia Espírita, são eles: o ser interexistente (termo utilizado por Herculano Pires para destacar a nossa capacidade de existir em duas dimensões: material e espiritual), a ênfase no educando, a valorização da vida, olhar ampliado do mundo, o amor, a liberdade, a igualdade com singularidade, a naturalidade, a ação e a educação integral.

Algumas aplicações práticas da Pedagogia Espírita são destacadas como sendo: a escola livre e afetiva, atividades éticas, produções estéticas, produções intelectuais, abolição de castigos e recompensas, cultivo da espiritualidade, autogestão administrativa, cogestão pedagógica, escola social e escola universal.

A inter-religiosidade também é defendida pela Pedagogia Espírita, assim como o respeito religioso faz parte do Espiritismo. O Colégio Allan Kardec, primeiro colégio Espírita do Brasil, fundado em 1907, por Eurípedes Barsanulfo, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, é um exemplo desta prática. De acordo com Bigheto (2006), havia estudos no Colégio Allan Kardec, todas as quartas-feiras, os quais os alunos tinham a presença facultativa, pois era um estudo fora do horário de aula. Junto ao Professor Eurípedes, realizavam estudos sobre as mais diversas religiões.

Inicialmente, era estudado sobre a Doutrina Espírita. Em seguida, a partir do estudo do 1º capítulo d'*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Eurípedes iniciou estudos sobre a evolução da religião ao longo do desenvolvimento da humanidade. Essas aulas sempre estavam repletas não só de alunos, mas também de visitantes interessados em participar das belas elucidações de Eurípedes.

Novelino, ex-aluna de Eurípedes, diz que ali “Processavam-se assim brilhantes incursões pelos diferentes horizontes da evolução religiosa dos povos, no curso dos séculos, seguindo-se importante seqüência de cunho altamente pedagógico.” (1991, p. 126)

Uma experiência semelhante à de Eurípedes no ensino religioso foi a de Anália Franco (1853-1919), espírita, carioca, residiu na cidade de São Paulo onde desenvolveu suas atividades pedagógicas. Contemporânea de Eurípedes e atuante na sociedade paulistana, obteve experiências pedagógicas marcantes pela sua inovação, especialmente no combate a todo tipo de preconceito. Criou dezenas de creches e asilos destinados ao atendimento de mulheres solteiras e seus filhos, bem como a crianças órfãs e/ou negras. Vejamos comentário a seguir:

Em um espaço inferior a um ano, esta senhora e a Associação que ela dirige [Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, criada em 1901] fundaram no Estado e na capital e n'algumas cidades do interior 25 escolas e há 4 meses mais ou menos, essas 25 escolas tinham uma população escolas de 1000 crianças de ambos os sexos, de todas as origens e procedências. Ali estão juntos o turco, o judeu, o maometano, o católico, o cristão e o calvinista. (MONTEIRO apud INCONTRI, 2004, p. 188).

Este relato nos apresenta um pouco do trabalho de Anália Franco, que, no início do século XX, participante de uma sociedade arraigada de preconceitos aos negros, mulheres, religiões e etc., assumia-se como feminista e defensora do direito de liberdade de todos os seres humanos, e vivenciou o ensino ecumênico em suas instituições por perceber as contribuições pedagógicas deste trabalho.

Anos mais tarde, a prática do Professor Ney Lobo também traria grandes contribuições para o âmbito da educação espírita. Ney Lobo foi diretor do Instituto (depois Colégio) Lins Vasconcelos e fundador da Cidade-mirim, no estado do Paraná. Neste espaço, era estimulada a responsabilidade aos alunos a partir da atuação destes na cidade-mirim, que consistia numa vivência lúdica das relações da sociedade, como na Prefeitura-mirim, câmara de vereadores mirim, agência mirim de correios e a casa de oração, ou seja, local de oração ecumênica e meditação espiritual, revelando o caráter ecumênico deste Colégio.

Para melhor compreensão acerca da prática desta Instituição e da proposta da Pedagogia Espírita, torna-se importante vermos o escrito de uma das professoras do Colégio, Elizete, citada por Incontri:

A função de um colégio espírita não é a divulgação direta da doutrina espírita (...). À escola espírita cabe a aplicação no campo pedagógico do que a doutrina espírita possui de mais fundamental: a educação espírita, compreendida como um processo de elevação das almas dos educandos a um patamar superior de espiritualidade, independente do seu posicionamento religioso. A educação espírita não sectária, bem conduzida pela escola, não deverá reforçar, interpretar ou fomentar nenhuma religião em particular, com seus dogmas, mitos, irracionalismos e mistérios, mas, pode sim promover aquilo que todas têm como missão comum e a mais elevada de todas: o

desenvolvimento da espiritualidade dos seus alunos. Essa espiritualidade é composta pelos valores universais morais de honestidade, caridade, humildade, altruísmo, fraternidade, veracidade, justiça, piedade, etc., portanto, passíveis de serem trabalhados pela escola. (2004, p. 208)

A partir do apresentado, é possível visualizar o que a Pedagogia Espírita propõe ao se tratar de ensino inter-religioso, prática esta que se configura ainda repleta de dificuldades, tanto de aceitação quanto de implantação no sistema de ensino atual. Sabemos que estamos num país onde o Estado se declara laico, mas no qual sua população contempla uma pluralidade de manifestações com o transcendente, tendo dificuldades em se conceber um ensino religioso que não seja proselitista.<sup>3</sup>

Contudo, é notório que essa pluralidade, que remonta à colonização e se delinea em mais de 500 anos de mistura de raças, valores e crenças, não pode ser silenciada em nenhum âmbito de nossas estruturas sociais, principalmente no que se refere à educação.

Na proposta da Pedagogia Espírita, a valorização da pluralidade religiosa é clara, a qual vemos presente também nos princípios de Rousseau, considerado um dos precursores da Pedagogia Espírita. Ao tratar da religião natural, religiosidade acercada de racionalidade e do conhecimento das mais variadas crenças existentes, o autor destaca:

Dentre tantas religiões diversas que se proscvem e se excluem mutuamente, uma só é a certa, se é que alguma o seja. Para reconhecê-la, não basta examinar uma delas, é preciso examinar todas, e, em qualquer matéria que seja, não devemos condenar sem ouvir; é preciso comparar as objeções com as provas; é preciso saber o que cada uma opõe às outras e o que lhes responde. (ROUSSEAU, 2001, p.430).

Pestalozzi, outro precursor da Pedagogia Espírita, também pode ser considerado um exemplo de vivência dessa educação plural, visto que, no Instituto de Yverdon, por exemplo, estudavam crianças e jovens católicos e protestantes, assim como no Colégio Allan Kardec de Eurípedes Barsanulfo havia estudos das mais variadas crenças religiosas.

Portanto, uma proposta de educação pautada nos princípios espíritas valoriza a formação moral do ser, bem como sua dimensão religiosa, respeitando as mais variadas crenças existentes, através do ensino inter-religioso.

---

<sup>3</sup> Atualmente podemos contar com a coleção *Todos os jeitos de crer*, publicado pela Editora Ática em 2004. Este material foi elaborado pelos professores Dora Incontri e Alessandro Bigheto, respectivamente, pós-doutora e mestre em educação, direcionado ao ensino inter-religioso do 6º ao 9º ano.

#### 4.2.1 - O sentimento moral em Rousseau

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo, escritor e educador suíço, dedicou sua mais famosa obra, *Emílio ou Da educação*, ao tratamento sobre a educação de uma criança imaginária, o Emílio. O livro é considerado um romance pedagógico e como ele mesmo diz é uma “obra grande demais, sem dúvida, pelo que contém, mas pequena demais pela matéria de que trata.” (ROUSSEAU, 2001, p. 5).

Ao longo do livro, Rousseau vai descrevendo cada etapa da educação dada ao Emílio, deixando claro desde o início seu objetivo enquanto educador:

Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja. (2001, p. 15)

Rousseau não pretendia educar o Emílio visando colocá-lo numa posição de destaque material ou social. Ele pretendia formar um homem, um cidadão, um ser moral e, para tanto, não se prendia a uma educação nos moldes tradicionais.

Além das grandes contribuições trazidas por Rousseau, como um novo olhar sobre a infância, o reconhecimento de fases no processo educativo e no desenvolvimento da criança, o autor destacou na educação de Emílio a formação do homem moral. Para o pensador genebrino, a educação moral – ou mesmo o processo educativo em si – não se dá a partir da transmissão de valores ou comportamentos morais, discursos, pregações ou catequeses, e sim através da ação, seguindo o ritmo da natureza.

Ele induzia o educando a conflitos diários, os quais pudessem extrair conhecimentos e fossem desenvolvendo a noção de cidadania e de tornar-se um homem de bem, que em síntese era isso que o autor pretendia com sua educação. Tal prática de educação problematizadora, com reflexões e debates a partir da realidade, é bastante conhecida atualmente aos moldes da proposta de Paulo Freire.

Rousseau (2001, p.80) afirmava que “a primeira educação deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro.”

Noções como as de igualdade, justiça, autonomia, cooperação e especialmente de liberdade eram desenvolvidas a partir de situações vivenciadas por Emílio e seu

preceptor no diaadia de ambos. Ao chegar à fase da adolescência, os dois sujeitos discutiam, inclusive, sobre questões religiosas, situação em que Rousseau afirmava que “o culto que Deus pede é o do coração, e este, quando sincero, é sempre uniforme.” (2001, p.420).

É perceptível que Rousseau defendia um conceito de religião natural, em que o ser humano não precisa de intermediário entre ele e Deus. Criticava veementemente alguns posicionamentos da Igreja Católica, especialmente o caráter autoritário e coercitivo que exercia sobre seus adeptos. Tal perspectiva de religião é um dos conceitos fundamentais na obra de Rousseau, revelando que, mesmo pelo contexto da supremacia da Igreja diante da educação de seu século, ele não vinculava a educação, e muito menos a moral do indivíduo, a uma dogmatização religiosa para uma possível salvação.

Outro conceito importante é sua perspectiva de homem natural, que remete à conservação do sentimento de bondade contido em todo ser humano, desde seu nascimento, e que é corrompido no decorrer da vida pela sociedade. O autor explicita que a educação deveria seguir a ordem da natureza, respeitando cada etapa, cada momento e cada detalhe importante de ser revelado da natureza para o homem, que pode ser ilustrado com o seguinte trecho da obra aqui tratada: “Trabalhamos de concerto com a natureza, e enquanto ela forma o homem físico nós procuramos formar o homem moral, mas nossos progressos não são os mesmo.” (ROUSSEAU, 2001, p.450).

Rousseau deixou claro em suas obras o valor do desenvolvimento moral do indivíduo dentro do processo educativo, o qual não deve se dá especificamente na escola. Para ele, a educação começa na família, que deve se preocupar preponderantemente com a formação para a vida.

#### **4.2.2 – Pestalozzi: educação como ato de amor**

Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1809), também educador suíço, não se diferenciava tanto das ideias de Rousseau. Inspirado na perspectiva modernizante e emancipatória de Rousseau, Pestalozzi dedicou-se desde jovem a projetos ousados em prol da educação, especialmente dos menos favorecidos pela sociedade, como os pobres

e órfãos vítimas de guerra, conforme podemos depreender de suas próprias palavras citadas por Incontri (1997, p.90):

Confiante nas faculdades da natureza humana, que Deus colocou também nas crianças mais pobres e mais desprezadas, eu não tinha apenas aprendido em experiências anteriores que essa natureza desdobra as mais formosas potencialidades e capacidades em meio ao lodo da rudeza, do embrutecimento e da ruína, mas via, nas minhas próprias crianças, irromper essa força viva, mesmo em meio a toda a sua brutalidade.

Ele trabalhava em seu processo educativo com base no respeito às opções religiosas de cada um e, assim como Rousseau, acreditava numa religião acima das instituições e do poder, com base na fé e no amor, proporcionando uma ligação com Deus. Essa crença em Deus e no amor era destaque em suas obras pedagógicas.

Pestalozzi acreditava que em cada ser humano existe um gérmen divino que precisa de estímulo para desabrochar. Assim, o educador é como um jardineiro a cultivar uma semente que futuramente florescerá, constituindo um belo jardim. Assemelha-se à ideia de Rousseau (2001, p. 7) quando afirmava que “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem”

Pestalozzi formulou uma teoria sobre o desenvolvimento do ser humano que chamou de Teoria dos três estados: natural, social e moral. São três etapas de desenvolvimento passadas pela espécie humana e pelo indivíduo.

O **estado natural** se assemelha à ideia do homem natural de Rousseau. É o momento em que o ser humano está ainda entregue aos seus instintos. É a vivência de uma natureza básica.

Em seguida, vem o **estado social**, que é visto negativamente por Rousseau, mas em Pestalozzi é tido como o momento em que o indivíduo reprime seus desejos e instintos para viver em sociedade; ele não os perde, mas os regula e essa tentativa de ajuste pode causar-lhe conflitos internos que levam o indivíduo a neuroses ou guerras. O autoritarismo e a repressão vistos na sociedade, em especial em meio aos processos educativos e instituições, são reflexos desses conflitos e de tentativas de ajustar o homem de maneira forçada. Diferente do estado natural, aqui o indivíduo deixa de focar o olhar apenas em si e passa também a ver o outro e no desenvolvimento desse olhar do próximo.

O indivíduo chega ao **estado moral** a partir da afetividade, da solidariedade e do espírito de cooperação. Neste momento, o homem, por suas ações morais, canaliza e sublima os instintos do estado natural e encontra o equilíbrio do estado social indo além

das imposições sociais. Incontri (1997, p.146) afirma que em Pestalozzi “o desafio da educação é despertar esse ser moral, para que ele empreenda sua autoconstrução.” É perceptível, então, que a educação moral era para ele um objetivo eminentemente pedagógico.

Pestalozzi fundamentou toda sua caminhada pela educação em princípios morais. Destacou como principal desafio da educação o despertar do ser moral para que ele empreenda sua autoconstrução, e para que esse despertar possa ocorrer, o educador enfatizou a vivência do amor no processo pedagógico e esse amor ele chamou de “força elementar da moralidade”.

Para Rousseau e Pestalozzi educar – e educar moralmente – tanto é um ato de amor como de liberdade. Olinda enfatiza a liberdade como fundamento da relação pedagógica, e assim destaca:

O que é o homem verdadeiramente livre, porém? É aquele que só quer o que pode e faz o que lhe apraz. [...] A educação deve disciplinar a criança para que saiba o que lhe convém, isto é, para que equilibre seus desejos (querer) e suas faculdades (poder). Liberdade não tem qualquer relação com licenciosidade. Tanto o excesso de rigor quanto o sobejo de indulgência devem ser evitados. O educador precisa saber a diferença entre fazer uma criança feliz e estragá-la. A criança precisa ser protegida e amada, mas, sobretudo, precisa pôr-se em atividade, vivendo, experimentando, preparando-se para o reino da liberdade. (2006, p.28).

Assim, preparar o educando para o agir autônomo, realizando ações com as próprias mãos e a partir de seus interesses, é, também para Pestalozzi, não apenas um ato pedagógico, mas um ato de amor e de liberdade.

Esse amor é o tempero fundamental do método pestalozziano. O ambiente de convívio de um de seus mais frutíferos empreendimentos pedagógicos, Instituto de Yverdon, por exemplo, era de paz, de união e de amor. Não existia uma figura autoritária que mandasse nas atividades e nos métodos; existiam instrutores, preceptores que auxiliavam e orientavam uns aos outros embasados na figura amável do diretor e educador Pestalozzi.

Devemos nos convencer de que o objetivo final da educação não é o de aperfeiçoar as noções escolares, mas sim o de preparar para a vida; não de dar o hábito da obediência cega e da diligência comandada, mas de preparar para o agir autônomo. (PESTALOZZI, apud INCONTRI, 1997, p.96).

Para que esse desenvolvimento moral ocorresse, assim como em Rousseau, Pestalozzi também defendia uma educação pautada no seio familiar, valorizando o papel da mãe como primeira educadora. Para Pestalozzi, é das primeiras relações entre a

criança e a mãe que se dá o despertar moral. A partir do momento em que a criança convive e compreende o cuidar da mãe, seu amor, a relação de confiança e gratidão com ela, a criança desenvolve esses sentimentos também em relação ao próximo e a Deus.

Para Pestalozzi (1959, p. 280), a relação do homem com Deus está intimamente ligada ao desenvolvimento moral do ser: “Dios reside em esos sentimientos, y todo ele vigor de nuestra existência moral está íntimamente ligado a su conservación [dos sentimentos de amor, confiança e gratidão]”

O educador resumia sua prática educativa no trabalho da cabeça, mãos e coração que representam a educação intelectual, física e moral do ser, sendo que esta permeia todo processo educacional e é tida como base para as demais.

É interessante destacar a relação existente entre a teoria dos três estados em Pestalozzi, as fases de desenvolvimento moral em Piaget e a ainda os níveis de desenvolvimento moral em Kohlberg. O indivíduo sai de uma situação embutida no eu, como descreve Kohlberg. Em Pestalozzi, destaca-se o instinto e por consequência a amoralidade, assim como em Piaget. Em seguida, o sujeito se desenvolve a partir do social, da relação com o outro, para depois chegar à categoria moral.

É possível relacionar essas duas teorias às palavras de Freitas (2003, p.115) que afirma que “em uma sociedade em que predominam os interesses de cada um, a verdadeira cooperação é rara”. Ou seja, tanto o estado moral de Pestalozzi, quanto à autonomia de Piaget e o nível pós-convencional de Kohlberg são ainda estágios de difícil alcance para nós, mas não impossíveis, pois podemos citar o exemplo das figuras que se destacaram ao longo dos tempos com grande desenvolvimento moral, como Gandhi, Madre Tereza, Chico Xavier e Jesus Cristo. Este último é tido como maior modelo de evolução espiritual e seu exemplo também é enaltecido perante a Doutrina Espírita, como já foi destacado.

### **4.3 – A educação moral no Grupo Fantasia**

Olinda (2009) destacou, em sua pesquisa, o significado do Espiritismo nas vidas dos membros do Grupo Fantasia. A autora averiguou que o Espiritismo proporciona respostas às questões fundamentais do sentido da vida aos membros do GF, além disso, os educadores-palhaços tratam sua opção religiosa como uma Doutrina que desperta, que consola, que proporciona experiência de interação do ser e de liberdade,

além de uma Doutrina que traz aprendizado do respeito às diferenças e que abre ao diálogo inter-religioso. Sendo o Espiritismo uma Doutrina que com tantos valores da vida dos membros do grupo, justifica a base de suas atividades serem a partir da mesma.

Em uma roda de conversa com os membros do GF, pudemos conversar mais diretamente acerca da prática pedagógica do grupo e de sua compreensão de educação moral, desta forma, ficou claro que educação moral para o grupo é:

- compreender que a criança e o jovem visitado são espíritos com múltiplas experiências de vidas anteriores;
- saber que as crianças não são folhas em branco a serem escritas, são sementes a serem cultivadas, pois já trazem vivências anteriores;
- saber estimular positivamente a criança;
- está para além de formar o indivíduo para a sociedade, é formar para a vida, esta e as outras;
- não é transmitir conhecimento, mas extrair o que há de melhor nas crianças;
- educar com o bom exemplo;
- educar de forma divertida, lúdica, usando a arte como linguagem constante;
- é ter pequenas ações, com grandes resultados, mesmo que sejam a longo prazo;
- é estar em harmonia espiritual, em sintonia com a espiritualidade e com o foco no trabalho a desenvolver;
- vivenciar a moral espírita, que se diferencia de outras visões de moral, por dar uma visão mais ampla do ser humano, abrangendo a dimensão espiritual.

Kédyna, integrante do grupo, fala a esse respeito:

*Temos bastante cuidado nas programações, se vamos utilizar essa música ou aquela dinâmica é porque trabalha o respeito, ou essa peça de fantoche que trata da amizade, tudo baseado na necessidade que vemos nas crianças. Fazemos sempre atividades de cooperação, evitando a competição que as crianças dos abrigos, principalmente, tem*

*muito uns com os outros, de competir por atenção, carinho e tudo mais. Isso é planejado em encontros semanais ou mensais, é tudo pensado e bem planejado para atingir esses fins de educação moral. (Kédyna)*

Sobre a relação da moral com a religião e o respeito religioso, Kédyna Denise, Arlete e Livia destacam:

*Todas as religiões podem trabalhar a Educação Moral, mas a Espírita leva em consideração as outras existências, ela não encara uma criança de 7 anos, como uma criança que só tem 7 anos. A gente sabe que existe toda uma experiência anterior. (Kédyna)*

*Tem também o fato de algumas visões religiosas destoarem muito. Algumas são muito extremistas, intolerantes. Tem muita religião que prega a intolerância, que eles são certos e os outros estão todos errados e devem ser condenados e o diferencial do Espiritismo é nisso. Não tem mesmo como ter uma educação moral nesses princípios. Que moral é essa, que você só tem respeito, só tem caridade e amor pra quem faz parte do seu grupo? Cadê a moral do Cristo? Essa é a moral espírita. E ainda, por mais que no Espiritismo não tenha essa divisão de extremos, existem pessoas no Movimento Espírita que são radicais, conservadores e isso vem muitas vezes da falta de estudo da Doutrina, porque ela não é assim. (Denise)*

*Por exemplo, o Islamismo, é uma religião que a gente pouco conhece, e por isso gera um preconceito de pensar que eles são violentos e tudo mais. Mas, eles têm os princípios deles ligados ao Alcorão. Seguem fielmente e com certeza lá tem muitas pessoas boas, pacíficas, assim como em todas as religiões. (Arlete)*

*A Casa-Família, por exemplo, por ser uma instituição religiosa contribui para o trabalho com valores morais com as crianças, porque ali não tem um vínculo empregatício. As pessoas que cuidam das crianças não estão ali só como um emprego, estão como uma missão mesmo, no sentido de fraternidade. Isso já é um valor importante passado para as crianças. (Denise)*

*O mais legal é que as Irmãs sempre souberam que nós somos Espíritas e que não temos o interesse de trazer as crianças para nossa religião. Com o nosso exemplo elas vêem isso e a nossa relação de amizade foi se estreitando cada vez e as crianças percebem isso também! (Lívia)*

Destaco também quatro falas acerca dos resultados esperados com esta prática de educação moral, em especial na Casa-Família:

*Nos abrigos temos a oportunidade de fazer um trabalho mais substancial, pois trabalhamos por mais tempo com as mesmas crianças e podemos acompanhar as mudanças, em especial de comportamento, crianças saindo da agressividade para doçura. Sobre a Casa Família, claro que as mudanças ocorridas lá não foram só por nossa causa, tem todo um trabalho das irmãs, mas as adolescentes, que estão a mais tempo na Casa e conosco, desenvolveram interesse pelo teatro, ganharam outras habilidades, desenvolturas, passaram a ser mais resolvidas, decididas e isso acho que teve influência nossa. (Denise)*

*Os resultados vêm a longo prazo mesmo. Na Casa-Família as crianças de ontem são moças lindas hoje. Elas falam com a gente de igual pra igual quando nos encontramos na rua e não mais como “tia” ou palhaça. Existe uma relação de amizade de verdade. (Lívia)*

*O nosso exemplo também é importante. As crianças repetem tudo o que fazemos e aí tá a nossa responsabilidade, porque elas repetem o certo e o errado também. Se a gente procura sempre fazer a coisa certa, eles também fazem também e ficam menos agressivas, mais carinhosas, pedem com licença, por favor...etc. A questão é que a gente não tá sempre com eles, ajudando sempre na cooperação, no respeito. A realidade delas muitas vezes é outra. Na Casa Família e no Boa vista vemos mais continuidade do nosso trabalho, existe uma harmonia maior entre nós e as responsáveis pelos abrigos. (Kédyna)*

*Não tem recompensa melhor do que pensar que um dia eu vou sair desse mundo sabendo que vou deixá-lo um pouco melhor do que eu encontrei quando cheguei; que ajudei alguém, mesmo que tenha sido só com palavras, gestos ou exemplos. (Gabriela)*

A passagem de um comportamento agressivo para um mais saudável, amizade, companheirismo, solidariedade, respeito uns aos outros, boas maneiras, tudo isso são considerados mudanças observáveis nas atividades do grupo destacadas por seus membros. Foi acrescentado ainda melhor desempenho escolar, interesse pelas artes, melhoria no relacionamento das crianças com os responsáveis pelo abrigo e até vontade em desenvolver atividade semelhante de visitas a outras crianças.

Nas visitas observadas na Casa-Família, foi possível perceber ações que mais tarde foram comentadas pelo grupo, quando na roda de conversa li para eles minhas anotações no diário de campo. Um das situações foi quando a programação girava em torno do tema O perdão. Ao final da visita houve uma pequena discussão entre duas crianças que logo fizeram as pazes, auxiliadas pelas conversas e incentivo dos palhaços. Outro exemplo que o grupo considera como ganho a partir das visitas foi a insistência de um das crianças, de aproximadamente 7 anos, por deixar os demais acenderem a luz da sala em que estavam, fazendo um belo discurso convincente sobre a não necessidade de acender a luz durante o dia, gastando energia vinda da natureza, podendo nos fazer falta mais tarde. O respeito ao meio ambiente foi um tema bastante abordado neste abrigo em determinada época e os resultados estão em situações como estas.

Durante a roda de conversa, pedi que destacassem os valores mais presentes na prática do grupo, o resultado foi: amizade, paciência, doação, fraternidade, cooperação, oração (agradecer), bons pensamentos, boas ações, ajuda ao próximo, dedicação, responsabilidade, amor, amor à natureza, respeito com o meio ambiente, respeito à diversidade, vida e ao próximo.

Esses valores são associados não apenas às visitas, mas também às relações interpessoais no grupo. Realizei um dinâmica onde cada integrante escolheu uma meia colorida pertencente ao guarda-roupa do grupo. Também tiveram a disposição pequenos papéis e caneta. Ao som de uma música, cada integrante foi orientado a escrever nos papéis uma característica que mais admira em seu amigo. Esse papel era depositado na meia dele. Assim cada um foi fazendo seu “pé de meia” dos seus valores. Ao final, cada

um leu o que tinha em sua meia e conversamos sobre a expectativa e receptividade daqueles valores, se eles se reconheciam com aquelas características.

O resultado dos valores destacados em cada amigo do grupo foi:

- alegria e inteligência (apareceu 7 vezes cada);
- responsabilidade (6 vezes);
- criatividade, prestabilidade e sinceridade (4 vezes);
- força de vontade, dedicação, felicidade, amizade e observação (3 vezes);
- coragem, simpatia, humanidade, organização, companheirismo, energia positiva, liderança (2 vezes);
- honestidade, carinho, determinação, naturalidade, compreensão, diversão, boa vontade, disposição, ouvinte, descontração, compromisso, respeito, realista, trabalhador e amoroso. (1 vez).

Todos esses são valores e sentimentos que os membros observam no outro e consideram presentes em suas práticas.

Por fim, conversamos acerca do papel da figura do palhaço do desenvolvimento da prática educativa do GF. Os comentários destacam que:

- o palhaço faz parte do universo infantil e serve para aproximação com a criança;
- a figura do palhaço abre espaço para maior desenvoltura e liberdade perante os visitados, da mesma forma existe uma espécie de relaxamento e abertura deles com os palhaços;
- o palhaço em si já trás o valor da alegria, do amor e do carinho;
- o GF busca uma imagem de palhaço mais sensível e inocente como a criança, pois o grupo considera que a criança tem esse “dom” de ver fundo na alma de cada palhaço, até mesmo quando está sem fantasia a criança percebe o sentimento de cada palavra e de cada gesto;
- o palhaço do Grupo Fantasia é uma boa diversão. Ao mesmo tempo em que ele parece descumprir regras, porque age diferente dos outros, ele na verdade está cumprindo a regra do grupo que é levar o sorriso com amor.

Registro aqui a fala do Rafael, que avaliou o trabalho desempenhado e ainda sua visão acerca do palhaço que ele interpreta que o Grupo Fantasia vivencia:

*Falar do personagem Bitoca, foi um pouco diferente do trabalho da Ercília e à medida que eu ia fazendo, que ia escrevendo, me dava uma coisa muito boa, porque você vê um filme passando na sua cabeça, desses quase nove anos de trabalho, por isso, no início da minha descrição, eu coloquei como se fosse uma benção de Deus estar nesse trabalho. A figura do palhaço quebra muitas barreiras, facilita o trabalho de evangelização e isso é muito importante. Pra mim, não dá pra viver sem o Bitoca, talvez seja a coisa que eu mais goste fazer é estar de palhaço. E depois que eu li meu depoimento, eu vi que naquelas palavras eu tava colocando meu sentimento e fiquei muito feliz por isso. Então, acho que foi muito bom falar assim do Bitoca, visualizar a imagem do nosso trabalho. Então, eu gostei muito de falar do Bitoca e vinha muito na nossa cabeça a responsabilidade que a gente só imagina e não tem dimensão da coisa. Foi bem bacana, é como se a gente tivesse se olhando de fora, com outro olhar. Foi diferente porque no da Ercília a gente falou da gente e aqui a gente falou do nosso personagem, foi uma redescoberta. Na prática a gente tá fantasiado de palhaço e é como se ele tivesse vida própria, mas somos nós resgatando nossa infância e isso que é diferente. (Rafael)*

Vyacheslav Polumin, palhaço e coreógrafo russo, interpreta o palhaço Slava Polumin no Cirque Du soleil. Em entrevista a revista Época, ele apresenta a sua visão acerca desse personagem, que acredito ser bem próxima da visão dos integrantes do GF:

O palhaço é uma criança que abre os olhos para o mundo e quer tocar a todos. Por outro lado, o palhaço é um anarquista! Ele não quer saber de regras, só quer viver cada momento. É também um médico, que cura as almas dos espectadores. Outra coisa importante é que o palhaço representa a simplicidade em um mundo complicado, e nas coisas simples existem grandes verdades. (2010)

Para os membros do Grupo Fantasia, ser palhaço não é apenas fazer bobagens e arrancar um riso de qualquer forma do outro. Ser palhaço tem um princípio e objetivo. O riso pelo riso não é o objetivo, pois se assim for, pode-se fazer o outro rir com ações que não as desejadas pelo grupo.

Patch Adams, médico, fundador do Instituto Gesundheit, nos Estados Unidos, hospital filantrópico onde se pratica medicina gratuita com alegria e compaixão,

mobilizou a entrada dos palhaços nos hospitais do mundo inteiro. O grupo se inspira nas ações e princípios de Adams. Este destaca, em entrevista concedida ao programa Roda Vida: “Não concordo com “rir é o melhor remédio”. Eu nunca disse isso. A amizade claramente é o melhor remédio. É a coisa mais importante na vida. São nossas relações com aqueles que amamos.” (2010)

Adams se considera um ativista político, ele mesmo diz: “trabalho pela paz e pela justiça. Considero fascista o meu governo. Se não mudarmos de uma sociedade que venera dinheiro e poder para uma que venere compaixão e generosidade, não haverá esperança para a sobrevivência do ser humano neste século.” (2010)

O médico e ativista político revela uma preocupação muito maior que fazer rir. Há questões políticas, sociais, econômicas, educativas e humanitárias envolvidas em sua causa. Ele explica:

Temos feito viagens com palhaços para áreas de guerra, campos de refugiados, após o tsunami e todas essas situações. Meu filho mais velho é cineasta e levou equipes de filmagem em 14 viagens. A idéia era fazer dez filmes de uma hora para ensinar o amor por todos. Cansei de não ter nada na TV sobre amar todas as pessoas. Por que não há um só presidente que diga: "Temos de amar todo mundo!"? (2010)

O palhaço tem o poder de usar a menor máscara do mundo: o nariz de palhaço. Mas, não é para se esconder, ao contrário, é para se revelar, como diz Gabriela:

*Às vezes eu acho que uso mais máscaras sendo a Gabriela do que sendo a Farofinha, por que sendo a Farofinha eu posso ser o que eu quiser. Quando a gente coloca aquele nariz de palhaço nada é ridículo e às vezes, mesmo sendo ridículo é bonito por que a gente se torna criança de novo. (Gabriela)*

Os integrantes do Grupo Fantasia revelam que o palhaço que interpretam não é apenas um bobo. É um personagem com características bem definidas, com objetivos traçados de ajuda ao próximo e educação em contextos sociais diversos.

Para o Grupo Fantasia, o lema **Juntos por um sorriso**, o qual carrega, não implica a busca por qualquer sorriso; significa a busca do sorriso em união, na prova diária de amizade, companheirismo, amparo ao outro e no bom exemplo que o grupo oferece com sua prática de amor, dedicação, amparo social, educativo e afetivo que os palhaços-educadores proporcionam semanalmente a todas as crianças e jovens visitados.

## 5 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após compreender quem é o Grupo Fantasia, como são seus princípios e como ocorre sua atuação; compreendido também os princípios de educação moral adotados pelo grupo, que se baseia na moral Espírita; e, ainda, com base nas análises de autores como Piaget, Kohlberg, as teorias de Rousseau e Pestalozzi, somadas às atividades desenvolvidas com o grupo ao longo deste trabalho, podemos fazer dois destaques: O que o Grupo Fantasia aprendeu sobre educação moral; e o que eles nos ensinam sobre o tema.

Acerca do que eles aprenderam sobre educação moral, podemos destacar, a partir da avaliação feita ao final de cada atividade de pesquisa, que eles passaram a ter um olhar mais claro da atuação de cada membro do grupo em suas visitas. A cada roda de conversa, dinâmica e demais atividades realizadas, o grupo considerou o momento como um espaço de autoavaliação, assim como destaca Kédyna:

*É muito legal esse momento pra gente se autoavaliar também. Dentro da visita a gente liga o botão automático e acaba não percebendo alguns detalhes. Quando a gente para pra refletir e conversar sobre o que a gente faz e como a gente faz, como estamos fazendo aqui, é uma experiência muito rica. (Kédyna)*

Esta autoavaliação não se deu apenas com relação às visitas, mas também ao que levam para seus cotidianos das vivências no GF. Assim podemos constatar a partir da fala de Lívia:

*Percebi que alguns valores eu sempre tive, mas com o Grupo Fantasia eu aguicei mais. Eu tenho certeza que eu melhorei em muitas coisas por causa do grupo, eu sou mais feliz, ter vontade própria, pois antes eu fazia as coisas mais por obrigação e hoje, por exemplo, no Grupo Fantasia, eu faço por boa vontade, porque gosto e transpareço isso em outros pontos da minha vida. (Lívia)*

Disseram também que refletir sobre o trabalho do grupo gerou mais responsabilidade aos palhaços. Gostaram de pensar em grupo e fazer registro escrito de

questões tão simples, como O que é o Grupo Fantasia? Isso faz cada um reafirmar suas convicções.

A partir de estudos de textos espíritas, a compreensão da moral espírita aplicada no grupo foi validada e ampliada. O grupo mesmo pediu que houvesse esses momentos de estudos, em que foram lidos e debatidos textos sobre educação moral espírita. O conhecimento acerca da abordagem de educação moral a partir de Piaget, Kholberg, Rousseau e Pestalozzi também foi importante para o grupo, visto que, a partir dos conceitos e valores destacados por cada autor, o grupo foi aperfeiçoando sua compreensão sobre o tema, comparando, associando e vendo pontos de ligação e afinidade com os princípios da moral espírita, bem como com o que o grupo já realiza.

Os momentos de estudo e debate foram espaços de formação continuada atrelados aos objetivos deste trabalho, quando se optou pelo uso da metodologia de pesquisa-ação. A pesquisa não visou a apenas observar ou constatar, mas sim, participar juntamente com o grupo de um processo de autoconhecimento e sistematização do trabalho desempenhado que, até então, ainda não tinha sido realizado de maneira satisfatória pelo grupo. O resultado disso foi a reelaboração do Projeto Pedagógico do grupo.

Conhecendo um pouco sobre os autores usados como base teórica deste trabalho, os membros do grupo compreenderam também a importância de valores como justiça e solidariedade, para o desenvolvimento moral do indivíduo, a partir das pesquisas desenvolvidas por Kholberg e Piaget. A necessidade do estímulo para que as crianças e jovens de hoje possam se tornar adultos verdadeiramente autônomos, justos e solidários foi outro destaque dos membros do grupo.

Já o que aprendemos com o grupo sobre educação moral está atrelado à ação desempenhada por estes educadores-palhaços no campo da educação popular. O grupo não visa a uma educação moral baseada no ensino de conceitos, mas sim através de ações, exemplos, estímulo da prática de valores em espaços de educação não institucionalizados.

O grupo não pretende disseminar uma fórmula de ação como educadores-palhaços, até porque eles não seguiram nenhuma, apenas foram atuando de acordo com o contexto, contribuindo para a melhoria da condição de infância na comunidade em que residem, usando suas habilidades e princípios adquiridos pela Doutrina Espírita, tornado-se uma prática eminentemente educacional e social.

Os educadores-palhaços do GF nos ensinam que com princípios, boa vontade e um pouco de habilidade para o besteirol, é possível desenvolver um processo educativo popular. O amor, a união, a amizade e a cooperação estão na base de seu trabalho. Eles nos ensinam que educar moralmente não é ensinar conceitos de certo e errado, bom ou mal, ou ainda, ensinar no campo teórico a amar, ajudar, etc. Educar moralmente, para o Grupo Fantasia, é desenvolver atividades que proporcionem às crianças e aos jovens visitados vivenciar os valores que consideram importantes, a partir da necessidade e do contexto de cada local visitado.

Outro grande aprendizado com o grupo é a dedicação e a vontade que os membros têm para buscar novos conhecimentos que possam colaborar no trabalho voluntário desempenhado. Ao longo das atividades de pesquisa, ideias, sugestões e novas necessidades foram surgindo. Vejamos a seguir:

*A gente faz esse trabalho há quase nove anos e só agora eu sinto que a gente está avaliando realmente o nosso trabalho, porque a gente tá refletindo sobre cada ponto do que fazemos. Talvez, se ouvirmos mais as crianças, através de uma espécie de avaliação mais formal do nosso trabalho, seria ótimo para nos avaliarmos também e aperfeiçoar nossas atividades. (Kédyna)*

A relação de amizade sincera envolvendo os integrantes do grupo, sem dúvida, é fator decisivo para sucesso de suas atividades. Eles permitem-se avaliar uns aos outros, dar conselhos e fazer críticas construtivas aos colegas de grupo, que são sempre bem recebidas. As relações pessoais no grupo não envolvem disputas por poder ou destaque pessoal. A amizade entre os membros vai além das atividades do grupo ou do Centro Espírita. Todos residem próximos uns aos outros, o que permite constante contato.

Ao longo das atividades de pesquisa, participou também um ex-integrante do grupo que, aos poucos, está retomando as visitas, após 5 anos afastado. A fala de Gleisson complementada pela de Rafael mostra a afinidade entre os membros que desempenham esse trabalho e ainda a sensação de missão a ser cumprida. Vejamos:

*Tem sido legal está aqui como 'ouvinte', porque estou retornando agora para o grupo, passei muito tempo afastado e agora aqui estou tendo a oportunidade de conhecer melhor o grupo, porque ele está muito diferente de 5 anos atrás. E está sendo legal conhecer cada personagem, porque me ajuda a fazer o meu e ver o que eu quero com meu personagem de palhaço junto aos princípios do grupo. Dizem muito que eu sou palhaço, mas eu fico pensando porque eu sou palhaço? É por causa da maquiagem? Não, pois eu não uso. Acho que é por causa da alegria e do meu jeito de brincar. O palhaço deve ser assim, acima de tudo: alegre. (Gleisson)*

*É legal o que tá acontecendo com o Carlos Creisson (Gleison), porque já aconteceu com a gente. Ele está buscando o palhaço que tem dentro dele e nós já passamos por esse processo de descoberta ou redescoberta, no caso dele que já esteve com a gente. E, talvez, esses momentos de conhecimento, tudo o que a gente passa aqui no grupo, são coisas que já passamos em vidas passadas, talvez seja uma missão nossa estar aqui todos juntos nesse trabalho; talvez o retorno do Carlos Creisson seja um retorno ao caminho dele. Ele fica muito a vontade nas visitas que ele tem ido como 'estagiário', ele não perdeu a essência dele de afinidade com o grupo mesmo com tanto tempo afastado. (Rafael)*

Os conceitos Espíritas estão presentes constantemente nas falas do grupo, o que revela o quanto seus membros têm embutidos os princípios desta Doutrina. Este é o diferencial do Grupo Fantasia, porque possui uma visão mais ampla ainda das crianças e jovens visitados, pois associam os valores morais do Cristo aos princípios Espíritas. Assim, a proposta de uma educação moral Espírita transcende a ideia de uma educação cognitiva, intelectual ou pautada apenas nas conquistas do agora. A moral Espírita atribui também a conduta moral a consequências que vão além de questões pessoais ou coletivas do agora; são consequências para a eternidade. Daí o sentimento de responsabilidade e missão existente no Grupo Fantasia.

Em Rousseau e Pestalozzi, encontramos a educação moral como objetivo fundamental da educação, envolvendo a participação da família, escola e sociedade e dela derivam os demais objetivos pedagógicos. Formar o homem moral era o primeiro passo de suas propostas pedagógicas. Já em Piaget e Kohlberg, percebemos que a educação moral não ocupa lugar de prioridade como para os autores anteriores. Além

disso, para estes, ela passa a ser fruto de questões sociais, deixando a educação moral no campo das regras de conduta social, enquanto que, para os primeiros, a educação moral adquire um caráter transcendente, espiritualizado, vinculando-se à figura de Deus e ao aspecto religioso não institucionalizado.

Piaget e Kohlberg não aproximam a moral à espiritualidade, ficam apenas no campo cognitivo. Diferente da Doutrina Espírita, que aborda a moral em um aspecto espiritual, transcendente às questões sociais e materiais, vinculando-a a dimensões espirituais e divinas. Pestalozzi e Rousseau se aproximam desta perspectiva.

Pestalozzi está na base de uma educação ativista. É considerado um dos precursores do movimento Escola Nova; propunha uma educação pautada na ação, na realidade, no mundo vivido, contudo não observava o educando apenas em uma dimensão, e pretendia que sua educação contemplasse as dimensões intelectual, física, social e moral. Ele não tratou de uma educação moral racionalista demais ou afetiva demais, era iluminista e defendia a razão, mas também era puro sentimento, tanto é que carrega o título do educador que trouxe o amor para educação.

É possível tomar como referência os estudos, reflexões e pesquisas dos autores e vertentes aqui destacados para refletirmos acerca da importância da educação moral, especialmente nos dias atuais. Contudo, acrescento que não basta uma educação moral apenas no plano da cognição e do social. O ser humano tem necessidade de ir além. Por que não englobar a espiritualidade na educação moral? Uma educação moral sem o transcendente corre o risco de produzir uma moral como a do Holocausto, em que pensando em constituir uma sociedade melhor, adotou-se como meta extinguir aqueles que não se encaixavam nesse ideal.

Diante da complexidade de nosso mundo é urgente desenvolver o ser humano em seus múltiplos aspectos, especialmente nos mais esquecidos, como a dimensão moral e espiritual. Esse é o papel da nossa sociedade na figura da família, escola, instituições religiosas etc.

Não há fórmula para a prática desta educação moral. Educar moralmente é um ato de liberdade e de amor. Ninguém realiza uma ação verdadeiramente moral sob coação. Na educação da criança e do jovem, a coação, os castigos e as recompensas podem surtir efeito imediato de obediência, mas não resulta numa ação autônoma e de liberdade, que permeiam uma ação moralizada e espiritualizada. Quando a força que

exerce sobre o indivíduo cessar, o ser coagido vai dar vazão aos seus desejos e vontades reprimidas, portanto, tal coação pode ter resultado imediato, mas não consistente.

É preciso dizer que ainda não é possível encerrar a questão. Este assunto merece mais aprofundamento, reflexões e novas contribuições, porém não me parece cedo concluir, diante das perspectivas apresentadas até aqui, que para uma sociedade mais justa e moralizada, visando ao papel da educação na formação de um ser humano de bem, é preciso aprender a lidar com o amor, a liberdade, a solidariedade e a justiça, gerando uma autonomia verdadeira no ser humano. Para isso, a educação moral continua a ser estudada, pesquisada, refletida e praticada.

Destaco as palavras de Olinda (2006, p. 31) como síntese deste debate:

Na perspectiva de uma pedagogia espiritualista, Educação tem objetivos transcendentais, o que equivale dizer que há um compromisso com a espiritualização, meta esta diretamente ligada a uma vida feliz, plena, criativa e produtiva, em que os problemas e desafios são enfrentados como oportunidades de aprendizado e crescimento.

Quando, neste trabalho, adoto o termo **educadores-palhaços** ao referir-me aos integrantes do Grupo Fantasia, é por reconhecer que os componentes do grupo, ao usarem da figura do palhaço, tornam-se não apenas figuras engraçadas e divertidas, mas também educadores. Conhecendo sua trajetória, é possível encontrar no grupo objetivos bem traçados de suas práticas, pautadas numa metodologia singular, bem como planejamento e avaliação de suas ações, demonstrando que esta não é uma ação vazia de conteúdo, interesse ou objetivos, mas se tornou uma ação pedagógica sistematizada.

Os integrantes do Grupo Fantasia são educadores-palhaços com características explícitas de educadores populares, atuantes no contexto social de sua comunidade. Isto se torna perceptível ao analisar que a atuação do grupo envolve crianças e jovens carentes economicamente, órfãos, crianças em situação de risco social, com saúde debilitada nos espaços hospitalares e portadores de necessidades especiais.

É preciso que nossa sociedade esteja consciente da importância do cuidado e amparo às crianças, para que no futuro tenhamos adultos felizes e plenamente contemplados em suas múltiplas dimensões.

O Grupo Fantasia, em seu lema **Juntos por um sorriso**, atua para colaborar na melhoria da condição em que as crianças visitadas se encontram, pensando não apenas no contexto social em que se encontram, mas com o objetivo de despertar nessas crianças os bons valores que colaborarão para um bem maior nesta e em outras vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Patch. *Patch Adams: O amor é contagioso*. Tradução: Fabiana Colasanti. Rio de Janeiro: Sextane, 1999.

ADAMS, Patch. Patch Adams. Disponível em: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia\\_busca/182/patch%20adams/entrevistados/patch\\_adams\\_2007.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/182/patch%20adams/entrevistados/patch_adams_2007.htm) Acesso em: 05 jul. 2010.

BARBIER, René. *A Pesquisa-ação*. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Singularidade e normalidade do Holocausto*. In: Modernidade e holocausto. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BIGHETO, Alessandro César. *Eurípedes Barsanulfo, um educador de vanguarda na Primeira República*. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2006.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOGDAN, Biklen. *Notas de campo*. In: Abordagens qualitativas em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. *Observação participante*. In: Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

DENZIN, Norman K. *Situando campo*. In: O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. *Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia*. In: O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURKHEIM, Émile. *A educação moral*. Tradução: Raquel Weiss. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

DUSKA, Ronald; WHELAN, Mariellen. *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo – SP: Edições Loyola, 1994.

FANTASIA, Grupo. *Projeto pedagógico Grupo Fantasia*. 2010.

FAUCONNET, Paul. *A obra pedagógica de Durkheim*. In: DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Tradução: Lourenço filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREITAS, Lia. *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, S.F.T.; KOVALESKI, D.F.; BOING, A.F. *Desenvolvimento moral em formandos de um curso de odontologia: uma avaliação construtivista*. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a23v10n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a23v10n2.pdf) Acesso em: 15 out. 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INCONTRI, Dora. *A Educação segundo o Espiritismo*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia Espírita, um projeto brasileiro e suas raízes*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pestalozzi, educação e ética*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro. *Ensino confessional, laico ou inter-religioso? Qual a melhor resposta?* Revista de Educação CEAP, Salvador, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, v.. 45, junho/2004.

KARDEC, Allan. *A Gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. . *O livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

LA TAILLE, Yves de. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. *Três estudos sobre pedagogia espírita*. Material digitado e disponibilizado na disciplina Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. 2009.

LOOS, H.; FERREIRA, S.P.A.; VASCONCELOS, F.C. *Julgamento Moral: Estudo comparativo entre crianças institucionalizadas e crianças de comunidade de baixa renda com relação à emergência do sentimento de culpa*. Psicologia, reflexão e crítica, Porto Alegre, v.12, n. 001.p.. 1-19. 1999.

NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o homem e a missão*. Araras: IDE, 1991.

OLINDA, Ercília Maria Braga. *Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. . O pensamento pedagógico de Montaigne e de Rousseau: fontes para uma pedagogia espiritualista. In: COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. (Org.) *Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola: a favor da diversidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

OLINDA, Ercília Maria Braga (Org); FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque (Org). *Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire*. Fortaleza: editora UFC, 2006.

OLIVEIRA, Eliane Silva de. *A construção da experiência espiritual e sua problematização como lugar de superação dos limites do paradigma biomédico: uma contribuição para a reflexão sobre espiritualidade na educação médica*. Fortaleza, UFC, 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Fortaleza, 2008.

PESTALOZZI, Juan Enrique. *Como Gertrudis ensina a sus hijos*. Tradução Luis Fernandes G. Mexico: [s.n], 1959. 299p. Ensayos Pedagogicos.

PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PIRES, José Herculano. *Pedagogia espírita*. São Paulo: Edicel, 1986.

RODRIGUES, Wallace Leal V. *Breve história de Pestalozzi*. Franca: [s.n], 1996.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de. *Desenvolvimento Moral na Adolescência*. Disponível em: [www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0296.pdf](http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0296.pdf) Acesso em: 26 Mai. 2010.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2007.

VENTICINQUE, Danilo. Slava Polunin: “o palhaço é um anarquista”. [2010]. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153954-15220,00-SLAVA+POLUNIN+O+PALHACO+E+UM+ANARQUISTA.html> Acesso em: 10 ago. 2010.

## **ANEXO A**

### **PROJETO PEDAGÓGICO DO GRUPO FANTASIA**

# GRUPO FANTASIA

Juntos por um



## **1 - APRESENTAÇÃO**

A partir de reflexões, conversas e (re)avaliação da prática do Grupo Fantasia desde sua fundação até a presente data, julho de 2010, surgiu a necessidade de reelaborar o Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia no formato que aqui se encontra. Este material poderá sofrer novas atualizações, havendo o consenso da maioria dos integrantes do grupo. Para chegar a esta nova versão, foi imprescindível a participação de todos os membros do Grupo Fantasia, para que nestas páginas fique registrado, de maneira mais aproximada possível, quem realmente é o Grupo Fantasia.

## **2 - QUEM SOMOS?**

Somos um grupo voluntário que, através da figura do palhaço, visa propiciar alegria e uma educação pautada em valores morais às pessoas, em especial às crianças, assistidas em abrigos infantis, hospitais ou entidades filantrópicas, usando atividades lúdicas do universo infantil e a alegria característica do palhaço, tendo como inspiração o amor e a caridade do Evangelho do Cristo, segundo a visão da Doutrina Espírita e a atuação social do Dr. Patch Adams. Nossas atividades não possuem fins lucrativos e visam multiplicar os valores morais do Cristo, sem a pregação de nenhuma opção religiosa, tendo como intuito dar nossa contribuição para a construção de um mundo melhor.

## **3 - NOSSOS OBJETIVOS**

Nossos objetivos consistem em realizar visitas fraternas a crianças em abrigos, hospitais ou entidades filantrópicas, propagando, através da figura do palhaço, a lição de amor ensinada por Jesus através do sorriso, da fantasia, da arte e da alegria, utilizando métodos adequados ao nosso público alvo, as crianças. Pretendemos levar a alegria e uma proposta educativa, pautada em valores morais, não realizando apresentações apenas com fins de animação. Fazemos questão de não usar o nosso trabalho para obter reconhecimento, a fim tornamo-nos famosos ou obter retornos financeiros. Nossa ação é voluntária e, enquanto artistas da divindade, tomamos para nós a missão de ajudar ao próximo, sem que para isso seja preciso fazer preferências por idade, cor, posição social, opção sexual e religiosa, pois consideramos indispensável o respeito pelo assistido, não cabendo ao grupo qualquer ação que proporcione constrangimento para os

mesmos. Buscamos propagar o bem-estar, a confiança e a amizade, sem vínculos político-partidários ou mesmo pregações religiosas, pois levamos em nossas visitas a moral em um contexto bastante ampliado, contribuindo, através do nosso trabalho, com uma pequena parcela de ação positiva, da qual nossa sociedade necessita.

#### **4 - NOSSO PÚBLICO ALVO**

Quem está em nossa mira, bem em nosso alvo, são as crianças e adolescentes em abrigos, hospitalizadas, bem como seus acompanhantes e profissionais dos espaços visitados. Atualmente, visitamos semanalmente as seguintes instituições:

- Abrigos infanto-juvenis: Casa Família, Maria Mãe da Ternura; Abrigo Domiciliar de Maracanaú e Sociedade para o Bem-Estar da Família (SOBEF).
- Hospitais: Hospital Municipal de Maracanaú, Hospital Infantil Albert Sabin e Associação Peter Pan.

Também desenvolvemos atividades na:

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE de Maranguape) e Sociedade Espírita de Maracanaú (SOESMA) e outras instituições que nos façam convite.

#### **5 - COMO TUDO COMEÇOU?**

A comemoração do Dia das Crianças da Sociedade Espírita de Maracanaú (SOESMA), no ano de 2001, não só foi diferente de tudo que já havia sido feito no centro espírita, mas foi também a semente de um projeto que deu, e ainda dá, muitos frutos bons por onde passa. Foi em virtude dessa data que, no dia 11 de outubro daquele ano, alguns membros das atividades realizadas com crianças e jovens da SOESMA, sendo elas a Mocidade Espírita Nova Geração (MENGE) e a Evangelização Infantil, foram visitar o Centro de Apoio e Desenvolvimento em Educação Especial (CADEE), em Maracanaú, para fazer a entrega de brinquedos doados pelas crianças do centro espírita e apresentar, em fantoche, a peça *O Soldadinho de Chumbo*.

A partir dessa experiência, surgiu a ideia de criar um grupo que levasse ensinamentos cristãos e muita alegria para crianças carentes, fantasiando-se para visitá-las, semanalmente. Nascia aí o Grupo Fantasia

(GF), como uma proposta de trabalho de visitas diferenciada do que já havia no centro espírita.

Algumas semanas depois, com um pequeno projeto pronto e alguns objetivos traçados, o Grupo começava suas atividades, com 15 componentes divididos em três subgrupos. Os primeiros locais assistidos foram a Casa Família Maria Mãe da Ternura, das irmãs missionárias de Nossa Senhora das Dores e a pediatria do Hospital Municipal de Maracanaú.

Com o aprimoramento dos trabalhos, o grupo passou a visitar outros locais (além das instituições visitadas e da Evangelização Infantil da SOESMA) em algumas datas comemorativas, porém sem fugir de seu foco, as visitas semanais. Em uma dessas apresentações, na festa de Natal de 2002 do Centro Espírita Jesus de Nazaré, alguns amigos que desenvolviam um trabalho de visitas junto à Associação Peter Pan (APP) nos convidaram para visitar as crianças e adolescentes em tratamento de câncer no Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS).

O convite foi aceito, e o Grupo Fantasia passou a acompanhar, uma vez por mês, os amigos no trabalho que eles já realizavam no HIAS, aproximando-se também da APP. Então, foi mais uma parceria firmada e os palhaços entraram de vez na luta contra o câncer infantil no Ceará.

Outra parceria importante foi conquistada em 2003. Através da mãe de um dos membros do GF, a Associação de Parentes e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Maranguape tomou conhecimento do trabalho do grupo e convidou-nos para participar de uma das passeatas em defesa dos direitos dos portadores de necessidades especiais, organizada pela instituição. A partir dessa ocasião, o grupo tornou-se um aliado da APAE de Maranguape, participando de vários eventos por ela realizados. Essa parceria teve como um de seus momentos mais emocionantes a abertura do APAE Show 2006, no qual o GF se apresentou junto às crianças assistidas pela instituição.

No Dia das Crianças de 2006, teve início mais um gratificante trabalho. Através do convite do Grupo Riso de Deus, sob a coordenação de Aristides Barros, o Grupo Fantasia passou a ajudar na realização de um Dia das Crianças especial, que ocorre todos os anos no dia 12 de outubro e que visa levar alegria para crianças em vários lugares de Fortaleza e da Região Metropolitana, especialmente em centros espíritas.

Em 2007, a repercussão da responsabilidade do grupo em suas atividades fez com que a Coordenação de Infância e Juventude da Federação Espírita do Estado do Ceará convidasse o grupo para ficar responsável por um dos setores do Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará (EMECE), evento realizado anualmente no período do carnaval. Desde então, todos os anos, o GF assume os planejamentos e execução de

atividades com crianças/adolescentes de 9 a 11 anos que participam do evento, este espaço é chamado de PRE-EMECE.

O que os palhacinhos não imaginavam é que alcançariam ainda outro âmbito de trabalho, bem diferente do qual estavam acostumados. Em 2008, deu-se início as atividades do grupo junto à professora doutora Ercília Maria Braga de Olinda, membro do corpo docente da Faculdade de Educação da UFC (Universidade Federal do Ceará), como parte de sua pesquisa de pós-doutorado. O resultado foi o livro *Grupo Fantasia: Esperança, Responsabilidade e Alegria*, lançado em abril de 2009, que tem como tema central a experiência religiosa dos integrantes do GF no trabalho, fazendo também um apanhado da trajetória do grupo. Esta experiência também resultou em uma pesquisa do curso de Mestrado da UFC de uma das integrantes do GF, sobre a compreensão e a atuação do Grupo Fantasia perante sua proposta de Educação Moral.

Atualmente, o Grupo Fantasia realiza visitas semanais ao Hospital Infantil Albert Sabin, em Fortaleza, e quinzenais ao Hospital de Maracanaú, à Casa Família, ao Abrigo Domiciliar e ao abrigo da SOBEF, todos em Maracanaú.

Por todos esses anos de trabalho, o Grupo Fantasia ganhou alguns admiradores e um certo reconhecimento através de matérias publicadas no jornal *O Povo e Diário do Nordeste*, imprensa escrita de grande alcance estadual, e, ainda em sistemas de televisões locais, como na TV Cidade e TV O Povo. Mas, o que fica de mais precioso são os inúmeros afetos, as amizades, os sorrisos e, principalmente, a certeza de estar contribuindo para tornar mais feliz a vida de tantas crianças e de cada voluntário envolvido nesse trabalho, mantendo viva a esperança de um mundo em que todos vivam como irmãos.

## **6 - RECURSOS QUE UTILIZAMOS**

O Grupo Fantasia utiliza vários recursos para a realização das atividades. Os recursos são selecionados de acordo com a afinidade de cada integrante e o contexto do local visitado. O principal recurso usado é fantasia de palhaço, com direito à maquiagem e acessórios engraçados, contudo, outros materiais também são utilizados. Seguem abaixo alguns desses recursos:

### **Manuais:**

- papel para recortes, desenhos, cartões e origami;

- balões bexiga e macarrão para esculturas;
- tintas guache e naturais para pinturas em geral;
- revistas e jornais para recortes e colagens;
- massa de modelar.

#### **Histórias:**

- livros personalizados, contos, fábulas, etc;
- revistinhas em quadrinhos;
- fantoches variados: de caixa de leite, de espuma, de t.n.t., de papel e dedoches. (alguns modelos nós mesmos confeccionamos);
- histórias próprias.

#### **Jogos e dinâmicas:**

- jogos e dinâmicas cooperativas para o incentivo da ajuda ao próximo, pensando na coletividade;
- brincadeira de roda e de rua - resgatando nossas raízes.

#### **Material alternativo:**

- garrafas pet, retalhos e sucata são utilizados para confecção de instrumentos musicais e brinquedos.

#### **Recurso audiovisual:**

- vídeos documentários, desenhos animados, animações e filmes, incluindo produções de autoria própria;
- cds infantis de músicas e histórias.

#### **Teatro:**

- amador com improvisações teatrais.

#### **Instrumentos musicais:**

- utilizamos em especial o violão.

## **7 - NOSSAS VISITAS - METODOLOGIA DE TRABALHO**

As visitas do Grupo Fantasia são realizadas sempre com planejamento prévio. A cada semestre, decidimos o tema geral e os temas específicos de cada visita. Estes temas são escolhidos a partir da necessidade que se observa nos locais visitados. Os temas são adotados com base nos livros: *O Livro dos Espíritos* ou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Ambos são livros Espíritas. O primeiro contém uma síntese desta Doutrina em seus aspectos

científico, filosófico e religioso (no sentido de moral) e o segundo livro aborda especificamente os ensinamentos de Jesus Cristo à luz do Espiritismo.

Atualmente, todos os membros do Grupo Fantasia são adeptos do Espiritismo, mas desde o início não é nosso objetivo angariar seguidores para esta Doutrina, mas, sim, tomá-la como base para a vivência de princípios universais, como: amor, caridade, amizade, solidariedade e fé, independente da opção religiosa das crianças e dos jovens assistidos.

Nossas visitas ocorrem aos domingos à tarde, pois esta tem sido a disponibilidade dos membros do grupo e das instituições visitadas. Não fazemos cobrança pelas nossas visitas nem pelas apresentações teatrais feitas ocasionalmente.

Uma vez por semestre, realizamos uma reunião interna, para avaliar as atividades, fazer oficinas de arte ou estudo entre os integrantes do grupo e uma vez por ano realizamos o sorteio das equipes de trabalho, que são os pequenos grupos que realizarão as visitas semanais ao longo do ano. E, a cada três anos, elegemos um novo coordenador das atividades.

Atualmente nos dividimos em três equipes, com quatro componentes, denominados simplesmente de grupos 1, 2 e 3. Essas equipes ou grupos se revezam aos domingos através de um calendário feito semestralmente, no qual todos os domingos uma equipe fica de folga das visitas. Existe um processo rotativo de visita entre os grupos, para que cada um visite igualmente os locais a cada domingo. Caso algum componente falte a sua visita, este deverá compensar a sua falta em um de seus dias de folga.

As equipes de trabalho se reúnem sempre que preciso ao longo do ano para realizar os planejamentos das visitas, que são chamados de programações. A duração de cada visita é em média de 1 a 2 horas, de acordo com a disponibilidade do local visitado, bem como a do grupo também.

Reunidos os grupos, em posse do calendário de visitas semestral que possui as temáticas, os dias de folga e o local que cada grupo visitará a cada domingo, realizamos nossas programações, planejando que objetivos alcançaremos, as atividades que desenvolveremos e os recursos necessários.

Ao final de cada tarde de visita, nos reunimos em nossa sede, a Sociedade Espírita de Maracanaú (SOESMA), para fazer o que chamamos de mini-avaliação. Este é o momento em que cada grupo relata brevemente o desenvolvimento das atividades da tarde, destacando aspectos positivos, negativos, progressos, dificuldades, imprevistos etc. O grupo que está de folga também se encontra presente nas mini-avaliações sempre que possível, pois o objetivo desse momento é que todos saibam sobre a tarde de trabalho para acompanhar o progresso das visitas.

Nossa atuação não é a mesma sempre. Cada local visitado tem seu contexto e sua peculiaridade, por isso nossa metodologia de ação e recurso utilizados é variável de acordo com o ambiente.

O grupo também segue uma rotina geral em suas visitas, que é:

- chegar às 13h30min na SOESMA para o preparo da visita: fantasiar-se, maquiar-se e separar material para as atividades. O grupo preza muito pela pontualidade e assiduidade;
- nos hospitais, existe o cuidado para que seja levado materiais que não comprometam a saúde das crianças, por exemplo: materiais laváveis ou que possa ser doado à criança sem que haja compartilhamento do mesmo;
- aos domingos, as visitas ocorrem das 15h às 16h; na quinta-feira das 19h às 20:30h;
- após as visitas de domingo, o grupo se descaracteriza, guarda o material e realiza a mini-avaliação às 17h;
- a descrição é fundamental após as visitas, não sendo divulgados imagem ou dados pessoais dos visitados sem autorização prévia.

## 8 - A CARA DO GRUPO FANTASIA

Aqui, na cara do Grupo Fantasia, destacam-se as inspirações e referências que influenciam, norteiam e caracterizam nosso trabalho. Primeiramente, como base dessa identidade, seguem nossos princípios, nossos valores, retratados através de frases reflexivas.

### ● Amor ao próximo

*"Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos contêm toda a Lei e os profetas".*

Jesus Cristo de Nazaré

### ● Caridade

*"Fora da caridade não há salvação".*

Allan Kardec

### ● Respeito

*"Sempre é mais valioso ter o respeito, que a admiração das pessoas."*

Rousseau

● Fé

*"A Fé é a mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus".*

José, Espírito Protetor. Evangelho Segundo o Espiritismo

● Humildade

*"O orgulho divide os homens, a humildade une-os".*

Henri Lacordaire

● Trabalho

*"Busque agir para o bem, enquanto você dispõe de tempo. É perigoso guardar uma cabeça cheia de sonhos, com as mãos desocupadas".*

André Luiz. Pelo médium Chico Xavier

● Educação

*"Devemos nos convencer de que o objetivo final da educação não é o de aperfeiçoar as noções escolares, mas sim o de preparar para a vida."*

Pestalozzi

● Criatividade

*"A tarefa mais importante de uma pessoa que vem ao mundo é criar algo".*

Paulo Freire

● Alegria

*"A alegria é o adubo divino, é a água espiritual que desperta e faz crescer, no coração, a afeição mais pura pela vida e para a vida".*

Espírito Carlos. Pelo médium João Nunes Maia

● Amizade

*"Se juntássemos compaixão, amor, humor, empatia, ternura, fé, toque, criatividade e doação, e tivéssemos que usar uma palavra para definir o conjunto, essa palavra seria amizade".*

Patch Adams

● União

*"A soberba provoca a desunião, o amor, a união".*

Santo Agostinho

●Paz

*"Com o teu esforço, com o meu esforço, vamos construir esse edifício que ninguém há de destruir... A PAZ".*

Marielza Tiscate. Grupo AME

Além dos valores elencados anteriormente, adotamos a música "Antes" do Grupo AME como um hino (principalmente para o trabalho nos hospitais) que também é a cara do Grupo Fantasia:

*"Deus me faça leve, lépido, como a luz,  
Pra que eu chegue rápido onde vai doer, ainda, em você  
E antes da lágrima cair, antes, bem antes de você pedir....  
Eu já cheguei, já abracei, já enganei a sua dor".*

Como palhaços que somos, também admiramos e nos espelhamos em exemplos, ideias e ídolos que contribuíram e contribuem para a nossa identidade. Em especial, o Mestre Jesus Cristo, por quem nos intitulamos Palhaços de Cristo, e também a Doutrina Espírita e toda sua influência em nossas vidas. Abaixo algumas das nossas outras influências e ícones:



Patch Adams



As crianças



Turma da Mônica



O Circo



Carequinha



## 9 - COMO PARTICIPAR DO GRUPO FANTASIA?

Os interessados em ingressar no trabalho do Grupo Fantasia devem, em primeiro lugar, estar de acordo com os objetivos e princípios do Grupo Fantasia. Visto que estes princípios baseiam-se na Doutrina Espírita, é necessário que haja o interesse em estudá-la, em especial seus ensinamentos morais, posto que é daí que extraímos a perspectiva moral cristã, a qual é vivenciada de forma lúdica e educativa durante as atividades do Grupo Fantasia.

Para compreender melhor o trabalho do grupo, sugerimos a leitura do Projeto Pedagógico do Grupo Fantasia, bem como do livro *Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria*, publicado pela professora Ercília Maria Braga de Olinda, contendo um pouco da nossa história.

É preciso também:

- estar disposto a caracterizar-se como a figura do palhaço, visto que é através deste personagem que levamos nossa mensagem;
- relacionar-se bem com o nosso público alvo, crianças e adolescentes, interagindo, respeitando-os e compreendendo-os;
- ter habilidade com algum tipo de arte - fundamentalmente a arte do sorriso sincero e saudável - e ainda ter a disponibilidade para novos aprendizados;
- relacionar-se bem em grupo, desenvolvendo as habilidades do diálogo, escuta e fala amiga;
- ter responsabilidade e compromisso com o trabalho, sendo sempre assíduo e pontual, com tempo disponível, para as escalas de visitas aos domingos e quintas-feiras, além de momentos reservados para planejamentos, avaliações e reuniões gerais, sendo estes últimos marcados de acordo com a disponibilidade geral do grupo.

Desta forma, o(a) interessado(a) passará por um período de seis meses de adaptação. É na verdade um período para que a pessoa possa conhecer, na prática, as atividades do Grupo Fantasia. Para este período, é desenvolvido um calendário o qual o(a) "aspirante a palhaço(a) do GF" deverá, durante os três primeiros meses de adaptação, visitar de cara limpa, ou seja, sem a aparência de palhaço, todos os locais de trabalho do grupo, acompanhando todas as equipes de trabalho, participando dos

momentos de planejamento e avaliação. Nos três meses seguintes, o(a) interessado(a) fará o mesmo procedimento, contudo fantasiando-se e em busca de seu nome de palhaço(a). Ao final deste período é realizada uma reunião, em que, após compartilhar com o grupo o resumo de sua experiência ao longo do semestre, deverá, finalmente, firmar seus votos de compromisso com o Grupo Fantasia. É válido destacar que, ao longo do processo, sendo de sua vontade, o(a) interessado(a) tem toda a liberdade de desistir do período adaptativo, o que leva também à desistência, por hora, de ingressar nas atividades do Grupo Fantasia.

## **ANEXOS**

### **ANEXO 1**

#### **LEGISLAÇÃO: LEI DO VOLUNTARIADO**

Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências :

Art. 1º - Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a Instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art. 2º - O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de Termo de Adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º - O prestador de serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias. Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Lei assinada pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em Brasília, no dia 18 de fevereiro de 1998.

## ANEXO 2

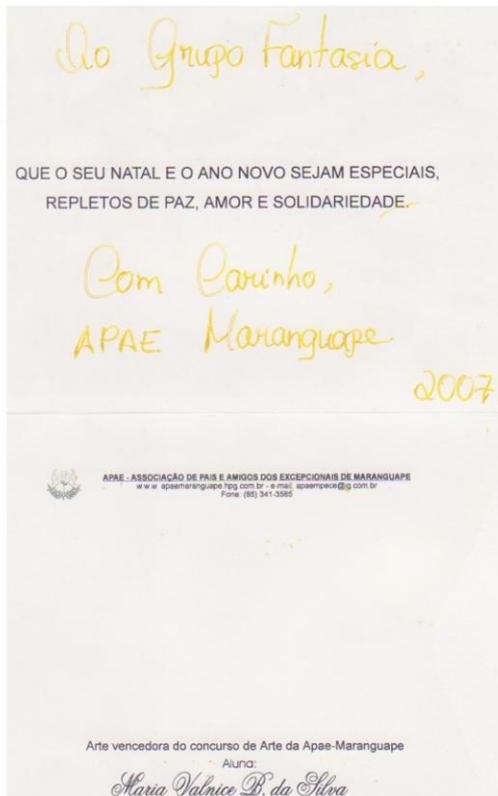
### AGENDA PERMANENTE

1º SEMESTRE	PERIODICIDADE DA ATIVIDADE	
	SEMANAL	MENSAL
<b>JANEIRO</b>		
- Reunião de planejamento geral das atividades (calendário, temas de estudo, etc)		X
- Reunião de planejamento do PRÉ-EMECE	X	
<b>FEVEREIRO</b>		
- PRÉ-EMECE (Encontro de Mocidades Espíritas do Estado do Ceará)		X
<b>MARÇO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
<b>ABRIL</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
- MOARJE (Momento da Arte Juvenil Espírita)		X
<b>MAIO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
- Reunião geral		X
<b>JUNHO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
<b>JULHO</b>		
- Reunião de avaliação do 1º semestre		X
- Encontro de Evangelizadores		X
- Encontro de Arte Espírita		X

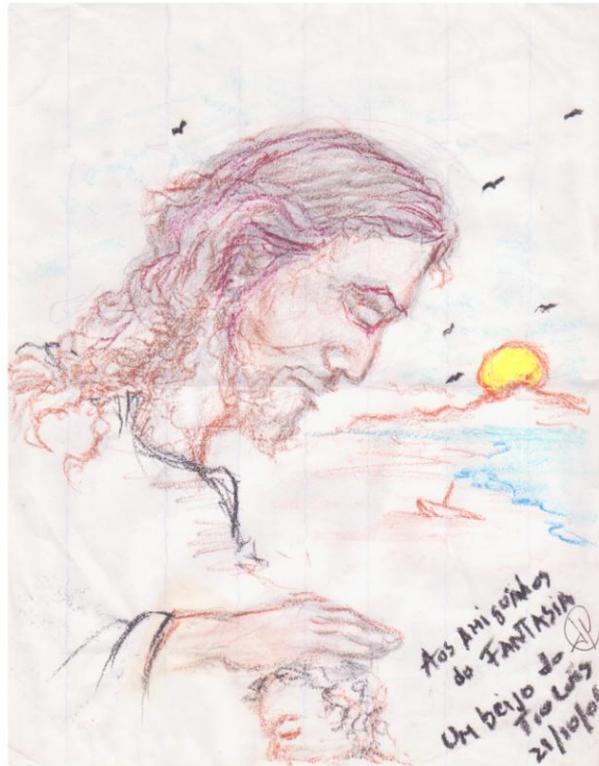
2º SEMESTRE	PERIODICIDADE DA ATIVIDADE	
	SEMANAL	MENSAL
<b>AGOSTO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
- Caminhada da APAE (Associação de Amigos e Pais dos Excepcionais)		X
- Mac Dia Feliz (Associação Peter Pan)		X
<b>SETEMBRO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
<b>OUTUBRO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
- Dia das crianças		X
- Aniversário do GF		X
<b>NOVEMBRO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
<b>DEZEMBRO</b>		
- Visitas fraternas aos abrigos e hospitais	X	
- Reunião de avaliação das visitas fraternas	X	
- Natal Espiritual		X
- Confraternização - Amigo do Palhaço		X

## ANEXO 3

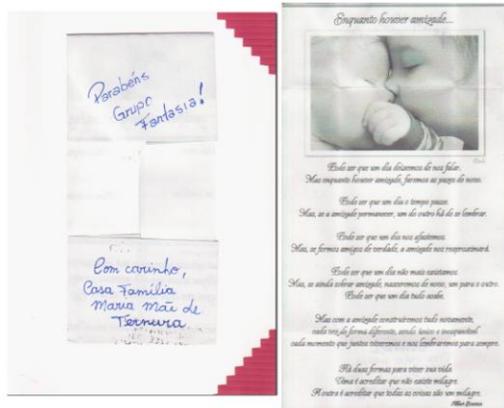
### Registros fotográficos



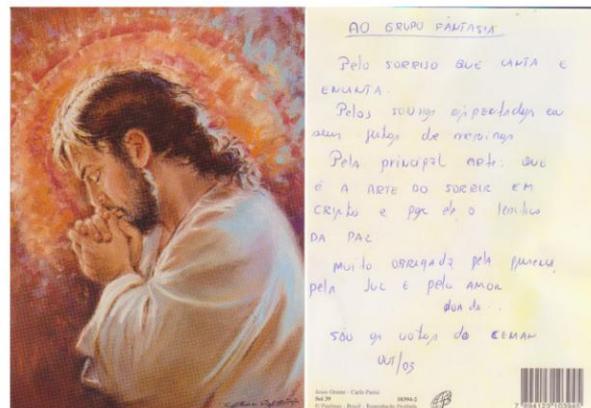
Cartão de Natal enviado pela APAE de Maranguape no ano de 2007.



Psicopictografia enviada pelo amigo e irmão Luis (carinhosamente chamado pelo Grupo Fantasia de Tio Lulu).



Cartão de aniversário enviado pela Casa Família Maria Mãe de Ternura.



Cartão de Agradecimento enviado pelo CEMAN em Outubro de 2003.



2001 - Primeira apresentação do grupo.



2001 - Natal: Casa Família



2001 - Natal: Hospital de Maracanaú



2001 - Natal: SOESMA



2002 - Outubro: CAD



2002 - Outubro: Abrigo Domiciliar



2003 - Páscoa: SOESMA



2003 - Agosto: Caminhada da APAE



2004 - Fevereiro: EMECE



2004 - Novembro: Big Mac Feliz



2005 - Julho: Hospital Albert Sabin



2005 - Julho: Caucaia



2006 - Dezembro: Casa de Ismael



2006 - Abril: MOARJE



2007 - Fevereiro: Pré-EMECE



2007 - Dezembro: Natal Espiritual



2008 - Caminhada APAE Maranguape.



2008 - Hospital Albert Sabin



2008 - X EMECE



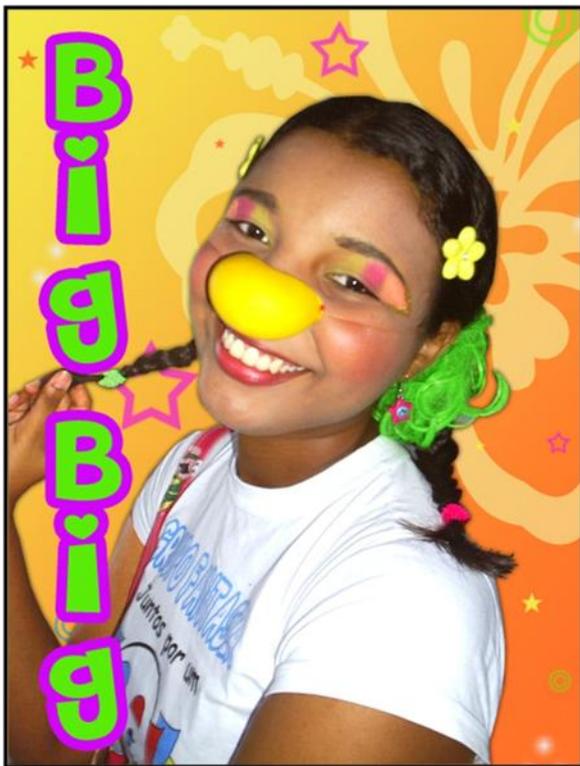
2008 - Natal Espiritual



2009 - Lançamento do Livro  
"Grupo Fantasia: Esperança, responsabilidade e alegria."

## **ANEXO B**

### **TESSITURA BIOGRÁFICA DOS PERSONAGENS DO GRUPO FANTASIA**



## BIG-BIG, A PALHAÇA DO CORAÇÃO BIG-GRANDE

Sou Edcarla e o nome da minha personagem é Big-big. Esse nome surgiu de forma sutil. Fazia uma semana que eu pensava como seria o nome da palhaça, passou a segunda, a terça, a quarta, a quinta e a sexta; e eu não conseguia ter uma ideia de como se chamaria a personagem, quando chegou o sábado no final da tarde, nos 45 minutos do segundo tempo, como se diz no futebol, fui a uma banca próxima da minha casa para comprar bombons e perguntei para o vendedor que respondeu que tinha somente Big-big: Isso mesmo! – Eu pensei. Esse vai ser o nome da personagem, tanto pela alusão ao meu tamanho, quase 1,75m de altura, que a palavra big enfatiza e por suas características de ser doce, flexível etc.

A Big-big é muito estabanada e acaba esbarrando em tudo que ver pela frente. Recordo-me que em uma visita a um dos hospitais que o Grupo Fantasia visita, ela começou a brincar com

duas mulheres de meia idade no elevador. A Big-big dizia: Vocês vão subir de elevador se tem aqui escadas de última geração que faz bem para o coração e as articulações. E ela continuou com o discurso de o quanto seria importante não subir de elevador e no meio desta fala gesticulava para que o sensor de movimento da porta não fechasse e isso mais de cinco vezes seguidas. Quando a brincadeira acabou, o elevador simplesmente não fechava, ela não sabia se ria ou chorava diante da situação, então saiu de fininho como criança que acaba de comer a sobremesa antes da refeição.

Outra característica da Big-big é de observar as crianças, eu também sou assim, e aproximar-se dos visitados que não estão na brincadeira. Porque quando uma pessoa está tendo um comportamento de isolamento é uma evidência de que ela pode estar querendo chamar a atenção e, geralmente, a maioria das pessoas se distanciam. Pode ser também que aquela criança esteja mesmo se sentindo rejeitada por algum motivo, então de qualquer forma a Big-big tenta uma aproximação. Isso aconteceu em uma visita a Casa Família. Estavam no grupo a Farofinha (Gabi), Varetyinha (Alan), Pimpolina (Denise) e Big-Big (Eu) e um dos garotos não estava participando de nenhuma forma da confecção de cartões que seria trocado entre as crianças. A Big-big se aproximou dele e tentou ajudar. Ele dizia não saber desenhar, por isso não queria participar e isso acontece muito quando vamos visitar pessoas que por algum motivo se isolam. Se simplesmente ela tivesse passado pela situação despercebida, a Big-big estaria sendo omissa diante desta ocasião.

O dia-a-dia é muito massacrante, temos uma vida cada vez mais frenética, com deveres e objetivos a cumprir e nos habituamos a passar pelas pessoas despercebidamente e nosso olhar fica restrito ao Eu. As pessoas no seu cotidiano não conseguem perceber as questões das dificuldades que as outras têm, mas a Big-big me faz ter uma visão de querer ajudar as pessoas e não ficar somente no eu. Esta é uma forma de educar. Pois, você se doa, aprende e ensina através do exemplo. Educar é perceber que todas as pessoas são importantes. Na educação institucionalizada, nos passam conteúdos sobre a terra, o céu e o mar através das ciências e não nos ensinam a lidar com as pessoas, a viver e mudar a visão sobre o contexto social, a viver os laços de amizade e familiares. Através do palhaço nada passa despercebido, tudo é tão importante e ao mesmo tempo leve e descontraído, e com a liberdade que tem de poder falar o que se pensa, ele faz com que as pessoas tenham um novo olhar diante da vida.



## O PAIAÇO BITOCA: EU, EU MESMO E MINHA FOTO!

Meu nome é Rafael Rebouças. Faço parte do Grupo Fantasia. Antes de mais nada, gostaria de registrar que é uma grande alegria, uma satisfação indescritível, uma benção de Deus a oportunidade de trabalhar com a figura do palhaço, com a personagem palhaço na metodologia do Grupo Fantasia.

Isto posto, tenho o prazer de revelar que a personagem palhaço que interpreto é o “paião” Bitoca: Bi-bi-to-to-ca-ca... Bi-to-ca! Primeiro que o Bitoca é um palhaço! Um palhaço “marmotoso”, muito divertido, brincalhão, um tanto quanto atrapalhado, por vezes desastrado, que mexe com todo mundo (especialmente implica com as meninas), que gosta de aprontar, falar besteira, escrever coisas engraçadas, que adora jogos e adivinhações, mas acredito que a característica mais nobre e marcante do Bitoca é a empatia e a afinidade

com as crianças, essa coisa de se tornar uma delas, de se dar bem e se entender com elas, de mergulhar no universo infantil da imaginação e da fantasia.

O Bitoca é um palhaço que se veste e se maquia de maneiras inusitadas, do jeito que der ou vier na cabeça. É fã da turma do Chaves, dos Trapalhões, do palhaço Carequinha, dos Doutores da Alegria e do Patch Adams! Usa um chapéu colorido, um sapato amarelo fluorescente, um relógio exagerado chamado “bobôvox” e um acessório inseparável: um pandeirinho “imortal”, desbotado e barulhento que só ele. Mas, então, como e quando surgiu o nome Bitoca? Na verdade, surgiu primeiramente pela necessidade de nos identificarmos, de nos reconhecermos e nos revelarmos como palhaços mesmo, numa das primeiras apresentações do Grupo Fantasia que ocorreu em creches do município de Maracanaú. Aliado a esta necessidade está o fato do Bitoca ser um palhaço carinhoso e gostar de mandar beijo, demonstrando assim seu amor pelas crianças. E aí ficou Bitoca que significa dar um beijinho, uma bitoquinha de palhaço!

Classicamente existem dois estilos de palhaços: o Branco e o Augusto, este último, ingênuo, reconhecidamente atrapalhado, tanto que parece estar sempre fazendo arte. Se o Branco prepara uma cena, pode ter certeza: o Augusto vai atrapalhar. Derruba sempre alguma coisa, fala o que não deve, esquece o combinado, bobagens assim... Por essas características elencadas acima posso afirmar categoricamente que o Bitoca é um autêntico Augusto!

O mais importante é que o Bitoca não é simplesmente um palhaço de diversão, de brincadeiras, mas também um palhaço de Cristo, um evangelizador, um educador juntamente com os outros palhaços do Grupo Fantasia! E essa coisa de ser próximo das crianças facilita a missão de evangelizar, de auxiliar na formação do caráter e da personalidade daquela criança. E o mais legal de tudo isso é que o palhaço se utiliza muito bem de todas as ferramentas e situações disponíveis ao seu redor, como as brincadeiras, a fantasia, as histórias, as besteiras e a amizade para educar e transmitir valores morais e cristãos, seja de forma planejada e programada, seja no improviso ou no “enrolation”. Acredito eu que a maior alegria de um palhaço do Grupo Fantasia é servir com o Cristo e ter a oportunidade de ser e de se fazer palhaço, de se identificar e de marcar positivamente na memória e na vida de uma criança, seja ela quem for, esteja ela onde estiver, e para ela, a criança, tornar-se um herói, um ídolo, um exemplo a ser seguido, ou simplesmente um amigo querido em quem ela possa confiar e amar!



## EMMANUEL E O PALHAÇO ESTICADINHO

Meu nome é Emmanuel, faço parte do Grupo Fantasia a sete anos e interpreto o palhaço Esticadinho.

A escolha do meu nome de palhaço foi um pouco convencional, admito. Nós realizamos o trabalho de visitas aos abrigos e hospitais, mas, não tínhamos a identificação individual de palhaço. Sempre identificávamos a equipe como “integrantes do grupo Fantasia”, e nada mais. Alguns integrantes assumiram o nome de personagens de alguma peça exibida, porém, apenas uma minoria. Em uma das reuniões sobre os trabalhos do semestre, foi lançada a proposta de todos adotarem um nome ao seu personagem.

Um dia, estava eu na casa de meu tio Manoel Castro, pai das minhas primas Lívia e Aline, também integrantes do Grupo Fantasia, e no meio de uma conversa descontraída, a Aline olhou-me e disse: “Sabia que o seu nome de palhaço devia ser

ESTICADINHO? Grande demais, pra cima e para os lados, carinhosamente, Esticadinho.” E quase que imediatamente concordei e adotei o nome.

O Esticadinho é o tipo de pessoa totalmente indiferente às normas de etiqueta e sem habilidade nenhuma para a pintura, escultura ou algo assim. Irreverente, vive falando bobagens, comilão, vive pedindo comida aos visitados e sempre na tentativa de ajudar as pessoas, o Esticadinho procura transformar um problema em algo divertido, bobo ou irrelevante. Todos no grupo tentamos fazer isso, da PNEUMONIA (doença no sistema respiratório) em PNEU MANIA (mania compulsiva de comer Pneus), ou de transformar bancos de madeira desconfortáveis do Hospital de Maracanaú em bancos de espera do inacabado METROFOR.

O Esticadinho, porém, é um dos poucos que consegue ir além. Identifica na própria fisionomia um motivo de risada, como, por exemplo, quando ele fala do próprio nariz, que é enorme, e que todos riem dele.

Posso inclusive constatar que usamos a maquiagem, as roupas engraçadas e o nariz de palhaço como uma forma de exteriorizar o que socialmente somos impedidos de fazer. Como heróis de histórias em quadrinhos, usamos fantasias para tirar as pessoas da realidade triste ou difícil as quais se encontram e levá-las a um estado íntimo melhor.

Nossas brincadeiras com uma boa contribuição do Evangelho de Jesus, sob a luz do ensinamento Espírita, nos propiciam levar às pessoas o conforto necessário para aquele momento.

O Esticadinho com seu jeito desengonçado, a Pipoca com sua graciosidade, o Bitoca e o Lero-Lero com seus trejeitos distraídos de ser, sempre disponibilizando toda a atenção possível aos assistidos, a Farofinha com o seu pequeno porte e sua grandiosa vontade de ajudar e todos os outros, cada um a seu modo, dá a esse trabalho tudo possível para aqueles que precisam de uma palavra amiga, ou de um ouvido paciente para lhe escutar.

O palhaço Esticadinho pode ser considerado como educador, mas de uma maneira diferente, pois mostra como, com boa vontade, um pouco de “Besteirologia” e criando situações interessantes, é possível ver melhor a situação a qual se encontram os assistidos. Ele mostra como serem mais pacientes, indulgentes, carinhosos e amigos.

Muitas vezes, o personagem assume características engraçadas e ridículas para mostrar o que não deve ser feito.

O fato que mais me marcou durante esses anos no Grupo Fantasia foi em uma das visitas ao Abrigo Domiciliar, que, logo ao chegarmos, uma criança com pouco mais de três anos de idade se assustou e parecia apavorada.

Pra mim não era novidade uma criança demonstrar medo de palhaço. Deparamos-nos com essas situações o tempo todo, mas, naquele abrigo não. Tanto pelo tempo de convivência que temos com aquelas crianças, quanto pelo fato de todas ali gostarem de brincar de escalada no “Paredão Esticadinho”. O pavor que a pequena demonstrava, confesso que no momento fiquei sem saber o que fazer.

Começamos os trabalhos da tarde, tentando deixar a criança mais calma no colo de uma das funcionárias daquele local. Tínhamos levado um filme para que assistissem para que depois comentassem conosco. Por uma questão de falta de espaço e um pouco de oportunismo meu, tive como me aproximar dela. Pedindo licença para me encostar, conversando baixo e brincando, extraí pequenos sorrisos da menina e lá pelo meio do filme ela me chamou e disse: "Ei, eu não tenho mais medo de palhaço”. Naquele instante, senti uma satisfação tão grande, que constatei ser para buscar aquele tipo de momento que eu deveria dedicar o tempo disponível ao Grupo.

Uma só frase, que mais tarde me serviu de incentivo nos momentos mais difíceis da trajetória junto ao grupo.



## FAFIFA: A ETERNA CRIANÇA

Eu sou a Fátima, estou na SOESMA desde a fundação e nem sei dizer por que acabei ficando no Grupo Fantasia, que é um grupo de jovens.

O nome Fafifa é um apelido dos tempos de escola, porque éramos três “Fátimas”, então tinha a Fátima, a Fatinha e queriam me chamar de Fatinha também, até que alguém disse “Não, é Fafifa!” e ficou. Quando fui escolher meu nome de palhaça, lembrei desse apelido muito carinhoso e decidi que ia ser Fafifa.

A Fafifa surge como uma eterna criança. Imaginem vocês que, muitas vezes, eu não consigo entender essa coisa da pessoa dizer assim “Ah, eu envelheci”, isso não existe. Na verdade, todos nós temos um pouco de criança, de educador, de pessoa que vê o outro. Então, a Fafifa atua como uma palhaça que traz muitos exemplos, especialmente para os adultos. Quando eu vejo no hospital aquelas

mães e outras pessoas tratando as crianças de um jeito grosseiro, impacientes, estressadas, eu acho que a Fafifa pode ser um exemplo pra que essas pessoas percebam que podem também brincar, sorrir e que devem estar sempre colocando à frente tudo de bom que têm por dentro. Por que, na verdade, as coisas boas que temos dentro de nós desde pequeninhos não morrem. Essas coisas não envelhecem. Essas coisas nunca enferrujam. Elas têm de estar sempre em prática para mostrar pro mundo que você existe.

O espírito não envelhece, ele é eterno. Eu acho que a Fafifa vem trazer isso pra todas as pessoas. Quando eu vejo o jovem da SOESMA envolvido nesse trabalho, eu começo a perceber que eu sou uma força, um exemplo pra eles perceberem que, apesar de tudo que têm para fazer, apesar das responsabilidades de cada um, nós estamos aqui. E nosso tempo somos nós que fazemos, quanto mais coisas temos para fazer, mais nos organizamos pra fazer melhor.

Quando vamos para os locais visitados, o estresse e as preocupações devem ficar para trás, porque o mundo precisa disso e, quando a gente se veste de palhaço é que a gente vai poder esquecer tudo o que a gente era antes e mostrar o que tem por dentro: aquela coisa boa da paz, da alegria, do encanto, da brincadeira. Eu também gosto, como palhaça, de fazer alguns resgates, como brincadeiras de adivinhações, que são coisas que eu gosto de fazer porque hoje, dificilmente, você vê as pessoas brincarem assim, brincadeiras de estar juntos, pois a humanidade precisa fazer esse resgate. Antigamente as pessoas eram mais felizes porque viviam mais juntas, não existia televisão nem outras tecnologias que fazem com que as pessoas se distanciem mais ainda. Nos locais que nós visitamos, é importante mostrar para as pessoas que é importante estar junto, sentir o calor do outro, pegar na mão, isso faz as pessoas serem mais felizes e se sentirem mais seres humanos.

É importante trabalhar essas questões com as crianças, mas os adultos que estão com elas não ficam para trás. Um momento legal que me traz lembranças boas é o EMECE, Encontros de Mocidades Espíritas do Ceará, onde estamos todos juntos, adultos, crianças e jovens. Por algumas vezes, as crianças e jovens vêm me dizer as mesmas coisas: “Por que você é assim?”, “Quando eu crescer, quero ser igual a você”. Eu digo “Como assim?” e elas respondem: “Me ensina a ser palhaço”. Eu respondo que o palhaço está dentro de cada um de nós, que é preciso deixar que ele flua. Isso vem também de adultos, às vezes até algumas mães das crianças que visitamos.

É bom como palhaça, ou mesmo como Fátima, oferecer um ombro amigo, ver pessoas se aproximarem, para desabar, talvez pela característica do palhaço que inspira nas pessoas uma certa tranquilidade, que desperta nas pessoas uma vontade de conversar, de desabafar, isso também é o nosso papel de educador, emprestar o nosso ouvido e, ao mesmo tempo, mostrar para eles que, mesmo diante da dor, eles podem sorrir e compreender o motivo do sofrimento. É mais fácil fazer isso como palhaço, porque é uma figura que inspira a alegria nas pessoas, fica mais fácil de falar, tocar. Assim como muitas crianças que chegam e tocam na gente, puxam o brinco, pegam na maquiagem, querem tirar, querem um pouquinho do nosso brilho. Isso é legal. A gente percebe que esse brilho não é só da fantasia, porque eles tentam imitar a gente, eles tentam fazer com que o brilho da fantasia fique na alma deles, isso é, para nós, uma grande responsabilidade.

O palhaço é um educador sim, um educador com as características da realidade da vida de cada um. E não tem idade. Muitas vezes, a gente lembra do palhaço com a característica de velho, porque nós vemos alguns personagens de Tv que são aqueles palhaços já carequinhas. Hoje, no Grupo Fantasia, a gente vê que o palhaço tem às vezes muito cabelo, muita tinta no rosto e, por trás disso tudo, tem uma alma bonita, que traz a alegria que o mundo precisa.



## FAROFINHA: UMA AMIGA QUERIDA

Meu nome é Gabriela, faço parte do Grupo Fantasia desde o começo. O nome Farofinha surgiu lá no abrigo, quer dizer, na Casa Família. A gente estava lá conversando com as crianças, falando que nós precisávamos ter um nome de palhaço e então uma das crianças sugeriu, não sei por que, ela olhou pra minha cara e disse que eu tinha cara de Farofinha. Eu acho que ela já tinha percebido uma das características mais marcantes da Farofinha: gostar muito de comer, não só farofa, mas tudo. Essa é uma das características que eu, Gabriela, tenho em comum com a Farofinha. Outras peculiaridades da Farofinha que eu percebo é o fato de ela ser muito desengonçada, atrapalhada, brincalhona, mas que também gosta de ser solidária com os coleguinhas. Ela está sempre dando um jeito de ajudar os amiguinhos, nem que seja a bagunçar.

Às vezes é difícil separar a Gabriela da Farofinha. A gente tem algumas características em

comum. Também tem outras coisas que a Farofinha é e que a Gabriela queria ser todo dia e não pode. A questão de ser criança, por exemplo. Uma coisa que eu me cobro muito é que eu tenho que ser mais adulta no dia-a-dia, por que o mundo cobra da gente responsabilidades, aquela postura de “gente grande”. Às vezes eu acho que uso mais máscaras sendo a Gabriela do que sendo a Farofinha, por que sendo a Farofinha eu posso ser o que eu quiser. Quando a gente coloca aquele nariz de palhaço nada é ridículo e, às vezes, mesmo sendo ridículo é bonito por que a gente se torna criança de novo.

A proposta de trabalho do Grupo Fantasia é de educação, então, de certo modo, todos nós somos educadores, cada um de uma maneira diferente. A Farofinha educa até através desse jeito comilão dela. Como a gente trabalha em hospital a gente sabe que a criança quando está doente tem dificuldade pra comer. Então, a Farofinha fica incentivando a criança a comer brincando com a comida. E tem o exemplo também. A Farofinha é uma palhacinha que se dá bem com todos os coleguinhas dela e isso acaba ajudando na educação das crianças também. Eu acho que a Farofinha, muitas vezes, consegue ser mais educadora do que eu em minha profissão (professora). Na sala de aula a gente tem sempre que cumprir com aquele conteúdo da matéria e acaba deixando pra segundo plano esse outro lado da educação que é até mais importante do que a absorção de conteúdos escolares. É mais fácil a gente entender a situação das crianças nos abrigos, o lugar social daquela criança; entender que aquilo que ela é foi algo que proporcionaram a ela. Na escola, a gente vê muito mais a questão da nota, até por que a proposta de educação da escola é diferente da que a gente utiliza no Grupo Fantasia, que é uma educação para a vida, para a formação do caráter.

Já passei várias situações interessantes e emocionantes no Grupo Fantasia, vou destacar duas: teve uma ocasião de uma pecinha de Dia das Crianças em que a Farofinha teve oportunidade de mostrar mais o que ela é. Eu lembro que nessa história ela encontrava várias crianças que precisavam de ajuda e ela acabava, do jeito bem infantil dela, resolvendo os problemas dessas crianças. Outro montô marcante pra mim foi em uma das nossas últimas visitas no SOBEF, no Mucunã. O trabalho nessa instituição é realmente mais difícil, mas eu estou notando que está havendo uma maior aproximação entre o grupo e as crianças de lá. Na última visita, eles realmente pararam para ouvir o que a gente estava falando e nós acabamos conseguindo extrair deles um retorno: o que eles vivenciam, coisas que eles sentem no relacionamento entre eles lá dentro, etc.

Bom, por fim, acho que é isso mesmo. A trajetória da minha vida segue a linha da vida da Farofinha e a Farofinha segue a da Gabriela. Para mim é separar onde começa uma e onde termina a outra. Eu ainda espero muita coisa boa no futuro do grupo, mas eu não poderia esperar coisa melhor do que o próprio futuro das crianças que a gente assiste. Nesses oito anos de trabalho nós já conseguimos ver alguns bons frutos, crianças que hoje saem dos abrigos levando, nem que seja um pouquinho do que a gente tentou passar pra elas. Não tem recompensa melhor do que pensar que um dia eu vou sair desse mundo sabendo que vou deixá-lo um pouco melhor do que eu encontrei quando cheguei; que ajudei alguém, mesmo que tenha sido só com palavras, gestos ou exemplos.



## **LERO-LERO: O PALHAÇO CAÇULA DO GF**

Dentre os palhaços do Grupo Fantasia eu sou o mais novo. É interessante como surgiu o nome do palhaço Lero-lero. Durante as visitas, no período em que eu ainda estava como “estagiário”, me preparando para realmente entrar no Grupo Fantasia, fizeram uma campanha para a escolha do nome do meu palhaço. Todos os nomes possíveis foram sugeridos, mas foi o Rafael – palhaço Bitoca – que, talvez inspirado pelas sugestões que as crianças davam durante a campanha, teve a ideia do nome Lero-lero. Achei uma boa ideia, pois o nome lembra alguém que fala demais, e acho que às vezes sou assim, principalmente como palhaço.

Fazendo relação entre o Lero-lero e o Dudu, se eu pudesse seria sempre o palhaço. As vezes o Dudu é chato e até arrogante, já o Lero-lero é sempre gente boa e por meio da ingenuidade ele tenta transmitir amor, carinho e é isso que ele sempre faz como voluntário dos locais visitados pelo grupo. É interessante, enquanto todos estão fazendo

alguma coisa, ele sempre puxa uma criança para seu colo, a fim de dar um pouco de carinho, fazer um cafuné na criança. Isso até ajuda a criança a sentir que ela pode confiar nos palhaços e ter a certeza de que pode confiar em mim. Acho que não se deve começar uma visita, uma atividade, sem antes ter tido algum vínculo emotivo entre os palhaços e as crianças.

Nas visitas, é muito bom quando estamos eu, o Varetynha e a Pimpolina! Esses são os atuais integrantes da minha equipe, é o grupo dos mais novos. Diferente do ano passado que tinha integrantes um pouco mais velhos, mas com espíritos bastante novos. Todos são ótimos, mas acho que nós fazemos um trio legal!

O Lero-lero é um educador que educa de uma forma bem sutil. Sua estratégia é fazer as crianças pensar e saber o que é o certo, por exemplo. Ele não dá lição de moral, mas com sua ação ajuda as crianças a entender. Houve uma visita no abrigo do Mucunã, que as crianças estavam super agitadas. Percebi que alguns não gostam de ser chamados de crianças, pois já se acham mais velhos. Nesse dia o Lero-lero teve que ser mais direto, conversei com alguns e mostrei que eles não estavam agindo como mais velhos e sim como crianças. Por essa conversa amiga, eles se acalmaram mais e conseguimos dar continuidade à visita, com a atividade que a Farofinha tava fazendo.

Recentemente ingressei da Universidade e, por isso, comecei a achar que iria ter mais tempo que antes, quando estava me preparando para o vestibular, mas agora vejo que não é nada do que eu pensava. Fico meio triste porque me ausentei um tempo no ano passado (2009), por causa dos vestibulares, mas fico feliz porque nesse ano as coisas estão diferentes, estou trabalhando para que isso não volte a acontecer, mesmo com a dificuldade de tempo.

É muito bom ser integrante do Grupo Fantasia, pois to aprendendo muito. Sou um palhaço que ainda tá começando a trilhar os caminhos da vida, tanto que às vezes ainda tenho vergonha de me fantasiar, principalmente quando precisamos sair na rua assim. Teve uma vez que fomos eu, a Vivalda, a Pipoca e a Big-big para uma caminhada da semana do excepcional na APAE de Maranguape. Tinha muitas pessoas lá e eu estava muito nervoso por causa da quantidade de pessoas, mas parei um pouco pra pensar e vi que não tinha razão pra ficar com vergonha, então comecei a me soltar e passei a brincar com as pessoas, passando no meio da banda de música e tudo mais. Já nas visitas é diferente, não sinto essa vergonha não. Vou melhorando aos poucos.



## A CRIATIVIDADE DE LUPITA LULU

Meu nome é Kédyna. Faço parte do Grupo Fantasia. O nome da minha personagem é Lupita Lulu. As meninas do Grupo Fantasia só querem ser a Lupita Lulu. Isso porque uma das características marcantes da Lupita Lulu é se maquiar pintando umas bolinhas e umas florzinhas no rosto. E como a Lupita é uma palhacinha que não esbanja muita criatividade para maquiagem, aí já viu! Na maquiagem só dá essa: bolinhas com florzinhas no rosto, quando não, florzinhas com

bolinhas no rosto! E assim vai! Além disso, outra característica física marcante da Lupita (e bota marcante nisso!) é que ela passa bastante *blush* nas bochechas que dá a impressão dela estar em constante insolação.

A ideia da personagem Lupita Lulu foi se construindo com o tempo. Primeiramente o nome surgiu na Casa-Família. Eu não tinha nome até então. Era a palhaça sem-nome. Assim, em uma das visitas no abrigo perguntei para as próprias crianças qual o nome que elas gostariam que o meu personagem tivesse. Como na época, a febre, a moda era um grupo musical mexicano chamado “Rebeldes” (não que eu seja rebelde), as crianças, no caso as meninas, falaram Lupita (nome de uma das integrantes deste grupo). Aí eu fiquei Lupita?... Lupita?... Lupita? Quando outra criança disse Lulu... Então pra não escolher só Lupita nem pra escolher só Lulu e ficar aquela confusão, resolvi juntar os dois nomes num só: Lupita Lulu. Ainda assim fiquei refletindo sobre o meu nome Lupita Lulu e achando que faltava alguma coisa! Então como a Lupita tem a “veia artística” para fazer paródias, e faz paródia de tudo, resolveu parodiar o seu próprio nome e acrescentou: Lupita Lulu... quem peidou foi tu! E as crianças logo gostaram e aprovaram o nome!

A Lupita Lulu é uma palhaça alegre, brincalhona, que gosta de ajudar e de fazer paródia de tudo. Basta uma música ou uma situação e uma paródia já sai quentinha, conquistando as crianças que gostam muito disso! A Lupita Lulu é uma palhacinha meio doidinha, confusa e atrapalhada porque ela não consegue memorizar o nome das crianças, aliás, não só das crianças, de ninguém! Pra vocês terem uma ideia tem uma criança na Casa-Família que o nome dele é..., mas eu insisto em chamá-lo de todos os nomes possíveis, Deucleciano, Taciano, Rogaciano... menos o nome dele.

Eu, Kédyna, e eu, Lupita Lulu, temos muitas coisas em comum e essa de não memorizar o nome das crianças é uma delas. Gostar de fazer paródia é outra. Mas também temos diferenças, tipo: a Lupita Lulu é mais corajosa que a Kédyna que morre de medo de hospital. Já a Lupita, não, enfrenta as bactérias e gosta de ir ao hospital. Outra diferença é que eu, Kédyna, não consigo olhar as pessoas colocando-as dentro de um contexto, numa visão mais geral, já a Lupita Lulu sim. Por exemplo: a Kédyna, professora, avalia o aluno ali pela nota que ele tirou e pelo comportamento na sala de aula. Já a Lupita Lulu quando tá em visita no abrigo consegue ir mais além e avaliar mais profundamente aquela criança no contexto particular dela, de como foi a vida dela, porque age dessa ou daquela maneira, etc. Um desafio pessoal é levar essas virtudes da palhaça Lupita Lulu pra minha sala de aula, para a professora Kédyna e assim me tornar uma professora melhor.

Mas assim como a Kédyna, a Lupita, bem como os demais palhaços do Grupo Fantasia, também são educadores, educadores morais, por trabalharem a criança e seus valores num aspecto amplo, enxergando o ser no contexto social, sentimental, espiritual e lúdico e avaliando como

nossas ações e atitudes repercutirão em cada criança, auxiliando-as em sua transformação. Esse é o papel do palhaço do Grupo Fantasia.

Uma situação que exemplifica bem a ideia acima é a de um garotinho da Casa-Família. Uma criança acanhada, que inicialmente nas visitas tinha um medo, um pavor dos palhaços e logo começava a chorar. Não queria chegar nem perto. Com paciência tentamos trabalhar com ele, aproximar-se aos poucos, ganhando sua confiança e hoje testemunha-se uma transformação nessa criança, que agora participa de todas as programações com os palhaços, não pára de falar e declara todo o seu amor e carinho pelos palhaços.



## DENISE E A PALHAÇA PIMPOLINA

Meu nome é Denise e eu sou a palhaça Pimpolina. Ela é uma palhacinha muito patricinha, que gosta muito da cor rosa... É meio chatinha de vez em quando, bem mais com os outros palhaços do que com as outras pessoas. O nome foi ideia da minha irmã Gabi (Farofinha) e eu acho que tem tudo a ver. Lembra *piccolina*, que é pequenininha em italiano, e lembra uma coisinha assim, fofinha... Eu gosto, apesar de ser um pouco complicado, porque as crianças muito raramente acertam de primeira.

A Pimpolina é como uma extensão de algumas coisas que eu sou. Eu também sou um pouco perua, paty, só que ela é mais, ela exagera essas características. Até porque, acho que não só eu, mas todos nós sentimos uma liberdade maior quando estamos de palhaços. Nós fazemos coisas que às vezes temos vontade de fazer quando não estamos fantasiados, mas que, logicamente, não fazemos por uma questão de convívio social. Por

exemplo, uma vez nós estávamos brincando com uma moça (também super patricinha) num McDia Feliz, ela disse que alguma coisa era brega e eu falei: “Brega? E essa tua sandália?!” Pior é que a sandália dela era estranha mesmo, mas eu nunca diria isso se fosse a Denise ali, e não a Pimpolina.

Outra coisa que a Pimpolina e eu temos em comum é o gosto pelas artes manuais, principalmente o origami. Eu sempre gostei disso e, no grupo, é uma ferramenta a mais para trabalhar com as crianças, principalmente porque essas atividades permitem não só que as crianças aprendam algo diferente, mas também é outra forma delas se expressarem, superarem os próprios limites e trabalhar a capacidade de concentração.

Além da personalidade da palhaça ter mais aguçados alguns pontos da minha própria, tem também uns cuidados que a gente toma por estar lidando com crianças. Então, por mais que a Pimpolina seja um tanto chata, ela tem mais paciência do que a Denise. Tanto que é mais difícil ter esse trato com os outros palhaços, porque, como nós estamos acostumados a lidar uns com os outros sem estarmos fantasiados, e o hábito torna mais difícil essa mudança de postura. Com as crianças, nós temos mais habilidade pra lidar com algumas situações. Mesmo quando alguma delas está “pentelhando”, a gente vê que está ali para cuidar dessas coisas também, para fazer com que ela perceba que pode ser melhor. Então, o palhaço também ganha mais jogo de cintura.

Há também a questão da educação. Eu acho que todos nós somos educadores, mas nós fazemos isso melhor juntos que separados. Porque cada um tem características próprias que são trabalhadas melhor quando somos um conjunto, quando, por exemplo, a Pimpolina corrige as falas erradas do Varetyinha, ou o Bitoca contorna a impaciência da Vivalda.

Quando eu estou de palhaça, eu tenho muito mais facilidade de me aproximar das crianças, principalmente dos bebezinhos. Essa questão de aproximação com as crianças me lembra de uma situação que aconteceu no abrigo SOBEF. Tinha um garotinho de uns nove ou dez anos, que já tinha jeito de adulto, provavelmente por conta da própria história de vida, ele parecia um homem pequeno. Não só isso, mas um homem carrancudo, que não sorria. Certa vez, estávamos eu e a Farofinha tentando brincar com ele e alguma de nós duas estalou os dedos. Ele começou a tentar fazer isso também e nós fomos ajudar. Quando ele finalmente conseguiu, foi a primeira vez que eu vi aquele menino se encantar realmente como uma criança, dar um sorriso de criança. Deu pra ver o

quanto uma coisa tão boba pode fazer com que a gente se aproxime de um garoto, à primeira vista, tão difícil.

Além dessa abertura maior para lidar com as outras pessoas, tem a questão de perceber melhor os outros quando estamos fantasiados. No trabalho, ou na faculdade, eu estou muitas vezes tão ocupada, tão preocupada com as coisas que tenho pra fazer, que eu não percebo do que as outras pessoas estão precisando. De palhaça, eu presto mais atenção nas pessoas, especialmente nas crianças, porque é o nosso trabalho. Isso acontece mais nos abrigos, porque já conhecemos as crianças de lá. E, mais que isso, nós ganhamos mais sensibilidade pra saber o que fazer nas situações em que percebemos que alguma delas está diferente e também mais atitude pra ir lá fazer alguma coisa, mesmo que seja alguém que acabou de chegar, com quem nem temos tanta intimidade assim. Isso tem a ver também com um sentimento de dever, de responsabilidade, que criamos quando estamos fantasiados. Se esse é o meu trabalho, se eu estou ali pra fazer alguma coisa por alguém, especialmente pelas crianças, eu não posso ver que estão precisando e simplesmente fingir que não estão.

Por isso, quando algum lugar, ou alguma criança específica está precisando, nós conversamos, o grupo todo, pra ver como podemos agir para ajudar. Isso, eu acho que não só o trabalho em si nos deu, mas principalmente a figura do palhaço, por que ela faz com realmente nos sintamos pessoas diferentes e, com essa pessoa diferente vem todos aqueles valores que, muitas vezes, esquecemos no dia-dia.



## PIPOCA PITUCA MENINA MALUCA

Olá, meu personagem tem um nome pequeno, fácil de aprender e é muito gostoso afinal quem não gosta de Pipoca? Pois é, meu nome é Pipoca.

Quando foi sugerido para cada um ter seu nome foi legal, porque antes não tínhamos nosso nome definido, só o Bitoca e a Vivalda. Foi interessante! Eu passei duas semanas para escolher esse nome e quem escolheu foi uma amiga que, na época, fazia um curso comigo, a

Ana Freitas. Eu estava conversando com ela, disse que estava procurando um nome de palhaça, ela simplesmente olhou e disse: “Tu tem cara de Pipoca.” Eu perguntei “Porque?”, ela não soube dizer, mas eu gostei imediatamente. Porém, estava faltando alguma coisa. Então, eu estava conversando com minha prima, a filha dela ouvindo me chamou de Pituca, então eu juntei um nome com o outro e deu certo só que a Lupita que é muito esperta completou meu nome e hoje meu nome é Pipoca Pituca Menina Maluca. Ficou muito bom, eu adorei!

A Pipoca tem muitas características que eu adoro fazer, por exemplo: o trabalho manual, como desenhar. Esse é um ponto forte, pois adoro, tanto desenhar no papel quanto fazer maquiagem. Tem também as esculturas com os balões e os penteados. Além, é claro, do básico: as brincadeiras. A Pipoca tira uma onda com todo mundo, tentando dessa maneira extrair o que de melhor tem em cada pessoa. Os adultos também entram nessa, pois alguns têm um dia tão estressante que às vezes se esquecem de uma coisa tão importante que é sorrir. Faz bem para alma e para o corpo. A Pipoca é assim: alegre, cativante e adora fazer amizades.

A Pipoca também educa, do jeito dela. Chega de mansinho fazendo com que a criança mostre seu lado bom. Elogiar a criança é importante para que ela não esqueça que aquele bom ato dela foi legal e pra ela repetir. Assim, ela vai aprendendo que bater dói, falar palavrão é feio e que ficar com raiva é ruim. Todas essas boas ações que a gente passa através do lúdico nas pecinhas, das brincadeiras, dos jogos e dinâmicas. Então, considero a Pipoca uma educadora sim, não sei se das melhores, mas uma boa educadora procurando se aprimorar cada dia mais.

Um bom exemplo disso aconteceu no Hospital infantil Albert Sabin, na enfermaria do bloco C, que nós visitamos. Tinha, em um dos leitos, uma criança de aproximadamente uns 5 anos e um já mais rapazinho do lado dele, que, pelo câncer, tinha perdido a perna esquerda, e o menino, como toda criança, excelente observador e verdadeiro, falou pra mim: “ei, tia, ele não tem uma perna.” Eu disse que não tinha problema, pois ele tinha a outra perna e que ele ia ganhar uma perna nova que ele não ia sentir tanta falta da que perdeu. Mas, como toda criança muito inquieta, ele não gostou da resposta e insistiu que o menino ao lado não tinha uma perna e eu muito calmamente e no estilo Pipoca de ser expliquei tudo de novo, ele olhou pro menino e olhou para mim e parece ter entendido. Então, a gente tenta através da brincadeira ou de uma boa conversa, sem constrangimento, ensinar um jeito bom de viver.



## EU SOU VARETYNHA!

Meu nome é Alan Diniz Bacelar, sou integrante do Grupo Fantasia e interpreto o palhaço Varetyinha. No início, o Varetyinha era inspirado em dois palhaços: O Tiririca e o Bitoca. Então existia aquela mistura do palhaço inocente, amigo, bobo e sem maldades (Bitoca) com o jeito desengonçado e “abobalhado” do Tiririca.

Foi em uma apresentação da peça “Mediunidade é coisa do bem”, também conhecida como “Babau”, devido ao enredo da história falar sobre essa figura, que o Varetyinha começou a ganhar suas próprias características. Essas características foram buscadas a partir da minha infância.

Muitas pessoas diziam que eu era exagerado, então o Varetyinha passou a ser mais exagerado ainda. Ele continuou com as características do palhaço sem maldades e também passou a ser um palhaço “burro”, porém, esperto.

Burro no aspecto de alfabetização e esperto no sentido de aprontar com os outros pra seu benefício. Veste-se todo “marmotoso”, usando roupas extravagantes, como cueca de bolinha sobre um bermudão rosa, fantasia do Super-homem (Meu super-herói favorito, assim como do Varetyinha) misturada com acessórios de palhaços, etc. Ele também adora música, violão e dança - ele tem um ritmo próprio! E pra completar, como muitos meninos, é louco por futebol, apaixonado pelo Flamengo e pelo Ferroviário, time cearense, chegando a mostrar isso nas suas fantasias também.

O nome “Varetyinha” foi escolhido pelo nosso amigo, Rafael. Literalmente ridicularizando a minha pessoa por conta de uma, não muito notória, falta de carne. Essa característica física (que daqui a alguns meses não existirá mais, pois estou lutando para ganhar mais uns quilinhos) se tornou o ponto forte, a chave do sucesso, o *Grand Prix* do Varetyinha. Essa característica é bacana pelo fato de ser usada de uma maneira diferente. Conheço muitos palhaços, inclusive profissionais, que costumam criar piadas dos que os assistem. O Varetyinha usa de forma contrária. Ele faz a piada com ele mesmo, ou seja, ele é a piada.

O Varetyinha é um educador? Por um lado, a resposta é SIM. O Varetyinha usa um método diferente de educar. É o que eu chamaria de “Não faça o que eu faço, porque isso é ridículo” (Seria mais ou menos isso...). Ele tenta passar pra criança que aquilo que ele tá fazendo é errado. Ex: Falar errado, atrapalhar uma explicação, se alguém disser: “Isso é errado”! O Varetyinha vai lá, faz e se “dá mal”. Dessa forma a criança já percebe que aquilo é errado e já passa a corrigi-lo e vai guardar isso no seu “banco de dados”, ou seja, na sua cabecinha difícil.

Situações que retratam bem isso acontecem, na maioria das vezes, nos abrigos: Um dos palhaços explica o tema da visita, por exemplo e o Varetyinha faz “aquela” afirmação que diz tudo o contrário do que se foi explicado. Exemplo: “Ah! Então eu tenho que bater no coleguinha pra ele me dá um abraço. É isso?” (Ó o doido!!!).



## LÍVIA E VIVALDA: APRENDENDO COM ALEGRIA

Oi gente, meu nome é Livia da Silva Sousa e vou falar um pouco da convivência com essa personagem maravilhosa que é a Vivalda.

Esse nome, não lembro muito bem quem colocou e nem quando surgiu. Dizem que foi o Bitoca Boboca Cara de Minhoca, na verdade o Rafael, quem colocou o nome dessa palhacinha, nas primeiras apresentações teatrais do grupo, em especial quando o Bitoca e a Vivalda foram se apresentar na comunidade carente do Jardim Bandeirante, localizado na Pajuçara, em Maracanaú. É a primeira lembrança que tenho do nome Vivalda. Mais Tarde, depois de alguns anos, a Vivalda, com medo de se perder nos parques de diversões da vida, acabou tirando o RG (Registro Grupal), com o nome Vivalda Mafalda Cara de Fralda.

Para melhor entender a personalidade da Vivalda é só me lembrar de uma personagem do

Maurício de Souza em “A Turma da Mônica”. A Mônica é durona, mandona e ao mesmo tempo sensível. Assim é a Vivalda, com um pouco mais de exagero, é claro!

A Vivalda é chorona, “gasguita”, podendo até incomodar alguns dos meus irmãos palhaços. Fala tão alto que até o Peter Pan escuta lá na Terra do Nunca. Adora rir, quer dizer, rir é um jeito singelo de falar, pois a Vivalda solta altas gargalhadas e quem estiver por perto começa logo a rir também. Podemos dizer que ela tem o riso frouxo.

Outra característica que eu gosto na Vivalda é a relação que ela tem com as crianças, pois elas gostam muito de conversar com a Vivalda. Eu percebo essa ligação do personagem com maior intensidade dentro dos hospitais, quando as crianças falam dos seus segredos, medos, alegrias e sonhos. Até hoje não comento com ninguém do Grupo Fantasia, esses momentos secretos entre a Vivalda e as crianças, seus desabafos, dúvidas entre outras coisas que eu respeito muito dentro desse trabalho maravilhoso que o Grupo Fantasia desenvolve.

Mas essa conectividade entre as crianças e a Vivalda não é muito diferente dentro dos abrigos. A Vivalda também ama música. Tocar violão é o que ela mais faz nos abrigos. É fã do grupo musical Trem da alegria, das músicas infantis da Eliana e da Xuxa, daquele tempo da década de 80. Ela adora aprender as músicas que as crianças ensinam e que gostam de cantar na escola, por exemplo. Gosta muito de contar histórias, pois envolve as crianças nesse mundo de fantasia. Também adora fazer escultura com balão macarrão, pintar, assistir filme com as crianças, comer pipoca, muito chocolate e tenta até hoje aprender alguma coisa de origami com a sua amiga Pimpolina.

A Vivalda também gosta de estudar, até realizou mais um de seus milhões de sonhos – aprender a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. É muito legal aprender outra língua, conversar em silêncio. Ela tem muitos amigos que são surdos e que ensinam muitas coisas pra ela. Com isso acaba ensinando também aos outros palhaços do grupo quando eles estão tentando conversar com algum surdo.

Outra característica do meu personagem é a maneira de se vestir, a Vivalda não gosta de roupas apertadas, pois ela gosta de estar sempre bem à vontade. Adora verde e amarelo, principalmente nas maquiagens e como a Livia usa óculos, e, conseqüentemente, a Vivalda também, ela tem que aumentar os olhos para que passe do desenho dos óculos, então ficam bem

destacados. Ela tem dois tipos de nariz de palhaço e acaba variando e combinando a roupa ao nariz, ou usa o verde ou o amarelo. Fica até bem Brasileiro!

Falar sobre a Vivalda me faz lembrar de um fato interessante que aconteceu em uma reunião realizada na Associação Peter Pan (APP). Eu, Lívia, fui representando o Grupo, normal, sem nada que identificasse a Vivalda. Sempre quando tem alguma reunião em que eu participo como atual coordenadora do Grupo, gosto de ir com a camisa do mesmo, pra melhor identificar, mas nesse dia eu não estava com a camisa e não fui. Pra minha surpresa, um rapaz me abordou na entrada da APP e disse todo alegre: “Vivalda!!!”. Eu fiquei sem ação e ele continuou: “Olha, eu comprei viu! Comprei igualzinho ao que tu tinha dito pra mim”. Fiquei sem entender nada e perguntei: “o que mesmo que você comprou?” Então ele explicou: ficou repetindo que eu era a Vivalda e contou que há muito tempo ele ficou internado lá e eu havia contado uma história pra ele, de um meninozinho que morava em outro planeta e que cuidava de uma rosa que linda... Ele estava falando da historia do “Pequeno Príncipe”. Eu fiquei surpresa quando recordei da situação e longo entendi tudo. Fiquei feliz por ele ter me reconhecido sem fantasia e ainda dele ter lembrando da história que a Vivalda havia contado. E o que ele tinha comprado era o livro dessa história, porém, igualzinho ao da Vivalda. É que nesse dia que ele relatava, eu havia contado a historia, mas não contei o final, disse que meu livro não tinha a última pagina, pois estava rasgada e que ele podia inventar um final pra ele. Pra minha surpresa, quando ele saiu do hospital, fez questão de comprar um livro do jeitinho que a Vivalda tinha dito, foi em um Sebo e achou um livro do Pequeno Príncipe faltando a última página, não sei como ele conseguiu isso, mas fiquei super emocionada com aquela atitude daquele menino, que na época era apenas uma criança e hoje casado e curado do câncer, não esqueceu da mensagem da Vivalda e fez mesmo o sua própria continuação da história.

Fiquei minutos pensativa, agradecendo pelo trabalho maravilhoso o qual faço parte e percebi mais ainda o quanto são importantes esses momentos. Achamos que as crianças nunca irão guardar em suas lembranças o que fazemos ou falamos, mas elas guardam sim. Achamos que elas não gravam nossos rostos, mas elas gravam muito mais do que pensamos e gravam também a essência daquele momento, as palavras e os ensinamentos.

É por isso que considero a Vivalda e os palhaços do Grupo Fantasia grandes educadores. Fazer um carinho, ouvir, sentar perto, ficar calado juntamente com a criança, isso também é educar, pois educa o sentimento. Os nossos bons exemplos ficam marcados nos coraçãozinhos das crianças e jovens que visitamos. Até quando a Vivalda tem suas doidices de falar alto, vem logo outro palhaço e desfaz a má conduta dela. Quando ela briga e insulta com outros palhaços, logo vem algum outro palhaço e desfaz a ação. Isso é educar em parceria, através de nossas ações coordenadas. E as crianças guardam isso. A Vivalda observa valores dentro do ambiente hospitalar, por exemplo, acertos e erros de conduta dos profissionais, procedimentos em pacientes, ajuda até familiares nos momentos de óbitos de pacientes queridos e tudo isso é uma troca de aprendizagem entre a Lívia e a Vivalda.

Nesses quase 9 anos de trabalho, a Vivalda ensinou e ensina muitas coisas pra Lívia. Lições de vida, amor e superação que vou levar pelo resto da vida. A Vivalda sempre existiu, apenas estou descobrindo o seu mundo, as suas cores e seus gostos, vestindo as suas roupas, usando sua maquiagem e vivendo seus momentos. A Vivalda me ensinou a valorizar o momento da visita por mais simples e curto que seja, a ser simples e maleável com as pessoas e com as diversas situações que o trabalho em grupo exige, por isso eu amo tanto a Vivalda!